

CULTURA POLITICA

A
TRAICÃO
BURGUESA

ROLÃO PRETO



PRO DOMO - LISBOA

CULTURA POLÍTICA

PUBLICADOS :

- 1 — O Problema das Elites no mundo moderno
de *Carlos Selvagem*
- 2 — A Revolução Francesa e suas conseqüências
de *António de Sêves*
- 3 — Da Unidade Nacional
de *Américo Chaves de Almeida*
- 4 — A Chave da História de Portugal
de *J. A. Vaz Pinto*
- 5 — Os Caracteres da Monarquia
de *A. J. de Gouveia Pinto*
- 6 — Cartas de um Português
de *Da Cunha Dias*
- 7 — A Democracia no pensamento de S. S. Pio XII
- 8 — Na Agonia do Despotismo
de *Fernando de Aguiar*
- 9 — As Ideias Políticas de Gil Vicente
de *F. E. de Tejada Spinola*
- 10 — A Sátira Política em Portugal no século XV.
de *F. E. de Tejada Spinola*
- 11 — Madrugada do Espírito
de *Plínio Salgado*
- 12 — O Destino da Pátria Portuguesa
de *Ernesto Gonçalves*
- 13 — Obrigações do Vassallo
do *Marquês de Penalta*
- 14 — O Novo Príncipe
de *Gama e Castro*
- 15 — Instituição da Nobreza
de *Domingos Mauricio, S. J.*

ROLÃO PRETO

A
TRAIÇÃO
BURGUESA



LISBOA-MCMXLV

PARA OS
MEUS FILHOS

INTRODUÇÃO

DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Engana-se todo aquêlê que julgar ver neste trabalho uma intenção negativa, um desejo de juntar à grande fogueira uma acha a mais, um propósito de aumentar a violência destruidora dos tempos.

Não! Denunciando ao povo os malefícios do espírito «burguês», a sua ganância, o seu egoísmo, a sua vaidade — tôdas as razões da sua traição, anima-nos tão sòmente o salutar interêsse de lhe mostrar os perigos que o espreitam na medida em que tornando-se massa actuante na economia, na política e no campo das fôrças do espírito, se propõe desalojar a Burguesia das suas posições, arriscando-se ao mesmo tempo a deixar-se penetrar pelo «clima» que nessas posições habitualmente reina.

Outro equívoco que poderia nascer da crítica desprevenida ou mal intencionada dos sucintos capítulos que aqui se alinham, teria porventura a sua origem numa má interpretação do processo histórico que o autor teve de evidenciar para que mais facilmente se entendessem as virtudes e os vícios da acção burguesa.

Talvez, que este método, por vezes um pouco linear e cru, possa provocar reparos de caricatural ou intencionalmente desapiedado.

Na verdade porém, a natureza deste livro, que não se pretende nem se podia desejar fôsse uma dissertação de filosofia da História, não consente que se alonguem delineamentos e esbatam conclusões à procura de fórmulas que limem as arestas vivas dos factos e das suas conseqüências mais evidentes. Há pois que atribuir-se-lhe a desalegância de certa sistematização necessária a um critério de interêsse que as imposições desta hora

de luta inquietadoramente avara de tempo, reclamam.

Estamos numa encruzilhada difícil, onde os destinos se vão decidir para toda uma época da História. Mais do que nunca as palavras surgem armadas e em combate, prontas para servir. No rápido e decisivo lance para que todos se aprestam é justo que se recuse qualquer caminho que não seja o que mais rapidamente conduza aos imperativos da acção.

Este livro visa um mal, um dos grandes inimigos do homem e do mundo, o «mal burguês».

O mal burguês tem corrompido as idéias, os sistemas, os espíritos, hoje como ontem, onde quer que os homens se agrupem e não consigam manter as virtudes materiais de um forte carácter e de um coração puro, verdadeiros pontos de apoio da sua nobreza de homens.

Denunciando esse mal, que corrói através dos

tempos sociedades e instituições e que por circunstâncias especiais corrompe de uma maneira particular as sociedades liberais e contemporâneas — denunciando esse mal — não se visa de nenhuma forma combater a Burguesia quando ela se traduz nas características e vantagens das classes médias, base útil da actual civilização.

O «mal burguês» é exactamente a doença das classes médias, a traição que as faz renegar a sua missão de salvaguarda das liberdades públicas e do bem comum. Essa doença bem manifesta no apodrecimento dos povos em decadência, está porém sempre grassando por toda a parte, amolecendo e desnaturando uns, tornando duros e soberbos outros, arrastando dia a dia os valores das sociedades humanas por caminhos onde elas se perdem ou desvirtuam para sempre.

Nesta hora sombria que soou para o mundo mercê de tantos erros e loucas intenções dos seres

humanos, a traição burguesa não pode esconder-se aos olhos de quantos serenamente perscrutam as responsabilidades que conduziram à catástrofe. Democratas, nacionalistas, comunistas todos foram tocados do espírito deletério e todos, pela mão dos responsáveis, atraçoaram... Atraçoaram uns a liberdade, outros o interêsse nacional, outros ainda o verdadeiro sentido de comunidade — todos atraçoaram o Homem, o homem na sua inquietação de justiça e no seu anseio de perfeição ideal, o homem que eternamente sofre e eternamente espera.

Todos, no entanto, — comunistas, nacionalistas, democratas, — foram conduzidos, orientados, inspirados pelos burgueses. A todos, pois, poderá interessar êste trabalho, em que se mostra as diferentes maneiras de que se reveste a traição burguesa, fixando-a ao longo dos tempos e dos acontecimentos naqueles pontos de referência es-

senciais que a denunciam como uma constante inimiga do Homem e da sua grandeza.

*

Sobre a grande noite do mundo sopra o vento renovador que anuncia a madrugada de uma nova era. Está em marcha a mais profunda e mais vasta revolução de todos os tempos... Quem duvidará, porém, que as cidades destruídas, os campos devastados, os milhões de mortos, a agonia e o sangue dos povos — tudo será inútil, se essa revolução que visa as instituições e as sociedades não começar por se realizar dentro do Homem vencendo nêle o seu pior inimigo?

É tão grande hoje o poder do Homem que por impulso do seu gênio êle faz estremecer a terra até aos próprios fundamentos. Terá êle um dia

a temerosa força necessária para dominar seu duro instinto.

As lições do passado e do presente estão aí bem trágicas e bem claras, mostrando o interior que o homem tem de percorrer para encontrar as vias da liberdade e da justiça além do egoísmo, da duplicidade, da soberba — da tirania dos instintos — além de todos os carcomidos fundamentos em que assenta a Traição Burguesa.

R. P.

CAPÍTULO I

A Traição burguesa
no caminho da história

○ primeiro espírito de traição burguesa sopra bem longe nos confins dos tempos quando a civilização humana que nascera nos Deltas fecundos e crescera no embalar das águas genésicas dos grandes rios, ensaiava os primeiros passos na terra sagrada do Egito.

Bubastes, Hermopólis, Atríbis, Busíris, Letopólis... Viram bem cedo surgir dentro dos seus muros, e como um bolor alastrar e corromper a consciência virginal dos homens, o espírito do mal burguês, que se alimentava do suor e do sangue de quantos subiram o Nilo até aos confins da Núbia, à procura do marfim, do ébano e do oiro para logradouro da ganância alheia.

Cedo também é esse sôpro maléfico que segreda aos sacerdotes de Osíris ou de Ámon a

solicitações de riqueza, tornando uma classe que era poderoso motor vital do país no entrave permanente a todos os grandes esforços que procuram assegurar ao Egito a sua marcha na História.

E assim dos Faraós das velhas dinastias aos Thotomés e Ramsés do Egito restaurado, bem como à Era dos Ptolomeus, um longo rasto de lutas, intrigas, pactos com o invasor, assinala a acção dessa classe sacerdotal que um impulso de ambição sem limites conduz, até mesmo nos lances cruciais da vida do povo egipcio. Por ser este o mais poderoso índice da traição do espírito burguês naquele tempo, não era porém a única. A burguesia capitalista propriamente dita, enriquecida pelo comércio marítimo, logo se mostra e mantém oligarquia opressora, especuladora e avara, que em tôdas as crises graves ajuda a escravizar o país, feudalizando-o e atraçoando-o tanto como o clero.

É aqui, neste «clima» do Egito, que os judeus de Jacó se contaminam da ganância burguesa, demudando-se este povo primitivo de pastores de gado, de que fala a Bíblia, em mercadores de tal maneira especuladores que se tornam um quisto para o País, obrigando o Faraó a persegui-los.

Assim soprava o espírito burguês no Egito.

A TRAIÇÃO BURGUESA

Mas, já então, na Grécia, essa terra singular onde a consciência humana floresceu nos prodígios de uma revelação nunca mais excedida em claridade e graça — na Grécia onde a sabedoria de Sólon e o génio de Péricles ordenavam instituições, onde Aristóteles e Platão disciplinavam o espírito, onde Eurípedes e Esquilo interpretavam os sentimentos — onde Demóstenes descobria o génio alado das palavras e Fídias descortinava a beleza mística das formas — já então, nessa divina Grécia, como num belo fruto, a traição do bicho que a mina e decompõe — o *mal burguês* — mesquinhez, susceptibilidade, visão rasteira, inveja, dispersão e ganância — corroía e envenenava os destinos gregos.

Tôda a história da Grécia é o testemunho dessa traição que incessantemente renova ou promove rivalidades fatais entre cidades e ligas, numa persistência alucinante e mesmo diante da ameaça bárbara da Ásia ou da Macedónia.

Hípias, ateniense, alia-se com Dario contra Atenas; Demarate, espartano, faz o mesmo contra Esparta; a cidade de Corinto joga na perda de Mileto, como Argos joga na perda de Esparta e Egino na perda de Atenas... O mesmo sucede quando é Filipe quem se propõe dominar o mundo grego. Com efeito, nas cidades gregas divididas, o partido do ouro favorece de-

cididamente o invasor e a Macedónia, apesar de Demóstenes, triunfa.

A traição burguesa está no fundo de todos os desastres do mundo grego, porque é bem o seu espírito que governa as cidades, dita os costumes e orienta os destinos... É ela, evidentemente, quem desvia Atenas de realizar a sua vocação helénica, pela visão de estreito exclusivismo que sempre dominou a cidade perante os povos que de fora a cobiçavam, quando a não tinham em suas mãos por lei de guerra. Jamais, nem mesmo com Demóstenes, ela consegue ultrapassar o estreito horizonte do seu ideal de cidade livre, cidade insolidária com os destinos do mundo que a rodeava, cabeça hegemónica e beneficiária, porventura, em qualquer liga efémera das cidades, mas não cidade-mãe, centro-motor de energias imperiais, mão benéfica dispensadora da equidade para quantos topava em seu caminho. Pelo contrário, sempre a dominou o critério de uma oligarquia soberana e privilegiada, gente promotora de negócios ou pertinaz exploradora de indústrias, para quem o verdadeiro mundo era o circuito estreito do seu burgo e para quem os outros homens só em verdade podiam interessar como tristes e míseros escravos.

E é assim que a *Liga Achaia* condena Cleó-

A TRAIÇÃO BURGUESA

mene e esmaga a revolução que visava abater o capitalismo; é assim que Agis paga com a vida a sua ousadia de ter abolido as dividas...

Gente ciosa das suas regalias de cidadãos e capaz de aplaudir Sófocles, mas incapaz de outorgar essas regalias seja a quem fôr. Anaxágoras não hesita em condenar e fazer beber cicuta a Sócrates...

Um pensamento, porventura, dentre o pensamento grego, pôde exprimir o conceito de vida burguesa daquele tempo e de todos os tempos: é o pensamento de Epicuro.

Epicuro é a expressão suprema da moral burguesa, materialista e egocêntrica; é fundamentada no desejo de encontrar a felicidade — doa a quem doer — dentro dos limites rasteiros e moderados em que não surgem duras contrariedades, e refractária por isso a grandes vôos sobre largos horizontes, onde esbarra com a «sabedoria» e a «prudência» do seu próprio egoísmo.

Não está aqui pintada tôda a paisagem moral de uma traição que sacrifica à sua «virtude» tôda a grandeza do Homem, tôda a grandeza da Comunidade, tôda a grandeza do vasto Mundo Humano?

Ao contrário da Grécia, Roma nasce, cresce

e caminha sob o signo da «terra» — tôdas as virtudes próprias da aristocracia, das classes médias e da plebe são temperadas no apêlo da gleba...

A vocação de Roma é pois, em primeiro lugar, a Conquista, a extensão territorial, a base forte assente na «terra» forte; depois, o mar, como segurança ainda da terra; e só por último o mar como meio de expansão comercial e hegemonia imperial.

Enquanto na Grécia, a não ser Esparta, tôdas as cidades nasceram ribeirinhas ao mar, e para o mar naturalmente voltadas no seu sonho de expressão mercantil, Roma alicerça-se no interior, no alto de sete colinas, não tem pôrto natural, e traduz a intenção de uma associação de interesses e aspirações rurais que só na terra apoiavam o seu destino.

Nascidas sob signos tão diversos, bem diverso teria de ser o sentido da sua vocação histórica. A Grécia, encontrando no desenvolvimento da sua evolução económica as reacções da sua evolução social e política, mostra-se naturalmente mercantil e dispersa, sob o comando de uma burguesia rica e gananciosa. Roma, mesmo quando se desenvolve a ponto de abraçar todo o Mediterrâneo, mantém uma convergência, se não uma unidade essencial, o

A TRAIÇÃO BURGUESA

que é o sinal de um limite imposto às ambições, dispersivas e sem tino, de quantos não conseguem antepor o interesse geral ao interesse de cada um.

E, no entanto, Roma bem depressa significava o triunfo das classes médias, o *habeas corpus*, o direito e a liberdade dos cidadãos, alargando-se a todos, integrando todos, à medida que se alargava e estendia a sua conquista do mundo.

Roma, república popular, suprime a servidão por dívidas, vence a aristocracia, estabelece a igualdade jurídica, organiza um exército de cidades. Roma é o primeiro império em que o povo toma consciência de si mesmo.

Democracia e meia fortuna tornam-se sinónimos; os muito ricos perdem pouco a pouco a sua influência política.

Eis, porém, que a Nobreza solicita e obtém o apoio da Burguesia contra as pressões do Povo. Esta primeira traição vai alterar, para todo o sempre, a evolução das instituições romanas.

Pouco a pouco a burguesia passa a ter características capitalistas; e o Senado, dominado por uma oligarquia, sobretudo depois de Canas e das guerras púnicas, seduz em seu proveito a influência do Povo. Roma é já então um cen-

tro poderoso de especulação comercial. A traição burguesa surge assim na febre com que a pequena e média fortuna rural trocam o brasão do seu ruralismo pela ganância cómoda das «acções» e do jôgo da bolsa.

A República, exactamente porque liberal e universalista, menos armada estava então para se defender da traição capitalista, que não só absorveu rapidamente tôda a fortuna romana e imperial, mas também depressa começou a dominar as próprias instituições, servindo-se delas como instrumento dos seus designios.

Como sempre, o capitalismo já então se serviu do seu melhor instrumento, que é a guerra, para realizar êsses fins. A guerra, com todo o cortejo de especulações na sua preparação, de especulações nos serviços que a mantinham e de especulações nos lucros que ela comportava em escravos e espólio de vencidos — tal foi na verdade o signo sob o qual a sociedade capitalista romana lançou a República pelo caminho de novos destinos.

Ficou célebre a resposta de Catão ao Senado: *a guerra pagará a guerra.*

Agora Roma, sob a tutela e impulso da oligarquia financeira que a subjuga em absoluto, não é mais do que um povo de rapina sem quaisquer escrúpulos, afogando no sangue a

A TRAIÇÃO BURGUESA

Sardenha, a Macedónia, a Ilíria, para que não surgisse estorvo à plena posse das minas, do comércio e de toda a riqueza que suscitasse cobiças. Da Grécia, onde Perseu sai imolado à febre capitalista romana, até ao Egito, a Loba austera e generosa passa a hiena insociável, por dura.

Entretanto, o mesmo clima do brutal domínio da Riqueza inspira e orienta as instituições de Roma. As classes médias liquidam totalmente, as massas rurais são contidas e impossibilitadas de obter a terra, que o seu suor fecundava. A tirania do capitalismo por toda a parte as vai esmagando...

A guerra civil e a revolta dos escravos surgem, então, como um aviso.

Caius Grachus é o primeiro tribuno que cai vítima da traição burguesa — assassinado por querer fazer triunfar a justiça.

Drusus, que tenta imitá-lo, tem a mesma sorte.

Mário encabeça a reacção popular, um momento vitoriosa; mas Sila, salvador da ordem burguesa, elaborando fria e inabalavelmente listas de condenados no próprio banquete do triunfo, chega por seu turno, para logo um dia desaparecer no mistério de uma abdicação que parece um remorso.

Espártaco ergue a bandeira dos escravos, outra vez revoltados e outra vez esmagados pela burguesia capitalista, que em Crassus, o riquíssimo Crassus, encontra o algoz que, para salvar os seus privilégios, deixa na História um largo rasto de sangue.

O sangue da traição burguesa!

Eis os massacres de Sicília, os massacres de Mário, os massacres de Sila...

O sangue que corre durante o triunvirato é o que sela as lutas do Senado com os Césares. Eis o sangue que rompe do peito de César pela mão assassina de Bruto — dêsse Bruto que a história burguesa nos pinta como o austero salvador da República, aquêle que brande o punhal em nome das liberdades espezinhadas pelo tirano, e que afinal não passa de um mandatário da burguesia capitalista, de um usurário de Salamina, de um defensor das regalias burguesas, a quem o poder de César limitava a extensão gananciosa.

Assim, o povo romano acaba por se divorciar das instituições republicanas, que as traições da burguesia converteram em instrumento de uma oligarquia capitalista e cosmopolita que o oprime e apela para a autoridade libertadora dos Césares, apoio das suas reivindicações so-

A TRAIÇÃO BURGUESA

ciais e políticas, restituídores das terras e da liberdade perdida.

A República morre pela traição burguesa.

Mas pela traição burguesa mostra-se logo contaminado o próprio Império. Debalde a voz eloquente de Cícero se ergue num protesto de inteligência e de humanismo, desenhando o perfil austero e sereno da República «guardiã de lei, mãe generosa, de universal grandeza e universal justiça... Edifício perfeito e forte construído pela clara metafísica para escalada segura do Direito das Gentes». Ninguém o escuta. A batalha dos interesses sem limites, de especulação sem freio, não tarda em reacender-se. Indiferente a Cícero, ignorando Lucrécio, numa luta sem tréguas, outro aspecto de traição surgiu, ameaça bem evidente para a própria integridade de Roma. A especulação capitalista, dividindo-se em duas correntes, a Continental e a Oriental, foi o ponto de partida da divisão futura do Império.

A traição capitalista não dá entretanto descanso aos Césares e assim, apesar de todos os massacres de Tibério, é ela que assassina Calígula e é ela quem se apodera definitivamente de toda a riqueza do Império: toda a indústria e toda a terra.

E assim, falhada a última tentativa de equilíbrio de forças entre os Imperadores e a oligarquia burguesa, falhada a tentativa de Séneca, a Roma só restaram dois caminhos: a tirania asfixiante do capitalismo ou a tirania dura do Cesarismo.

Por vezes César não foi mais do que um mandatário da tirania burguesa, um aventureiro que a sorte escolheu no jogo das aventuras militares que retalhavam o Império; outras, César foi o aristocrata implacável, que apoiava no povo, e só no povo, o seu domínio. De ditadura em ditadura, de reacção em reacção, o Estatismo tornou-se de cada vez mais um imperativo dos tempos, dominando tudo, intervindo em toda a parte, esmagando as últimas liberdades, vencendo as derradeiras resistências da plebe romana.

Por fim, a última traição da burguesia, foi a traição da sua cumplicidade com os invasores, os Bárbaros, o último recurso contra César. E os Bárbaros destruindo o *Templo*, não pouparam quem lhes ficou sepultado debaixo das ruínas trágicas.

A IDADE MÉDIA

O plasma da nova Europa resultante do choque do velho mundo greco-romano com o dinamismo violento dos bárbaros teria, naturalmente, de nuclear-se com elementos de força onde se fixassem as primeiras resistências que foram as vértebras da ordem futura. Cumpria às elites activas, onde quer que elas se evidenciassem, o esforço guerreiro capaz de condensar e manter as posições iniciais de uma ordem que o torvelinho desenfreado de raças e instintos primitivos à solta, contrariava e comprometia a todo o instante.

Assim, a Europa Medieva teria de nascer sob o signo aristocrata e militar dos chefes, que com o seu duro braço asseguravam a resistência aos que os cercavam, erguendo castelos e defendendo-se esforçadamente. O Castelo pas-

sou a ser, não só o parapeito dos que o habitavam, mas também o refúgio de toda uma região de que era a cabeça e armadura.

Foi, pois, a necessidade imperiosa de segurança que criou e desenvolveu o regimen feudal, regimen de dispersão da autoridade política a que as circunstâncias exageravam o pormenor dispersivo, ou, pelo contrário, encaminhavam a maiores concentrações.

Não havia aqui, de início, evidentemente possibilidades para outra vida que não fôsse a do manejo das armas e a da procura do imediato sustento de cada dia pela cultura dos campos.

Só mais tarde, passada a maior tormenta e neutralizadas as grandes correntes, se criou o condicionalismo propício ao desenvolvimento dos burgos e da vida comercial e industrial onde se tornam possíveis as classes médias. Então, o impulso de circunstâncias económicas impõe um direito novo, um direito urbano que liberta do puro arbítrio do regimen senhorial.

A Burguesia surge. E é mesmo nessa época que ela se começa a intitular com esse nome, que então, longe de ser uma doença da classe média, era um signo de vitalidade, de solidariedade e de independência que vai mudar a face da Europa. Organizada em associações livres

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

«gildes», »corporações», «ofícios», a ela se deve a proclamação sagrada do princípio do bem comum e dessa harmónica convergência de direitos e de deveres que constitui a primeira célula social forte onde se apoiam as liberdades humanas para abrir caminho contra o absolutismo e ganância dos Prelados e Senhores — a comuna.

Essa burguesia sã lança as bases de uma organização social e perfeita, um socialismo municipal minucioso e previsto, que regula o trabalho — protegendo igualmente o trabalhador e a produção — equilibra possibilidades organizando os mercados; assegura a justiça através das conquistas do direito individual, civil e comercial, para as quais se criam jurisdições especiais próprias de cada classe.

A Burguesia gera, de facto, instituições democráticas por onde se regem e administram os burgos dentro dos quais se trabalha e vive em perfeita harmonia, num ambiente de fraternidade e mesmo num clima de igualitarismo nunca visto na História. É que o burgo, nascendo pelo esforço de todos e defendendo-se pela mão de todos, cria uma solidariedade natural.

Um espírito novo surge sobre a terra martirizada da Europa. Uma esperança, ao mesmo

tempo religiosa e cívica, ergue-se para o Céu na prece grandiloqua das Catedrais. Uma clara, uma serena razão aristotélica surge a disciplinar o mundo, guiada por São Tomás.

Toda uma civilização, uma civilização activa, equitativa e fecunda nasce e floresce pela mão da Burguesia. As Flandres, a Holanda, a Alemanha, a França, a Itália, por tóda a parte florescem cidades e vilas erguidas da devastação e do caos, pela energia, prudência e engenho burgueses.

A Idade Média é assim um vasto campo das actividades e das virtudes da mais sã Burguesia.

Pela poesia, pela pintura e pela architectura ficam para sempre inscritos na História os mais altos vãos da espiritualidade humana.

Mas já no século XII a traição recomeça. A presença dêsse espirito de traição manifesta-se então bem claramente em tudo. Até na corrupção das intenções com que se movem as Cruzadas a partir da *terceira*.

Aquilo que até ali fôra espirito heróico ao serviço da fé religiosa, passa a ser simples espirito de aventura sob o impulso de ganância e sede de saque das cidades conquistadas.

Assim na ocupação de Constantinopla, onde os cristãos se assenhorearam dos vasos sagra-

dos, das portas e dos candelabros de prata da Igreja de Santa Sofia. Assim também, quando, pela mão do famoso doge Dândalo, os Cruzados serviram os interesses meramente comerciais de Veneza. A especulação e o espírito de ganância criam os privilegiados da Fortuna. Os grandes mercadores passam a fundar as oligarquias tirânicas, impondo a lei da sua vontade e o domínio da sua riqueza à Cidade e aos cidadãos.

Por essa altura um grande sôpro de conservantismo e de exclusivismo passa sôbre as instituições e sôbre os costumes — espírito de casta que se torna tirânico e insuportável.

O interesse geral é preterido pelo interesse da oligarquia soberana. O povo e as classes médias são rapidamente subjugados, vendo todos os dias espezinhados os seus direitos e prerrogativas.

Um dia, porém, a revolta dos oprimidos torna-se inadiável e surge, ainda por impulso das classes médias, não apodrecidas, dessas classes médias mais próximas do povo, ou que com o povo se confundem.

A História ilumina-se com essa singular explosão revolucionária de Bruges em que o povo dos trabalhadores, guiados pela pequena burguesia dos ofícios, sacode o jugo da tirania

R O L Ã O P R Ê T O

capitalista, a tirania da traição da grande Burguesia. Mas o mal da traição estava já contaminando o mundo medievo e a batalha de Courtrai, dando a vitória à revolta, é apenas um ponto de partida da grande luta que não cessa mais entre as reivindicações do povo e a reacção capitalista.

Essa traição acentua-se quando os Príncipes procuram impor a hegemonia do Estado sôbre todos os particularismos. A Alta Burguesia joga na carta dos Príncipes que é a carta do funcionalismo, por cima da orgânica dos Burgos.

Por outro lado os Burgos não se entendem nem se amparam na luta contra o Estado que os observa, antes continuam divergentes, senão em luta aberta ao sabor dos seus interesses imediatos, mesmo na hora de perigo extremo.

Exclusivista, conservador até à rotina, o espirito burguês das classes médias torna-as incapazes de criar a solidariedade cívica necessária a um Estado erguido pelas suas mãos e, assim, deixando-se ultrapassar na evolução dos tempos, são naturalmente sacrificadas pela sua marcha.

A resistência heróica de Gand, de Liège e de outros Burgos das Flandres não pode obstar à transformação da Europa, agora sob o signo

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

dos Príncipes como representação do *bem comum*, à procura de novos destinos, destinos que a traição burguesa não deixou prever nem assegurar à democracia das cidades.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

As raízes de ordem política, social e económica que produziram o drama da Revolução Francesa, são hoje bem conhecidas da crítica e da filosofia da História.

Noventa e três é o triunfo consumado da Burguesia levada por diversas circunstâncias e impulsos a conduzir a batalha que dá o Poder ao Terceiro Estado, ao *seu* Estado.

Recordações do poder oligárquico ultrapassado, atavismos de classe, espírito de reivindicta e de emulação sob o forte impulso de novos apetites e tudo isto impelido ainda pelo sôpro interior de uma inquietação que na aparência a irmanava e confundia com o povo — tal era o impulso dos sentimentos, a conver-

gência de linhas de fôrça, que fizeram a ressurreição burguesa dos fins do século XVIII.

Sedenta de mando, vaidosa, irascível, inumana, «totalitária» como todos os vilões feitos senhores, a Burguesia ressurgia no Poder, esquecida de tôdas as suas primitivas virtudes e brandindo apenas as armas da sua traição.

Assim enquanto o povo perdoa e se comove diante da desgraça de tantos *ci-devants* ceifados pelo tufão revolucionário, Fouquier-Tainville permanece frio e implacável; enquanto o povo se enternece em frente da figura humilhada de Luís XVI, a Convenção, imperturbável, vota a sua morte.

A *Convenção*... Trezentos e setenta e três advogados desconhecidos, funcionários de justiça, juizes e fiscais, numa assembléia de 577 deputados conforme observa Taine! A Convenção, êsse teatro de vaidades, ódios, ambições e terrores burgueses, onde se desenrola o mais assombroso dos dramas da História, fôrça estupenda de títeres, igualmente pueris e satânicos, que serviram à Providência para transformar o curso do Destino.

Todos os acontecimentos que enchem a história da Revolução são gerados e alimentados

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

pela intriga burguesa, pela ambição de chefes burgueses. À Burguesia sobretudo se deve o tom de ferocidade, o sentido insensível e desumano que a batalha tomou (1).

A condenação e morte do Rei; a condenação e morte de Maria Antonieta; a condenação e morte dos Girondinos; a condenação e morte de Robespierre; — a própria morte de Marat são incidentes sangrentos da mais tôrva luta entre burgueses.

O povo forma nos batalhões e bate-se na fronteira, não colabora nesta farsa tenebrosa em que rolam da guilhotina, umas após outras, as cabeças dos Reis, dos homens da Gironda e da Montanha, dos cortesãos, dos generais e dos intelectuais da Revolução, da altiva Madame Roland e do doce Chénier... Luta burguesa, na qual a Burguesia, dividida em clientelas, atraçoava a sua missão e os destinos da Revolução em marcha, na ânsia de conquistar hegemónias que iam trágicamente caindo de mão em mão, para finalmente tudo caber em sorte ao olímpico Corso, suprema humilhação, última das traições de uma burguesia que se vanglo-

(1) Drumont, no dizer de Sorel, conclui mesmo que «aucune de nos révolutions ne fut aussi sanglante que la première, parce qu'elle fut conduite par la bourgeoisie».

Réflexions sur la Violence, pag. 144.

R O L Ã O P R Ê T O

riava de haver proclamado os Direitos do Homem.

Sim, foi a traição burguesa que desviou a Revolução do seu caminho.

CAPÍTULO II

A Traição burguesa
e as linhas de fôrça nacionais

A TERRA

NA luta entre o homem e a vida, os portugueses elegeram por seguro aliado a «terra». A terra, campo de sementeira de plantas e de esperanças; a terra, serrania alta onde apascentam gados e cuidados; a terra que é *vinha, olival, montado* ou simples *pinhal* rumorejante e triste...

E assim, enquanto outros povos procuram no Ferro, no Carvão, no Cobre, nas artes metálicas e mecânicas, o apoio para o seu combate de todos os dias, nós, portugueses, é na gleba que particularmente nos apoiamos, e tão poderosamente o fazemos que é como se nela tomassemos raízes ⁽¹⁾. *Desterrado*, com efeito,

(1) Já no livro «Justiça» frisámos a observação de Kaiserling que distingue os povos que encontraram a palavra *destêrro* para significar *exílio*.

R O L Ã O P R Ê T O

se julga aquêle que as circunstâncias obrigaram a sair dêste país e mais ainda, pois também *desterrado* se proclama quem, mesmo não saindo do país, teve no entanto que deixar a gleba, afastar-se da «terra» onde os seus pés pareciam firmar-se com a segurança dos troncos e os seus sentidos julgavam poder comunicar com o secreto mistério da criação — a «sua terra».

O fundo íntimo do povo, como a essência do seu pensamento criador é, portanto, o ruralismo. Rural e agrícola não são, em matéria económica, sinónimos.

Povo rural, nem por isso quer dizer que o país reúna as condições favoráveis a uma segura economia agrícola. Bem pelo contrário. Nem a constituição do terreno, na sua maior parte, nem o clima, podem constituir bases estáveis em que se apoiem cálculos de uma indústria agrícola fundamentada.

A lavoura é, regra geral, para os portugueses, como que uma aventura baseada numa fé que não cansa e um amor à terra que «tudo recompensa».

A linha de força do nosso ruralismo tem claramente em todos os tempos e lugares este nítido sentido.

Contra o desequilíbrio das estações, a irregularidade das chuvas; contra ventos, geadas

ou calores tórridos, contra as hostilidades da natureza e contra os frequentes absurdos da legislação — o português cultiva a terra, muitas vezes mais pelo amor que lhe dedica do que pelo interesse que está costumado a colher⁽¹⁾.

Este facto tem capital importância para

(1) Uma vez, em conversa de amigos, alguém interpela um ilustre espírito que era também funcionário do Estado, Conservador do Registo Civil, por sinal, e põe-lhe cruamente o problema: — se tivesse que optar entre o seu lugar e a propriedade da sua quinta no Douro, que escolheria?

A resposta veio rápida, sem a mínima hesitação:

— Ganho com o meu lugar de funcionário quatro contos por mês, ou sejam quarenta e oito contos. A minha quinta dá em geral pouco mais do que a despesa. Todavia se eu tivesse que me decidir, decidia-me evidentemente pela quinta. Preferia sem dúvida uma vida duríssima a perder aquêle pedaço de terra, sem o qual a própria vida não parece ter sentido.

Um dia, falava-se de vinhas e da primavera de esperanças de que elas se revestiam naquele ano benéfico.

Houve quem preguntasse, então, a outro, alheado da conversa:

— E a tua?

— Já não tenho vinha... tive que a vender.

Todos, de súbito, emudecemos. Diante de nós passara uma grande dor, daquelas que deixam como que cicatrizes na alma... Era como se elle nos tivesse dito de uma pessoa muito querida: «morreu-me»...

R O L Ã O P R Ê T O

quando se desejam equacionar os problemas da economia rural da nação, face ao Estado. Com efeito, em países de indústria agrícola, a linha de força que impulsiona este ramo da actividade económica não é o ruralismo, o amor do campo, mas sim o lucro. De sorte que uma empresa cultiva um campo, como monta e explora uma fábrica de automóveis, e só o cultivará enquanto elle lhe render coisa que ela julgue compensadora.

Quão longe nós estamos dêsse conceito agrícola dos grandes países produtores, países em que são vulgares setenta sementes nos cereais...

Terra de três sementes, quando nos oferece dez, exultamos; mas tanto lhe dispensamos os carinhos da nossa cultura, num caso como no outro, bem seguros de tanto a amarmos na fome como na fartura.

O milagre dêsse amor, sensual e forte, em que de todo nos oferecemos à gleba, mesmo sem esperança, êsse milagre estupendo da nossa vocação ruralista — tal é a alavanca obscura, mas viva, que impulsiona por serras e planuras, do interior ao litoral, a cultura e o povoamento do país.

Não fôra essa *vocação*, a quem já alguém chamou *vício*, e Portugal, tirante algumas zonas

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

verdadeiramente agrícolas, seria na maior parte charneca daninha e deserta.

E aqui se compreende como o Estado tem direitos e deveres bem diferentes quando legisla para uma economia rural ou para uma economia de indústria agrícola. No primeiro caso, deve-lhe evidente amparo e alívio fiscal, como prêmio de uma tão alta virtude criadora de riqueza pública; no outro, já se não pode levar-se-lhe a mal que considere a indústria da terra em pé de igualdade com as outras indústrias — tôdas vivendo apenas sob o signo do lucro.

Nem sempre, antes pelo contrário, esta faceta do nosso carácter de rurais, entrou em equação nos problemas da nossa economia.

E, no entanto, em tôdas as manifestações do génio português — pensamento e acção — se reflecte, como em espelho de aço, o mistério do nosso encantamento: — eco das dores, clamores de queixas, vibração amorosa. Sempre, hoje como ontem e no principio, tôda a nossa confissão de bons rurais é manifesta.

Em tôda a nossa literatura corre um fio de bucolismo, saúdoso e manso, onde acodem lembrança de vergéis, rumorejo de bosques, sussuro de rios, velhas tardes, madrugadas orvalhadas...

R O L Ã O P R Ê T O

Mesmo o clamor heróico e alto dos Lusíadas se torna brando cantar quando invoca a doce Inês:

*Aos campos ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

Nas trovas de D. Dinis, como na «Menina e Moça», no «Crisfal» — nos primeiros e já tão graciosos passos da nossa espiritualidade literária, tudo se revela e mostra, desde logo, vivificado pela presença da natureza.

*No Figueiral figueiredo, no Figueiral entrei,
Seis niñas encontràra, seis niñas encontrei.*

Mais tarde, tôda a comédia humana de Mestre Gil retrata, em vivos traços, o espírito de um povo de profunda essência rural.

Não falta nunca êsse clima particular, êsse modo de pesar e de determinar o valor dos homens e das coisas, próprio do espírito rural, nos nossos Cronistas; mesmo quando, com Damião de Gois, se trata de um português que frequenta Justo Lípsio e Erasmo.

Para além da «Arcádia» e para além do Romantismo, onde foi regra a natureza ser cúmplice universal dos «amores pastoris» ou teste-

munha das trágicas paixões dos grandes amourosos, o maior estilista do nosso *realismo literário* escreve «As Cidades e as Serras».

José Fernandes, eis o nosso ruralismo que a tudo resiste e não se dilui nem deixa dominar nem mesmo pelo ritmo de refinamento parisiense do próprio 202 dos Campos Elísios... Em plena festa, diante de tôdas as solicitações dos sentidos tomados pela presença de desenvoltas elegâncias de Paris, mulheres célebres, escritores e banqueiros; como pelos requintes de civilização ali acumulados — tapetes, luzes, cristais e música — em plena festa José Fernandes evade-se um momento da tirania do Grão Duque; da magia dos sorrisos de Madame d'Oriol; do encantamento de Madame Vernhagem e da Princeza de Caraman; dos olhos profundos da Condessa de Trêves; das facécias de Dornan, o poeta neo-platónico da conversa erudita; do historiador Darjen e das *boutades* do banqueiro Efraim; esquece as Tziganes, o fonógrafo, o teatrofone, a Gilberte a cantar «Les Casquetes» no Alcazar — foge de Paris, para se refugiar a um canto de uma janela e recordar como no seu lento caminho ... «o crescente de lua que seguido de uma estrelinha corria entre nuvens sôbre o telhado e as chaminés grandes negras dos Campos Elísios também andava fu-

gindo, mais lustrosa e mais doce, por cima dos pinheirais. As rãs coaxavam ao longe no Pêgo da Dona. A ermidinha de S. Joaquim branquejava no cabeça, mansinha e cândida... No pátio da nossa casa ladravam os cães. De além do ribeiro respondiam os cães do João Sarnadas. Depois admirado me encontrei descendo por uma quelha sob as ramadas, com o meu varapau, ao ombro? E senti entre a seda das costuras, um fino ar mácio, o cheiro das pinhas estalando nas lareiras, o calor dos currais através das sebes altas e o sussuro dormente das levadas...».

*

O grande, o trágico, o forte Camilo, o maior de todos os nossos romancistas, não é verdade que, apesar da exuberância do seu génio, parece desde já envelhecer, enquanto Júlio Diniz se mostra mais e mais reservado dentre os esplendores morais onde projectou o seu filme? É que as ingénuas figuras do seu brando drama, mesmo quando envergam vestes patricias, não conseguem ocultar totalmente a timidez rústica de certas atitudes naturais... Todo o encanto que as faz populares está aí. Júlio Diniz é um rural, que não atraiçoa o seu ruralismo.

Poder-se-á dizer o mesmo de Aquilino Ribeiro? O problema tem o seu interesse.

Não é verdade, porém, que as belas, másculas, ardentes e fortes figuras que nascem e se agitam, modeladas e movidas por suas mãos duras de beirão, morrem tôdas por traição da estética? Mesmo em «Volfrâmio», o grande escritor não logra fazer aquêle livro definitivo, aquela epopeia popular, que todos esperam dêle. O «povo» das nossas serras é aquilo; mas, é ainda outra coisa que transcende de uma visão, a que a estética de Aquilino dá realce caricatural, mas faz perder o seu profundo sentido.

O drama popular, isto é rural, rural no centro moral das suas figuras e no clima da sua ficção, ainda Aquilino no-lo deve. Êle seria a contra-partida necessária à posição psicológica e estética do autor das «Pupilas».

Com efeito, Júlio Diniz, alma de rural, mas rural da planura, era por posição optimista e sereno como a natureza que êle conhecia tão bem e na sua estética reflectiu. Longe estava, porém, da dura inquietação da serra, das suas imposições amargas e das suas fascinações altivas.

Assim o drama de quantos conflitos irreductíveis e de quantos choques brutais, de quantas violências inúteis ou criadoras, de quantas

humilhações e de quantos orgulhos, de quantos vãos e de quantas quedas; tãda a paixão que nos agita em permanente e ansiosa busca de perspectivas mais vastas, de campos mais livres — êsse drama que se reflecte constantemente no pensamento e na acção de todos os que espreitam do alto da montanha a planura sem fim e as distantes neblinas oceânicas — êsse poderoso drama não está ainda escrito. Pelo menos não está escrito ainda dentro de um pensamento rural, a que as tentações da estética não corrompam a pureza dos impulsos.

Sim, porque o drama da «terra» não é, na verdade, uma permanente projecção de optimismo, nem na serra, nem decerto na planície. Se a psicologia do habitante das alturas se complica de elementos especiais, nem por isso a idiossincrasia dos que vivem na campina chã deixa de se ressentir de todos os embustes e de tôdas as cruezas da vida rural.

Seria então «normal» que na linha recta do nosso ruralismo nascesse um Zola escritor da «Terre»?

Não o cremos. E, aqui se mostra bem a posição particular do nosso temperamento. Uma sensibilidade especial; um tom de meias côres; uma certa delicadeza na expressão pública de usos e costumes; uma bondade natural, que se

traduz por sentimentos de solidariedade e do humanismo cristão que nos é particular — tais são os motivos que nos distinguem largamente e principalmente doutros povos.

Não abolimos nós nos nossos códigos — mesmo nos códigos militares — a pena de morte?

Há decerto, na bruteza primitiva dos instintos, rudezas de sentimentos impressionantes; decerto há, entre gente mísera, quem lamenta mais a morte de um boi do que a de um filho, como há promiscuidades que levam paredes meias do incesto, e avarezas que conduzem ao crime.

No entanto, existe na epopeia rural de Zola — epopeia popular vasta e magnífica — pese isso embora a todos os pedantes, a todos os «sensíveis», a todo o «snobismo» alarmado pelas «vulgaridades» do forte escritor — existe nessa epopeia que tanto choca os pigmeus, clarões de incêndio, revoltas interiores, misérias totais, que dentro do clima do nosso ruralismo constituem tão rara excepção que não comportam facilmente com êle um justo paralelo.

Descontadas, porém, estas diferenças de temperamento, e a época em que foi escrita, — a epopeia rural de Zola é clara interpretação dos anseios, dos cuidados e da dor do povo trabalhador dos campos e, como tal, análise útil para

R O L Ã O P R Ê T O

aquêle que entre nós se abalançar a escrever o drama profundo do nosso ruralismo.

Pelo menos é positivo que se estará mais próximo das grandezas e misérias do povo com Zola, do que apoiando-se nos casos psicológicos anormais de um Dostoiewsky tão caro aos refinamentos burgueses e à sua traição.

*

Na história da nossa economia, a linha de fôrça do ruralismo é não só caracterizada por valores morais, que impulsionam a acção, como por outros que estabilizam, equilibram ou, pelo menos, tendem a neutralizar factores de desequilíbrio na marcha geral.

Assim, o período, a dinastia mais equilibrada da História nacional é evidentemente a primeira, a dinastia Afonsina. No seu conjunto, ela pode chamar-se com razão a mais rural, ou melhor, a dinastia verdadeiramente rural dentre as quatro dinastias portuguesas.

Tirante os primeiros reis, demasiado acicatados pelas imposições da conquista do território e sua defesa contra mouros ou vizinhos cristãos, todos os outros foram, de um modo geral, sobretudo príncipes de uma côrte de rurais,

grandes senhores de armas e de vastas terras.

Dentre êles, três foram, pelas suas medidas a mais alta expressão do nosso ruralismo medievo — D. Sancho II, D. Diniz e D. Fernando.

E tão justamente os aconselha o seu génio rural que a curva ascendente, que exprime os progressos do povoamento e da cultura do Reino, é de forma nítida, paralelamente à curva por onde se cotiza o desenvolvimento da sua expressão, naval e mercantil.

Assim, enquanto D. Sancho merece da História o título de Povoador, justiça lhe será também reconhecer que foi êle quem deu as primeiras possibilidades ao aparecimento da nossa marinha.

D. Diniz, o Lavrador, é já o Estado que, livre das inquietações da guerra, se volta todo para o impulso agrícola e ei-lo que toma a peito a sementeira do pinhal de Leiria, pensando com segurança no futuro naval do país.

D. Diniz tem já uma armada, a que D. Fernando dá tal impulso que já lhe serve para o bloqueio de Sevilha nas duras guerras do seu reinado. Entretanto, D. Fernando é o tempo em que surgem essas sábias leis de desbravamento e cultura do Reino, que ficaram na História com o nome de «Sesmarias».

A curva do nosso desenvolvimento rural

continua-se, para além da guerra da independência; mas logo declina para a preponderância nos negócios do Estado, do Infante D. Henrique. Sobretudo a partir de uma data: Alfarrobeira.

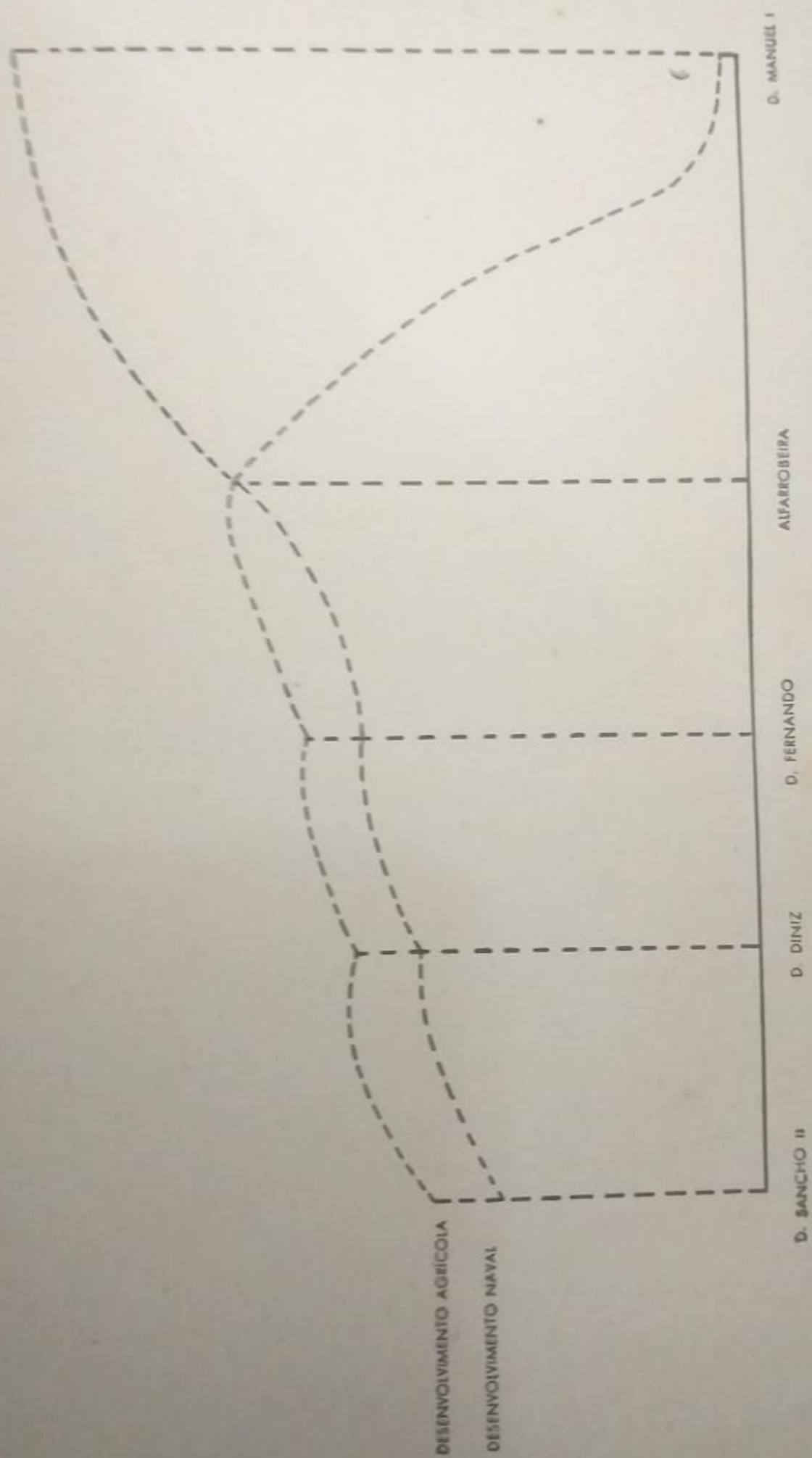
Em Alfarrobeira cai ferida de morte, nas altas figuras de D. Pedro e do Conde de Abranches, a última expressão do nosso sentido rural e provinciano. A clara e serena verdade, «à luz do sol», a franca e nobre atitude face à vida e às dificuldades naturais — eis o que a par de D. Pedro e do seu companheiro se sepultavam. Daí em diante o mercantilismo, com o seu espírito dúplice e traiçoeiro, a sua técnica de simulação e de engano ao serviço da ganância — ia ter largas perspectivas e predomínio indiscutido.

A linha de força do nosso ruralismo sofria o primeiro grande desvio da História.

O paralelismo cessara. Enquanto a curva do nosso desenvolvimento descia vertiginosamente, erguia-se, de salto, em demanda do seu apogeu, a curva da nossa expansão externa.

Lisboa entronizava-se para sempre na tirania do seu comando.

Com efeito, nos colaboradores de D. Henrique, desde o seu «físico» ao seu famoso «tesoureiro» todos são mercadores ou judeus quando não judeus e mercadores ao mesmo tempo.



A TRAIÇÃO BURGUESA

As naus consumiram o resto.

Os nobres quando não andavam embarcados vagueavam pelas ruas da capital, madraçando e seguidos de longos cortejos de lacaios andrajosos.

Por tôda a parte a charneca retomara os seus direitos bravios, poucos semeavam, importava-se tudo: cereais, vestuário e as próprias armas.

Portugal, debruçado sôbre o cais da Ribeira, via chegar e partir as naus...

Entretanto a linha de fôrça do nosso ruralismo, atravessando o oceano, ia de novo surgir na virtude daqueles que lançavam as bases, da nossa grande Herdade — o Brasil.

D. João III dando impulso e amparo ao esforço que criou o Brasil, punha, para além da decadência a que nos levara a aventura mercantilista, as primeiras pedras onde se firma o nosso renascimento. A intuição ruralista que aconselhou o Rei foi, depois de Alfarrobeira, a primeira manifestação triunfante do nosso senso rural. Era, porém, demasiado tarde.

Estava já escrito o caminho da nossa paixão e da nossa morte.

A ganância, o espírito de lucro, a ânsia de riqueza, a traição do oiro, desviara a grande linha de fôrça da nossa vocação. A ressurreição

só depois do calvário... O nosso duro, amargo e longo calvário de séculos.

A Província não seria mais do que um longo corpo escravo pronto a pagar e a obedecer a quantos, naturais ou estranhos, ocupassem na capital as alavancas de direcção. A traição do espírito burguês impunha as suas leis.

Naquele tempo, comandava o Infante, cercado de tantos que nos faziam desviar para a aventura marítima ou para a miragem mais próxima de Marrocos, entreposto das ricas caravanas do Oriente... Afonso V, o nosso último conquistador medievo, é o instrumento poderoso de D. Henrique. Com êle ou quebrara ou atenuara as últimas oposições do bom senso rural que se antepunha aos excessos da aventura mercantil, e com êle se abalançara à conquista da costa marroquina para além da qual vinha a tentação dos ecos distantes de uma Trombuctu de mármore e oiro... por detrás do deserto.

Os destinos da «terra» estavam claramente sacrificados, e o povo português, povo de rurais apartado da sua vocação, corria ao mar, desenraizado e inquieto.

A TRAIÇÃO BURGUESA

Se se tivesse mantido o paralelismo entre as linhas de fôrça rural e aventureira, paralelismo a que a morte de D Pedro pôs definitivamente remate, talvez que as terras de Marrocos tivessem sido não só conquistadas mas absorvidas pela expansão do nosso clima rural — tornando-se assim, para além do estreito, um desdobramento do nosso território da Europa.

Muitos preguntam hoje por que assim não foi e do desolamento que se ergue ao longo dos tempos e que a lembrança das cidades perdidas reforça, nasceu, um saudosismo de Marrocos que chega a alimentar quiméricos planos de futuro...

Na verdade, porém, desde que aparece vencida a acção equilibrada do ruralismo e que ficou em livre campo apenas a corrente mercantilista, a nossa ida às terras Marroquinas foi apenas conduzida pela estratégia momentânea das bases comerciais do Norte de África.

Nenhum plano de expansão territorial para lá levou o Infante e o seu conselho, nenhuma politica neste sentido lhe condicionou a acção futura. A nossa intenção era outra.

Esta foi a traição mercantil, traição do lucro proventoso e imediato, que hoje se chama traição do espírito burguês.

Um estudo consciencioso dos colaboradores mais directos do Infante e da influência que sobre elle exerceram, interessa cada vez mais à história daquelle período em que os destinos da Nação tão largamente estiveram à mercê da sua orientação soberana.

A raça, a nacionalidade, o «temperamento» próprio e o próprio ofício — tudo nos ajudaria a entender os móveis e os métodos de acção Henriquina!

O desvio *total* da Nação, da sua linha de força rural não seria devido sobretudo ao espirito semita predominante em certos conselheiros e dos mais íntimos? O judeu sempre entendeu bastante mal a «terra» e sempre desprezou, por pueril e aleatório, o trabalho dos que dela vivem.

Já outrora, no Egito, para onde Jacob conduziu os seus rebanhos, depressa elle se tornou elemento embaraçante da vida económica de um país essencialmente rural. O Felah e o mercador judeu são duas entidades tão diferentes como o arroz que o primeiro cultiva e o oiro que o segundo amalha. Daí o êxodo e a terra da promessa.

Decerto o judeu exulta e disso ecoam profundamente as páginas da Bíblia, com as uvas doiradas e a larga abundância agrícola da terra

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

da promessa. Mas é o natural, o beduino, quem planta e semeia.

Não é à Deusa Ceres ou à Deusa Pomona que Israel ergue uma estátua festiva — quando, na ausência de Moisés, se torna um momento idólatra, mas sim ao Oiro, ao Bezorro de Oiro...

Na história de Judá não sopra jamais uma brisa do campo, um eco do seu amor à gleba.

Nos doze apóstolos, companheiros de Cristo, não há um que tivesse sido lavrador...

Disperso Israel pelo mundo, em parte alguma o vamos encontrar lavrando e semeando.

Em França, em Inglaterra, em Veneza, em Roterdão, na Rússia, na Polónia, em Constantinopla, em Tunes, por tôdas as terras e em todos os climas, judeu é sempre sinónimo de mercador astuto e consumado traficante.

Quando nós próprios chegámos à Índia, lá os topámos, negociando, à cata do oiro e das especiarias...

Nos tempos presentes a ingenuidade compadecida dos ingleses leva-os à tentativa de uma nova Judeia, com Tel Aviv plantada de laranjeiras e semeada de prados regados à americana... Puro engano. O árabe é quem planta, pois é o árabe que nasceu para regar e amannhar os prados. Bem depressa se reconheceu que, para o verdadeiro Israel, só interessava da

cultura das laranjas a sua cotação na Bôlsa de Londres.

Assim, resumindo, visto o assunto ser vasto e concluindo, sem aliás nenhuma outra intenção no que respeita ao semitismo senão verificar uma verdade histórica — temos de acreditar que há uma tendência humana no semita que o desinteressa da cultura agrícola. Existe assim um aspecto de orientação nos destinos de um povo, que não pode ser entregue sem desvantagem a um judeu: o seu destino rural! Nunca o *entenderá* e não o saberá, portanto, apreciar nem amparar como é indispensável.

Os homens que rodeiam D. Henrique, por instinto da raça, ou por espírito de ofício — não podiam nunca considerar com verdadeiro interesse as vantagens que a similitude de terrenos, de clima, e de culturas representavam para um desdobramento do Reino, e às terras para além do Estreito.

• *

Recolhidos em nós mesmos, na meditação e miséria do cativo filipino, muitos selaram de novo o seu pacto com a Terra, convencidos, pela lição dos tempos, de que só ela poderia

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

ser mãe generosa e fecunda, de que só com ela haveria finalmente que contar.

Já para a campanha, longa e dispendiosa da restauração, nos foi bem útil e proveitoso esse «regresso à terra». Sem as fôrças, que começávamos a armar do nosso ruralismo renovado, não teríamos por certo logrado resistir, nem por tanto tempo combater.

D. João IV é rural, como grande lavrador e grande senhor de terras. D. Pedro II também. O tratado de Metween tem ao menos essa interpretação.

Portugal, renunciando à sua indústria, não se confinava afinal totalmente na esperança ruralista?

Mas eis que chegam agora os galeões carregados de oiro do Brasil. De novo a Nação se alvoroça para sonhar com o *eldorado*, a quimera da fortuna e da felicidade para além do mar, em terras de mistério que, ao toque do alvião, generosamente se desventravam em milhões cintilantes.

De novo, para muitos, a enxada enferruja ao canto da lareira.

De novo, porém, o oiro passa sôbre nós como a sombra sôbre um muro...

E os clamores da «terra» venceram outra vez.

Quando o Marquês chega, são já os problemas de organização da produção agrícola que se lhe entolham mais necessários. Ei-lo por um lado a arrancar as vinhas e, por outro, a criar a Real Companhia Vinícola. Economia dirigida já. Problemas de indústria agrícola, que num país de vivo sentido rural reclamam o grande cuidado de se lhe não imporem soluções demasiado lineares...

O valor de uma política económica agrícola nestes países aquilata-se pelas soluções em que as *tendências* de cada região são aproveitadas e não esmagadas, encontrando-se o equilíbrio geral por meios sempre renovados pela competência e pela imaginação. Mas Pombal, como Colbert, não se preocupava com tendências, impunha reformas para os quais traçava planos servindo-se dos mesmos meios com que levantara a baixa lisboeta das ruínas do terramoto: — a régua e o esquadro...

Assim, quando o divino Garrett, certo dia, topa com êle, no seu passeio Elísio, não resiste que lhe não lance:

— Afinal para que mandou o senhor arrancar tantas vinhas se, por toda a parte, elas já já lá estão outra vez?

Ao que, Pombal, fiel a si próprio, e ao seu

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

velho critério retorque através da tremenda luneta:

—E, por lá, quem bebe agora todo êsse vinho?...
*

Na verdade, os problemas de organização da produção agrícola são problemas de índole muito delicada que exigem um conhecimento exacto de todos os seus dados e um propósito sincero de nada forçar, sob pena de tudo partir. As imposições de ordem económica, arbitrárias e violentas, são também *ineficazes*.

Os alemães, mestres consumados na arte de organizar, neste capítulo difícil proclamaram, no entanto:

«Menos organização e mais Produção».

Por isso eles não se aventuraram a uma orgânica corporativa, apesar das tradições sindicais em que podiam apoiar a sua experiência.

Com efeito, a Produção, mormente em tempos de dura crise, reclama mais *impulso* do que *limitação*; mais plástica de movimentos, do que quadros rígidos; mais audácia do que ponderação.

Sobretudo realismo. Realismo total, isto é, revolucionário; neste sentido de que se não

deve hesitar em ultrapassar velhos conceitos económicos, quando, para além dêles, a marcha claramente se acelera. O terror de um momentâneo desequilíbrio só assalta aquêles que, por mingua de imaginação criadora, reduzem o mundo a um conjunto de fórmulas feitas... pelos outros.

A função dos que orientam nunca pode ser uma função negativa. Orientar não quer dizer tolher, mas sim conduzir a marcha para a frente.

Ora, para conduzir uma marcha é indispensável ser permeável a tôdas as realidades — realidades que impulsionam e realidades que retardam.

Na marcha da Produção é sempre indispensável contar com os elementos que naturalmente a aceleram e com aquêles que fatalmente a contrariam.

O erro do Marquês — que é o erro de quantos entendem impor um critério sem ouvir o apêlo das realidades — foi julgar que, para resolver o problema vinícola, bastaria arrancar plantio a fim de que na mesma terra se semeasse trigo.

É evidente que a um apêlo bem nacional do Estado se podem conseguir grandes coisas, mesmo em matéria de Produção; mas não se

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

deve esquecer que ao homem só o movem duas grandes fôrças: a mística de um ideal ou o interesse do lucro. Quando mingua um, deve ter-se que suportar o poder do outro, sob pena de se não dar um passo, ou de se darem só passos em falso.

Quere isto dizer que há duas maneiras de encarar uma organização política do país: ou tomando por base o seu ruralismo, o seu amor místico da «terra», ou julgando-a apenas em função do critério industrial-agrícola.

No primeiro caso a *orientação* tem de ser dada acompanhada de carinhoso amparo — do impulso constante do Estado: ajuda para vencer as crises, crédito para reforçar possibilidades.

No segundo caso há apenas que assegurar o interesse.

De há muito, porém, que a traição burguesa para com a «terra» faz substituir o conceito rural pelo conceito da indústria agrícola nas relações do Estado com a Produção.

Essa traição, uma das maiores do pensamento burguês para com o temperamento nacional, está no seu mito do «Trabalho». Para ela tôdas as actividades — agricultura, comércio e indústria — como ela as classifica — se medem por uma medida comum: Trabalho-Lucro.

Assim, o impulso dos valores morais, que entram na paixão dos portugueses pela «terra», sofre naturalmente das oposições que gera e determina este conceito desenraizador por excelência: o trabalho agrícola visto por um prisma que é a negação do ruralismo, reduzindo-o a mera função industrial. Então, as solicitações que nos vêm da leiva e da fonte, as virtudes criadoras que nascem do nosso contacto com as forças telúricas da natureza, a nossa ânsia de transformação dinâmica da paisagem, finalmente o nosso voluntário sacrifício — semeando, plantando, «povoando» — tudo isso passa para um plano secundário diante da realidade fria e absorvente, a única que conta, a única que interessa: o *lucro*, o lucro traduzido nas vantagens soberanas do dinheiro e do seu cortejo natural de tentações.

Mercê desta traição do espírito de ganância pura, transportada para os costumes e para a legislação, gerações houve logo revelando perante a «terra» disposições que alteravam a sua própria fisionomia. Assim foi que às gerações que plantaram amorosamente a Oliveira e o Sôbro e semearam o Pinhal, confiando e esperando, ou oferecendo o seu sacrifício aos vindouros, — sucederam-se outras que planta-

ram sobretudo a vinha, signo de lucro rápido embora de futuro limitado e precário.

Mas outros golpes e mais rudes sofreu ainda a linha de força rural.

Perdido o amor da terra, a gleba passou para muitos a ser apenas um valor venal de bem melhor rendimento quando transformado em papéis de crédito ou em capitais de indústria.

Para quê, com efeito, sujeitar-se à longa e dolorosa tragédia dos que são escravos do seu ruralismo? Manhãs de frio, dias de inquietação e cansaço, noites sem o conforto e a distração frenética das cidades; as geadas que queimam o «renôvo» e as pastagens; o míldio que no espaço de uma manhã enegrece e faz tornar estéril e inútil a flor das uvas; o granizo que em dez minutos estilhaça e pulveriza todo o viçoso milho e todos os batatais floridos; a morrinha dos gados; o preço do ferro, desequilíbrio do preço da mão de obra, e... o impôsto.

Para quê?

«Dinheiro a juros» não o queima a geada, nem desfaz o míldio, nem arrasta o granizo, e por cima de tudo, quanto maior não é o lucro que ele pode trazer!

Assim, uns vendem; outros arrendam ou

entregam as terras a feitores, para irem em demanda de capital e na mira de ganhos maiores. Eis a traição burguesa!

«Lavarar», «semear», arborizar» todas essas palavras — fôrça de um «clima» ruralista — foram perdendo o impulso do seu conteúdo moral em «clima» de indústria agrícola. Agora, sábio será aquêlê que, compreendendo com clareza o problema e dêle tirando lógica conclusão, entenda como em «clima» que deixou de ter as virtudes rurais só há uma maneira de obter-se maior produção, aquela que realize mais substanciais e maiores lucros para o produtor.

Se neste capítulo, tôdas as violências serão estéreis, pois ninguém semeia à fôrça; todos os apelos serão inúteis, porque no mundo dos negócios não há mística que influa, mas sim cotações que resolvem.

Um negócio... Como não há-de a lavoura sentir-se tocada de mercantilismo, se ela é por *todos* considerada apenas como tal e, se por todos os lados, se vê cercada das solicitações da ganância que tudo avassalou?

E, no entanto, é na linha da fôrça rural, índice de maior resistência das virtudes características, que fizeram e mantiveram a estrutura do País nas horas de crise — que deve

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

apoiar-se uma política económica de justas e seguras bases morais.

É dentro do seu «clima» natural que a natalidade, o espírito de economia, a mutualidade, o amor pátrio, a fibra de resistência física e moral encontram um meio natural propício a todos os milagres de que é feita a marcha de um povo.

*

Que seria com efeito da Cidade sem a reserva de valores sãos que todos os dias recebe da terra? A Cidade, que consome todas as energias e amolece todos os caracteres no jôgo das engrenagens de mil preocupações e esforços da sua vida absorvente, impetuosa! Assim, o seu *tonus* moral baixaria incessantemente, se não pudesse recrutar na rija e boa gente dos campos indispensáveis elementos activos para reanimar e acelerar, em todos os tempos, a sua vida exaustiva. Dos campos ela recebe, em verdade, êsse influxo retemperador, assimilando elementos, que, não sendo valores especializados, conservam, no entanto, em potência, tôdas as possibilidades criadoras que se contêm nos homens puros e de vigorosas intenções quando correm à Cidade na ânsia de se ultrapassar.

Assim é esse elemento rural, que mantém a essência do factor humano nacional, mormente numa época em que o desenvolvimento industrial atrai e queima largamente as qualidades raciais.

E não só a energia e o instinto criador são as virtudes que se acumulam no coração do rural, com as quais êle retempera a vida do país. Também, o equilíbrio, a prudência e o espírito prático são ornamento do seu espírito — e todos bem necessários à economia moral de uma sociedade vivendo sob o impulso desenfreado de factores que por demais a perturbam e desorientam.

Todos nós somos sensíveis à diferença de julgamento do critério rural, quando êste se transporta para a Cidade. A Cidade surge-nos sempre pueril, entoxicada, inquieta e sem sentido claro da sua inquietação. A Cidade acredita em tudo e até nas mistificações mais evidentes. A Cidade, mesmo que se chame Paris, tem a curiosidade fútil de uma criança e o seu estonteamento imprevisto e ondulante.

A harmonia dos sentimentos, o espírito de medida e observação, justa, natural dos rurais, tais são as virtudes por cuja graça floriu um dia e se tornou cetro real, a aguilhada rústica de Wamba, rude arroteador da Egitânia

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

e sábio monarca de tôdas as Espanhas em tempos visigóticos...

Eis as virtudes que o espirito burguês atraiçoa, desviando na História o caminho da nossa vocação e arrastando-nos hoje para as incertezas de um destino sem grandeza moral e sentido criador de reais valores humanos.

CAPÍTULO III

A TRAIÇÃO BURGUESA E AS
LINHAS DE FÔRÇA NACIONAIS

A AVENTURA

VEM de longe, das origens, a nossa vocação aventureira. É uma linha de fôrça que nasce à raiz do sangue dos próprios fundadores.

O Conde D. Henrique é o aventureiro medievo que veio à cata da fortuna e da glória em seu cavalo de guerra coberto de ferro, os olhos fitos no sonho de um belodestino ocidental através da Península até às praias atlânticas. Aventura é Valdevez e é Ourique—aventura o próprio Reino conquistado, palmo a palmo, em marchas imprevistas na surpresa da noite, em *fossados* temerários na traição de serras e charnecas...

Aventura a independência e a luta contra as Espanhas. Aventura o Condestável, a ala dos Namorados e Aljubarrota—Aljubarrota, a aventura suprema!

Tudo condenava perante os cálculos do

R O L A O P R Ê T O

«bom senso», da «previsão», da «prudência», semelhante audácia. O Reino em grande parte nas mãos do castelhano. O país dividido, porque dividida a influência e a força da fidalguia em parte ganha ao invasor. Santarém com Castela, Sintra com Castela, os caminhos de Lisboa abertos... Como não teriam de ser sinistras as vozes dos Conselheiros do Rei, no Alardo de Tomar mostrando a «loucura» dos que queriam dar combate ao invasor, já de antemão tão claramente vitorioso, com as suas inumeráveis coórtas, para o tão reduzido exército que se lhe podia opor — a «experiência», a «ponderação» e «justa reflexão» do Conselho Real indicavam com segurança o único caminho viável — a fuga do Rei... E o Rei teria fugido e tudo se teria perdido, por certo, se ao bom senso e à previsão reflectida daqueles que a prudência raramente deixa rasgar novos caminhos, não se tivesse oposto a louca rebeldia, a absurda audácia de Nun'Álvares. Graças a ela, esta aventura torna-se a maior e mais brilhante façanha da nossa história militar.

*

Tôda a nossa marcha imperial é feita de clamores de Aventura. «Navegadores» e «aven-

tureiros» são, para o nosso povo, sinónimos confessos. Decerto, no plano das Descobertas, uma averiguada presunção científica, uma margem de certeza obtida em seguras fontes — um método e valores técnicos e inegáveis. No entanto, quanto não restava ainda ao valor individual conseguir, para que se traduzisse numa confiança, que era sobretudo esperança em uma convicção realizadora.

Os roteiros, que lhes assinalava o génio do Infante em pergaminhos iluminados, tinham uma contra-partida temerosa e cheia de incógnitas — o vasto mar povoado de lendas sombrias, os duros e incertos ventos, as alterosas e desapiedadas vagas... Entre «mar e céu», semanas e meses afastados da «terra cara», servir-se do Astrolábio tem importância; saber onde permanece o Norte tem evidentemente interesse; mas tudo seria vão se a chama interior que iluminava o seu sonho de glórias lhe não rasgasse incessantemente as cerrações trágicas — desânimo, incerteza, cansaço — em que se engolfava hora a hora, instante a instante, a frágil prôa das caravelas.

Todo o simbolismo da nossa aventura marítima está no gesto, lendário ou verdadeiro, do Gama, que em momento de apuro solenemente

R O L Ã O P R Ê T O

atira ao mar aparelhos e papéis náuticos clamando:

O piloto é Deus!

Aventura, aventura...

Ó glória de mandar, ó vã cobiça!

Aventura, alta febre lusitana que abrasa por um momento o vasto Oriente, desde as terras negras de Mombaça, Sofala e Zanzibar e das bôcas do Mar Vermelho ao Gôlfo Pérsico; de Ormuz a Gôa; de Malabar a Malaca e às Molucas; de Samatra aos incertos mares da China e ao misterioso e distante Japão. Sonho sem par de Albuquerque, o maior de todos os lusos que saíram do Tejo em demanda de grandeza e fama.

Aventura grandiosa e sonora, essa que se inscreve no próprio título dos Reis de Portugal, título que enche a História com acentos imperiais nunca encontrados, onde passam grandezas oceânicas e terras que tomam, de lado a lado, o vasto Mundo.

*

Caravelas de esperança, naus de inquietação, a que o próprio sôpro de ansiedade hu-

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

mana enfunava as velas na vertigem de chegar mais cedo... A atracção magnética das terras exóticas, regiões de maravilha, fascinação dos sentidos, terras onde homens, animais e plantas são a permanente surpresa dos olhos e dos ouvidos; florestas sem fim cujo mistério esconde doces fontes e aves de oiro; paragens estranhas em que o ar se perfuma do cheiro de especiarias e a tentação das riquezas espreita a cada canto na avidez da nossa miséria...

Aventura... Ansia de encontrar *novas terras e, o que é mais, novas estrêlas...*

— Linha de fôrça poderosa e tantas vezes decisiva no renovamento incessante de tôdas as solicitações com que nos leva a «acção» e nos ajuda a ultrapassar decepções e sacrifícios, confiantes. O espírito de aventura projecta-se vincadamente nas atitudes individuais e colectivas dos portugueses, revelando-se sempre fonte de optimismos generosos, impulso indomável de vontades criadoras.

É ela que explica a História Nacional em tantos lances imprevistos e em tantos momentos sem saída — inspiração inesgotável de chefes e de soldados.

Decerto, a «aventura» conduz por vezes a desequilíbrios nefastos ou é servida por visões imperfeitas, quando não é contrariada por cir-

R O L A O P R Ê T O

cunståncias imprevistas. Assim a aventura pode ser Alcácer-Kibir e D. Sebastião.

Mas é sempre a sua virtude criadora, interesse que produz milagres necessários como quando se chama 1.º de Dezembro de 1640 e D. Filipa de Vilhena.

Decerto, ainda, como tôdas as linhas de fôrça que atravessam a história de um povo, a linha de fôrça do espirito de aventura, sofreu desvios e recebeu golpes rudes, que a desvirtuaram ou lhe amorteceram as projecções activas ao longo dos tempos.

Foi assim que as traições do clima mercantilista se sobrepuaram tantas vezes ao espirito heróico sob o signo do qual têm feito grandes coisas os portuguezes. No entanto, aparente ou em eclipse, a sua permanência é bem clara lei da nossa história. Depois do oiro do Oriente e da «vil tristeza», foi possível o esforço hercúleo da Restauração, esforço duro que surge mais tarde — na decadência, para expulsar as legiões do Corso ou para mais adiante se dispensar na longa contenda liberal.

É erro, pois, e erro comprovado, todo o pessimismo que afirma ter-se perdido, com os fumos da Índia, o fio resistente da nossa vocação audaciosa e viril, não nos restando outra pers-

pectiva que um saüdosismo melancólico e sorna do que já fomos.

É evidente, por certo, que os valores activos sofrem muitas vezes a influência condicionadora do signo particular de cada época da História; e, assim, se a vida de um povo houvesse de ser vivida em ordem a duas referências essenciais — o imposto de palhota e o bilhete de lotaria — claro estava, que o plano de altos sonhos e grandes emprêsas não estaria na órbita das suas inquietações aventurosas. Por detrás, porém, da fisionomia exterior dos tempos, a *constante* do nosso espírito aventureiro demonstra-se em tôdas as épocas remotas ou contemporâneas.

E, assim, no período colonial do século XX, a aventura chama-se Couceiro e chama-se Mou-sinho: lídima, gloriosa, alta, como nos tempos imperiais da nossa grandeza de antanho.

Outras épocas, outros signos, outras as aventuras; mas a linha de fôrça do seu espírito mantém-se inalterável no sentido dinâmico e ousado. Na odisseia de África é tôda uma explosão de heroísmos, de inquietações ousadas, de coragens fortes; são ansiosas peregrinações por terras áridas, florestas insondáveis, gentes bárbaras — sangue e febre...

Silva Pôrto, Serpa Pinto, Capêlo e Ivens,

R O L Ã O P R Ê T O

renovam em África as tradições dos nossos exploradores e bandeirantes do Brasil; Mouzinho, Caldas Xavier, Galhardo, Aires de Ornelas, Couceiro, Roçadas, Camacho e João de Almeida—, oficiais, sargentos e «praças», que renovam a ousadia e o esforço rude das Conquistas.

Outras épocas, outros signos... A aventura porém, não cessa...

Quantos ignoram a série de lutas, de duras batalhas e de estranhas ousadias que foi preciso travar, empreender e vencer para que delas possam hoje beneficiar estes tempos em que vivemos.

Eis a trágica aventura do Rei D. Carlos, que, com seu filho marcha para a morte, cumprindo serenamente um destino inflexível e um alto dever confiante...

E logo outra surge, uma aventura ousada de um punhado de ilusões de quantos opõem galhardamente, ao curso da História, a negativa ingénua, mas viril, dos seus pobres peitos oferecidos às balas nas barricadas da Rotunda — as barricadas da República de 1910. Abandonados embora, a aventura não mais deixa aqueles sargentos, soldados e civis que teimam em bater-se e morrer, mesmo sem esperança, pela bandeira que o seu sonho hasteara.

Depois a aventura do Paladino, a aventura

medieva de Paiva Couceiro e da sua hoste descendo da Galiza por caminhos amargos e ásperos corgos, na madrugada fria — falange temerária de poucos e desarmados visionários — que vêm no propósito altivo de dar batalha à República e, mais do que isso, na intenção de despertar um povo que havia tantos anos adormecera... Mais amarga do que esta aventura é a dos chefes republicanos — dos sinceros — dos que lutaram com alma pura na ânsia de renovar a Nação, renovando o sonho que cem anos antes, nas margens do Sena, fôra a miragem grandiosa e exaltante que espantou o mundo.

Mas chega agora a sangrenta aventura da nossa intervenção na Grande Guerra.

Sem exército, nem marinha — divididos e sangrando ainda das lutas políticas — eis-nos, no entanto, levados a uma participação armada numa contenda de vida ou de morte que mobilizava tôdas as energias e tôdas as possibilidades técnicas das maiores nações do mundo. Para que impulso poderoso fariam apêlo, em tais circunstâncias, os dirigentes, entre os quais sobreleva, pela sua tenacidade e firmeza, o chefe do departamento da guerra, Norton de Matos, se não para o impulso natural e seguro do nosso espírito de aventura. Só êle, com

efeito, os absolveria das graves responsabilidades que assumiam, improvisando uma força armada que em terra e no mar teria de afrontar, se bem que entre aliados poderosos, os recursos e a galhardia do primeiro estado militar do Continente.

Pois foi êle, o eterno espírito da nossa vocação aventureira, que nos mobilizou e ousadamente tomou na Flandres à sua guarda um áspero sector na grande linha de combate que decidia então dos destinos do mundo. Dois lances da melhor nobreza militar assinalam o princípio e o fim da nossa acção: — Naulila, a carga de cavalaria de Sereno e Aragão, medieva e resoluta, contra as metralhadoras e os *rifles* dos africanos tedescos; — «Augusto Castilho», o suicídio heróico de um pequeno «caça-minas em combate com um dos mais poderosos submarinos alemães. Suicídio consciente, gesto cavalleiresco entre os mais altos, do seu comandante Carvalho Araújo, que, oferecendo a vida e a dos seus marinheiros, salvou da morte os passageiros do navio que fôra confiado à sua protecção e ergueu ao mais alto cume a glória da Nação Portuguesa.

É certo que nesta aventura da nossa intervenção na guerra, uma dolorosa página de sangue se escreveu: o 9 de Abril. O «9 de Abril»

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

não é, porém, uma derrota, é um *esmagamento*. Não foi a resultante de uma superioridade de táctica, ou de uma superioridade de valores técnicos e morais dos adversários. Foi, como largamente testemunha Vasco de Carvalho ⁽¹⁾, consequência invencível de uma acumulação temerosa de material de bombardeamento, cuja acção brutal produziu um desequilíbrio de forças insuportável para um pequeno sector, quasi sem reservas, como o nosso.

Todavia, mesmo nessas trágicas circunstâncias, a honra da bandeira ficou intacta. Com efeito, cortados desde a primeira hora os contactos entre as unidades, cobertos de metralha e de fogo, envoltos no sudário gelado do nevoeiro da Flandres, os nossos soldados, sem saber para quê, pois ninguém lhes mobilizara a alma, batem-se com denôdo e com galhardia; sabem morrer, trincheira por trincheira, morro por morro, como veteranos, como outrora em Mazagão e em Diu... Palmo a palmo, *devagar*, *devagar*, inútilmente, numa aventura de predes-tinação heróica, como em Alcácer...

Inútilmente? Como na «boutade» romântica de Rostand, os soldados da aventura portuguesa da Flandres poderiam proclamar:

(1) O «9 de Abril»,

*On ne se bat pas dans l'espoir du succès :
C'est bien plus beau quand c'est inutile.*

*

Na tarde fria e pardacenta de 5 de Dezembro de 1917, tarde de suprema inquietação e anseio, Lisboa estremeceu de súbito ao toque da marcha de guerra dos clarins de Sidónio Pais.

Subia a Avenida a mais galharda aventura de gente moça, a mais ardente «rapaziada» heróica em quem alguma vez tocou o vento da revolta. Na vanguarda a cavalaria de Teófilo Duarte «um tenente» e, por «grosso da coluna», a Escola de Guerra... Flor das batalhas, cadetes joviais e ousados de uma estranha Gasconha de resgate e glória.

Era ainda o tempo em que a Rotunda se mantinha campo de torneio eleito para as lides que decidiam bravamente dos destinos da Nação.

Batalha dura, cavalgadas fulminantes, ousadia e fé.

Entre tantos, que tão bem se bateram, duas figuras destacam-se, dois cavaleiros andantes, de bravura temerária, dois soldados que total-

mente encarnam as virtudes do génio nacional — desprezo da própria vida, espírito de temerosa aventura: Teófilo Duarte, entre os que atacavam, Agatão Lança entre os que defendiam.

Agatão Lança, à frente dos seus admiráveis marujos, ferido duas vezes — exangue e inabalável. Teófilo Duarte, com um esquadrão de cavalaria, faz tôda a ofensiva da revolta chegando a assaltar e aprisionar uma bateria de artilharia, à frente dos seus cavaleiros.

A odisseia de Teófilo Duarte, nesses dias agitados e atrozes das revoltas democráticas e da insurreição monárquica, é das mais extraordinárias aventuras, capaz só por si de dar relêvo a um temperamento e a uma época.

*

Assim é este povo. O povo pelas suas elites activas e o povo na sua «arraia miuda», pois que em todos estes lances, sargentos, cabos, soldados e civis, se bateram com glória e honra.

A insurreição monárquica, que vem a seguir, oferece então o ensejo a uma grande mobilização popular, que ao apêlo da mística republi-

cana — o último grande incêndio — corre às armas e assalta de peito descoberto, e em massa, o melhor da guarnição de Lisboa concentrada no alto do Monsanto. Essa grande aventura popular revela bem o poder da linha de força do nosso temperamento. Foi êle que impossibilitou então a Monarquia, em vésperas de se restaurar.

A gente moça de hoje não pode por certo fazer uma idéia da impressão poderosa que fazia a nossos olhos espantados a marcha dos batalhões populares pelas ruas da Capital, naquelas horas de vibração e incerteza.

Dir-se-ia que o velho Santerre ressuscitara, aqui nas margens do Tejo, com o seu eterno tambor, a convocar as secções reincarnadas dos *sans culottes*...

Respirava-se um estranho ar fecundado por tôdas as emanções de violência. Cessavam certos ruídos familiares e a cidade como que emudecera, de semblante carregado e grave. Uma grande angústia apertava os corações — a angústia inexplicável dos altos momentos em que tudo se aguarda e espera... Do fundo da História chegam-nos tôdas as reminiscências de frondas e de lutas, em que o perfil do povo se torna inflexível no esforço de mudar os destinos.

Tivessem os chefes republicanos de então

uma alma pura na acção, e uma nova República teria porventura surgido. Outra vez, porém, como depois do 5 de Outubro o povo servia apenas as miseras ambições de chefes burgueses e incapazes. A esperança de uma restauração monárquica perde-se sem que a República tirasse daí qualquer apreciável benefício.

O espírito esterilizante da Burguesia liquidava assim duas ardorosas aventuras: a da tropa e a do povo. Tudo foi em vão, o esforço, as lágrimas e o sangue... Isto é, tudo foi balado para o sentido que dera impulso àquela tragédia. Mas nem tudo foi inútil, não; pois um facto novo e de importância singular surgira no alto de Monsanto: a fisionomia viril, nova, categórica, revolucionária do Integralismo, quinta essência do nacionalismo português. Alberto de Monsaraz, alferes gentil e o mais gentil dos espíritos, caía no próprio sangue, inabalável, na fé do seu sonho:

«Rapazes, fogo! Pelo Rei e em frente...

Eu já tombei, não pensem mais em mim»!

Com ele caía Pequito Rebêlo, enquanto na mesma aventura se batiam com igual coragem, Hipólito Raposo, Félix Correia e outros batalhadores esforçados, que em Monsanto colheram a lição do seu sacrifício entre duas certezas históricas: a liquidação da monarquia

R O L Ã O P R Ê T O

burguesa e a demonstração de uma linha de força inerente ao temperamento popular, mobilizado pela fé no seu próprio resgate.

Ninguém como Alberto de Monsaraz, poeta e batalhador, melhor compreendeu então todo o sentido da grande tragédia daqueles que subiram a colina do sacrifício, percorrendo caminhos interiores tão diversos e contraditórios. E foi por isso com certeza que, sob a metralha dos contrários, ferido ele próprio, jamais a sua espingarda se voltou para o povo. Todos os seus tiros se perderam inocentes e inúteis, num céu indifferente...

Sentimentalismo, poesia, reflexo de intelectual ou revelação interior? Fôsse como fôsse, o certo é que o mais artista, o mais distante, o *Conde de Monsaraz* foi o único talvez que não atirou contra o povo, mesmo quando este o metralhava e, mais tarde, na campanha nacional-sindicalista foi daqueles também que mais se esforçou pelo bem do povo, ainda mesmo quando o próprio povo parecia não querer entendê-lo.

*

Eis agora uma outra aventura que, por momentos, renova todo o clamor heróico das nossas façanhas atlânticas. Aventura que mergu-

A TRAIÇÃO BURGUESA

lha as fundas raízes através de oito séculos da História e sobe ao cimo dos tempos na flor alta de uma odisseia que retrata como poucos a inquietação deste povo eternamente debruçado sobre o mar, atraído pela fascinação do seu mistério insondável... Aventura que melhor traduz a nossa tentação ancestral de saltar, a pleno vôo marinho, por sobre as águas sem fim, em demanda de horizontes inacessíveis para além dos quais se ocultam as formas irreais do nosso eterno sonho... Erguermo-nos do alto de um rochedo a dominar, com as largas asas de uma águia real superior às vagas, às marés e aos ventos indomáveis.

Tal foi a aventura de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral num pobre esquife a que a sua energia inquebrantável e a sua fé incansável — mais do que as míseras e precárias possibilidades do aparelho — deram asas e motor para alcançar de um pulo, primeiro que ninguém, as terras do Brasil, pelo ar.

Num momento tãda a Nação estremeceu e vibrou. E, enquanto Coutinho e Cabral suspensos sobre o abismo, ansiosamente perscrutavam nas trevas os sinais de boa rota, iam sentindo bater-lhes ao lado, alvoraçado e inquieto de orgulho, o coração da Nação Portuguesa, tãda ela

R O L Ã O P R Ê T O

embarcada também na caravela do ar para a nova aventura.

Brito Pais e Aragão são depois outros «aventureiros», outros pioneiros gloriosos da nossa vocação magnífica. Um belo dia a tropa soube com espanto da sua temerosa façanha, Lisboa-Macau, em tão leve e frágil aparelho que outros que não fôsem os portugueses da eterna aventura e não se manteriam por certo no ar, por tão grande e difícil caminho.

Fugazes e leves têm sido, porém, sempre os nossos meios, e só bem forte e indomável se mostrou sempre em mil façanhas o nosso heróico coração.

Portuguese war ship chamam os ingleses aos airosos *argonautas* que com a sua firme vela de nacar desfraldada, singram a todos os ventos do oceano...

Marinheiros, e como marinheiros valentes, dando sempre a cara ao perigo por glória própria, e por maior que êsse perigo parecesse, tal foi sempre a tradição do nosso brio militar.

É do nosso tempo o belo gesto de Augusto de Castilho no Rio a bordo da sua pequena corveta, como não esquecem as façanhas esplêndidas das canhoneiras de Augusto Ferreira, no Limpopo... Barcos pequenos, porque os não temos maiores, mas sempre uma grande alma

para fazer com êles aquilo que outros só fazem com os grandes.

Durante a guerra russo-japonesa, um dia que Carlos Nogueira cruzava com a sua minúscula canhoneira colonial as águas da Baía dos Tigres, mostrara-se, de súbito, a esquadra de Rodjvensky, que ia em demanda do Extremo-Oriente. Era uma poderosíssima esquadra, que partira da Europa na segurança de liquidar a vitoriosa armada nipônica.

Como neutros, não podíamos consentir a sua entrada em pôrto nosso e, nesse sentido, tinha ordens categóricas o comandante do barco português.

Feitos porém os sinais indicando ao Russo que êle tinha de mudar de rumo, nem por isso a grande esquadra deixara de se encaminhar para onde lhe era vedado.

A honra da nossa bandeira iria assim ficar enxovalhada? Que poderia entretanto o nosso minúsculo barco fazer mais?

Não hesita porém Carlos Nogueira. Proa à monstruosa armada, corre a intimar o almirante a não insistir, pois que as ordens do governo português tinham que ser cumpridas e para isso já as peças de bordo tinham sido destapadas e todos os do seu navio estavam nos seus postos de combate...

— Mas se eu teimar a entrar?

— Faço fogo!

O Russo, para quem, depois de tão longa viagem, descansar era de importância decisiva, não pode deixar de sentir a grandeza do lance e não só obedece, como se julga no dever de prestar as suas homenagens a homem de tão grande galhardia.

Importa pouco a insignificância do nosso barco. A bandeira portuguesa não a arreará o temor, pois, como mais tarde o provaria Carvalho Araujo, face ao inimigo, ninguém a arrancaria da adriça até que o navio mergulhasse com a heróica equipagem, nas aguas do mar.

A grandeza de um povo é feita um pouco destas loucuras heróicas. Saber que para defender a honra da Nação basta um punhado de marujos num velho barco ou quatro soldados entoxicados de malária morrendo com o seu comandante no pôsto que lhes foi confiado — eis uma garantia que faz hesitar os poderosos pelo respeito que a todos merece o aprumo dos seus filhos. Uma Nação assim nunca morre, pois que, para além da violência que a sacrifique uma hora, vem sempre a reparação a que tem direito a sua dignidade sem mancha.

Recordar uma época agitada e áspera que tantos já esqueceram e outros, porventura, desconhecem, não deve causar quaisquer reparos ao *bom senso* dos que hoje estão tranqüilos pelo presente e pelo futuro. Só para os pessimistas a evocação desta aventura, ao longo da qual tantos valores activos se revelaram no povo e nas elites, êste volver de olhos para o recente passado tem por certo largo interêsse objectivo.

A lição dos sucessos que lógicamente conduziram à aventura do 28 de Maio e das lutas que o estabilizaram, lutas onde surge uma elite numerosa e brava como Gomes da Costa, Cabeçadas, Vasco de Carvalho, Luna de Oliveira, Agatão Lança, Major Varão, Mário Pessoa, David Neto, João dos Santos Marques, Curujeira de Carvalho, Jorge e Júlio Botelho Moniz, Dóres, Casais, Aragão, Dias Leite, Brito Pais, Bancelar, Silva Pais, Boavida, Granjo, Costa Alemão Teixeira, Moreira Lopes, João da Costa Andrade, João Soares, Alferes Romão, José Brandão Pereira de Melo, Pedro Moreira, David Rosado, José Virgolino, Francisco Chedas, Alberto Godinho, Vilar, Horácio de Castro, Montalvão e Silva, José Agapito, Augusto Pi-

R O L Ã O P R Ê T O

menta, Júlio de Oliveira, José Esquível (hoje comandante de Caçadores 5), Alferes Branco, Alferes Barcelos, Teixeira Pinto, Oscar Ruas, Pinto Correia, Freitas (hoje comandante de Metralhadoras n.º 1), Monteiro de Barros, José Nazaré, Gorgulho, José Januário, António Tavares, Eduardo Soares de Albergaria, Tenente-coronel Utra Machado, Abranches, Carrasco, José Manuel de Carvalho, Protes da Fonseca, Delfim Maia, Martins de Lima, Dourado, Joaquim Baltasar, Manuel Deslandes, Santos Romão, Horta, Rogério A. da Silva, e tantos outros esplêndidos militares, de um e de outro lado da trincheira, a que se juntam civis não menos intemeratos e leais como os Vilaças, os Rangeis, os Alberto dos Santos, os «mata-afonso» os Pamplona, os Oliveira Bastos, os Charters de Azevedo, os José Zeferino, os António Valadares, os Costa Alemão, os António Victorino, os Egas de Carvalho, os D. José Barahona, os José Prego e tantos mais—essa lição onde há lances históricos como o «18 de Abril», a revolução em Braga e a «marcha sôbre Lisboa», o «7 de Fevereiro», a «revolta da Madeira», o «26 de Agosto» — essa lição, repetimos ainda, atesta também por si própria, como a constante do desembaraço físico, da *coragem*; permanece no temperamento dêste povo e é capaz de todos os milagres.

Decerto que foi uma viva batalha, onde se desperdiçaram valores e energias úteis; mas, a ter que decidir: «antes una nacion de locos que una nacion de escravos», graças tem de ser dadas à providência dos nossos destinos que manteve em nós uma *linha de forças de aventuras*, que foi a asa poderosa por onde nos libertámos do charco podre, onde os povos que nêle caem para sempre, se somem e perdem.

Contra essa gente esplêndida e inabalável nada pôde o «bom senso», a «prudência» e outros mandamentos da corrupção burguesa. Ia-se para a guerra cantando, sem deitar balanço ao que se perdia, pois tudo se oferecia, até a vida, no altar da Nação e do Ideal sagrado que se elegia.

Engenheiros, advogados, industriais, proprietários, ninguém se lembrava de fazer contas aos ordenados cerceados, às fábricas e terras abandonadas — na hora em que o apêlo do país ou o imperativo das suas convicções lhes impunha marchar.

Assim se foi para as incursões, para as revoltas, para as Flandres e para a África. Quando em Naulila caíram os primeiros portugueses, sendo nós uma nação neutra ainda, todo o país reagiu e ninguém se lembrou de se congratular por serem só aqueles que lá morriam, distan-

tes, enquanto nós iamos gozando «êste dom inestimável da paz».

O editorial do «Diário de Notícias», de 24 de Março do corrente ano, em que, a propósito dos massacres de portugueses em Timor, Macau e Manila se friza que exactamente quando morrem portugueses lá longe é que melhor sentimos os benefícios da paz que aqui gozamos — é um perfeito sinal dos tempos.

Esfregar as mãos de puro contentamento pela tranqüilidade que o destino nos tem consentido — está bem que o recordemos em tôdas as ocasiões, menos porém, decerto, no momento em que nos lembramos dos ultrajes à honra da nossa bandeira e à dignidade e segurança dos portugueses por êsse mundo, tão duramente atingidos. O mais elementar brio nacional e o mais frágil laço de solidariedade entre portugueses no-lo proíbe.

Pelo contrário.

Onde quer que caísse um português, à mão de inimigos, nos confins da Ásia ou nos remotos sertões africanos, era aqui, na Mãe Pátria, que se sentia o trágico baque; e, para sempre, nos ficava nos ouvidos, o estrondo horrível, clamando como um remorso, enquanto o não vingássemos...

— Galhardia? Espírito de aventura?



Mas esta linha de fôrça, cuja revelação é condicionada por circunstâncias de tôda a ordem, mesmo quando se não exteriorize em manifestações de importância capital para os destinos da Nação, nem por isso deixa de actuar como estimulante benéfico e é, portanto, um coeficiente de acção, cuja utilidade convém sempre ter em conta, Há nela um conteúdo moral, que se traduz por um salutar espírito de optimismo, frente à vida e às suas contingências, optimismo que a torna centro-motor, fôrça de vontade renovada ao serviço da energia humana.

Tôdas as emprêsas têm seu risco, mas nenhuma o risco das emprêsas militares nas quais está em jôgo a própria vida de quantos as empreendem. Quando um povo, como o povo português, mostra ao longo da sua marcha na História uma tão grande disposição para o sacrifício e uma tão grande constância na esperança, mesmo quando é *aventura* esperar, grandes são as suas possibilidades para vencer no presente como no futuro os obstáculos que lhe surgirem no caminho, porque grandes são as suas possibilidades de, em todos os tempos, se ultrapassar a si próprio pela confiança inte-

R O L Ã O P R Ê T O

rior que é a linha de fôrça do seu próprio temperamento.

*

O clamor interior de uma dignidade que permanentemente afirmava os seus direitos ou o acicate de uma solidariedade que impunha o seu comando, por cima de tôdas as solicitações do egoísmo e do interêsse pessoal — tais as trincheiras morais em que se escudavam as atitudes, não as deixando cair, senão por excepção, no pecado vil da simulação ou na baixeza sem nome da deserção face ao inimigo...

Era-se orgulhoso!

Quando do *ultimatum*, de que resultou a perda de terras africanas, a estátua de Camões cobria-se de crepes, a bandeira da Nação que nos ameaçava era desrespeitada nas ruas da Capital e de tôda a parte surgiram ingênuos mas ardentes oferecimentos de voluntários...

Muitos foram também os voluntários na guerra mundial de 1914. Deputados ou personagens a quem a importância política podia facilmente evitar o sacrifício de marchar, foram os primeiros a fazê-lo, acudindo assim ao apêlo de uma consciência imperativa que não lhes consente atitudes como «êsse dom inestimável da

paz», quando outros portugueses, menos protegidos da sorte, se iam bater pela causa da bandeira.

Muitos são os portugueses que caíram em África e na Flandres, como muitos são os que de lá voltaram com as fardas esburacadas de balas e o peito constelado daquelas medalhas de excepção que são o prémio dos que se oferecem à morte sem hesitar, por glória do seu país, nêsse outro dom bem mais inestimável que é o doce dom de viver... Gomes da Costa, Alves Pedrosa, Craveiro Lopes, Pissarra, Peres, Mousinho de Albuquerque, Bento Roma, Anibal de Azevedo, Cabeças, os irmãos Olavo, Jaime Baptista, David Neto, Figueiredo, António Correia, Hernâni Cidade, Durão, Oliveira Belo, Moreira Lopes, Sacramento Monteiro, Dorés, Manuel Afonso do Paço, José António Boavida, Currusca, Rebelo, Figueiroa, Augusto Tavares, Nepomuceno de Freitas, Calado, Lacerda Nunes, Leão Teixeira, João Quinhones Portugal da Silveira, Casaleiro, Santos Carneiro, Côte Real, Pinto de Barros, Joaquim José Saldanha, Vasco de Carvalho, Malheiro, Trancoso, Chiote, Rodrigues Leite, Cansado, Ribeiro Gomes, Carlos Braga, Almeida Luz, Ribeiro de Carvalho, Cameiro Franco, Almiro de Vasconcelos e tantos,

tantos mais que gloriosamente morreram ou padeceram pelo seu país.

Da mesma maneira, nas atitudes proveitosas, como em tôdas as outras atitudes espirituais, *era-se categórico*.

Era-se *republicano* e era-se *monárquico*, *católico* ou *ateu*, *governamental* ou *oposicionista*. Era-se fôsse o que fôsse com firmeza, com decisão — Honradamente!

Eleger um credo religioso em uma idéia política, era como que um acto livre da consciência, que impunha deveres e não um cálculo dos instintos que proporciona direitos.

Todos aquêles que, enfileirando num grupo, alinhando atrás de uma bandeira, o faziam apenas por interêsse — tinham um único nome: *vendidos*. Como aquêles que apenas o faziam por *mêdo* tinham outro: *cobardes*.

Era *vendido* todo aquêle que, sabendo bem que atraiçoa as suas idéias mais sagradas, o País e o próprio dever das suas camaradagens — só prezava, para as usufruir largamente, as vantagens da sua traição.

E todo aquêle que, com *mêdo* de sofrer, traía; com *mêdo* de lutar, abandonava; com o *mêdo* de perder, desertava — grande miséria — chamava-se *cobarde*!

CAPÍTULO IV

A Traição burguesa
e as linhas de força nacionais

○ ESPÍRITO

HÁ lugares onde a natureza se cala e as solicitações dos sentidos cessam em face do misterioso apêlo que nasce das coisas e penetra o interior das almas erguendo-as em êxtase.

É aqui que a fina sensibilidade de Barrés escutava soprar o espírito...

Fátima é dêsses lugares eleitos, «colina inspirada» onde os pensamentos se afinam e, por momentos, procuram as razões insondáveis do mistério do mundo.

Vindos dos quatros cantos de Portugal, homens da serra e da planura, das cidades e da charneca, das terras distantes e das bordas do mar, muitos são os que sobem a colina do encantamento carregando de longe o peso da sua inquietação ou da sua queixa, movidos pelo impulso telúrico dos instintos ou guiados pela es-

R O L Ã O P R Ê T O

piritualidade alta de uma crença — muitos são aquêles que demandam Fátima.

Ao alto da colina forma-se por momentos o clima de uma grande comunidade popular com tôdas as virtudes e defeitos, com tudo o que define as características dos portugueses. Une-os — um instante — uma comunhão geral que curva ou alteia o peito, esmaga ou alvoroça os corações tocados do milagre do lugar — a comunhão do infinito... A fé nos destinos...

Então, o espírito sopra... E, por seu alto condão, a comunidade de Fátima se torna um portentoso milagre de rara essência, em que todos os clamores e todos os gestos — todos os actos que testemunham uma atitude — conservam a côr específica, mantêm a nítida expressão individual. Não se somam ali as vontades. Não se manifesta, a não ser por incidente, a marcha serrada de qualquer fanatismo. Mesmo nas manifestações em que todos colaboram, não se produz uma massa de automatismos; antes, a maior parte se conserva — até colaborando na sua liberdade de acção, — atenta ao pormenor, virada à luz do seu próprio pensamento. O homem continua homem, com a sua curiosidade, o seu espanto, a sua fé ou o seu cepticismo — dentro sempre de si próprio, sem se perder no agitado mar que o rodeia, sem sair do eixo da sua per-

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

sonalidade — Pessoa Humana, Espírito, enfim!

Grande milagre do espírito é este, com efeito, Milagre de um clima fecundado pelo humanismo de uma Fátima católica cujos acentos universalistas dão maior realce à exaltação personalista, certo de que o pensamento que leva à síntese humanista do universo parte mais seguramente de uma análise que conduz ao Homem, livre e sagrado?

Vocação particular de um povo de seu natural impermeável às traições, por onde se transformam as comunidades humanas em dóceis e servis rebanhos?

Prodígio, enfim, de um lugar em que as forças telúricas se confessam vencidas e o homem liberto dessa gravidade misteriosa e empolgante pode manter a despeito de circunstâncias exteriores o equilíbrio da sua vontade?

Tal o problema que em Fátima se põe todos os dias, quando se observam os movimentos livres dos grupos humanos no seio da grande massa e o valor dos reflexos individuais, que por tôda a parte explodem sem quebrar a harmonia do conjunto.

Não é porém este o problema espiritual do povo português?

Gente de tanta violência no amor da terra, de tanto entusiasmo na aventura e, no entanto,

de tão justas proporções nos impulsos da sua espiritualidade, mesmo no domínio do absoluto! Povo que, em todos os tempos e em tôdas as circunstâncias, manteve sempre a fé nos seus particularismos e defendeu sempre com amor as suas liberdades.

Povo de rurais e de poetas, de guerreiros e de artistas. Povo de «homens livres» e não de «massas». Eis o que testemunha Fátima. Pelo menos aquela Fátima que se mantém na pureza dos primeiros apelos, longe das traições burguesas que mancham a grandeza dos altos cimos espirituais com a sua presença mercantil ou «snob».

O Homem aqui mostra-se livre, livremente, voluntariamente, procura o caminho do seu destino, sòzinho perante Deus ou perante a sua dúvida. E aqui, sòzinho, marcha confiante.

Confiante... Essa confiança que lhe dá uma tão clara serenidade multiplica-se em Fátima, êsse largo altar que a vista abrange de todos os lados e que por todos os lados espalha a idéia pacificadora que Deus — seja qual fôr a culpa de cada um — é a salvação de todos...

Nenhum problema de consciência se põe para os que ali *acreditam*, pois todo o pecado, mesmo o mais grave, pode ser perdoado e, portanto, todos têm o coração liberto de velhas

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

culpas... E mesmo para os que *não crêem*, a consciência se aligeira do pecado, pois que a descrença pode bem ser considerada como um rompimento na linha de ordem religiosa. E o que é a vida dos crentes, tal como o cristianismo a considera, senão uma série ininterrupta de rompimentos e de perdões, de desastres e de vitórias, de batalhas e de tréguas?

Confiantes pois, isto é, livres...

*

Sômos assim. A linha de fôrça da nosso espiritualismo é um índice de inspirações, anseios e cuidados, onde se retrata sempre a volúpia de ser livre, o orgulho de não sofrer limites à glória de ser Homem.

Decerto, a espiritualidade portuguesa é fundamentalmente religiosa. Em tôdas as manifestações da vida dêste povo surge a presença de conceitos pela fôrça, que são directrizes cristãs. Nas grandes obras onde se evidenciou o nosso génio, como nos simples actos e vulgar linguagem de todos os dias, a cada passo se mostram testemunhas de quanto nos penetrou o cristianismo e de quanto êle — quer se deseje quer não — comanda, através de velhos hábitos e velhas palavras.

Todavia, poucos povos terão em tão natural horror o facto e a palavra «fanatismo».

Nunca através da história, a não ser nas horas de crise, nas horas de doença do organismo nacional — nunca os planos da vida cívica e da vida religiosa se sobrepueram sem reacção. Pelo contrário, desde as origens da Nação Portuguesa, foram êsses sectores sempre bem distintos e, quando se chocavam, era mais por virtude e atitudes pessoais dos responsáveis do que em razão dos impulsos colectivos, que de um lado ou do outro impusessem tendências de comando absoluto.

Êste equilíbrio testemunha decisivamente um outro: o equilíbrio da espiritualidade portuguesa feito do respeito pelos direitos e pelas idéias de cada um.

Decerto que já os portugueses coevos de Erasmo tinham um instrumento crítico tão afinado como os dos seus contemporâneos europeus — e não se privavam das ironias e até das facécias com que os frades e clérigos eram mimoseados a propósito da inverosímil dialética das sermonatas e do pedantismo de gestos e palavras por que eram pronunciadas, do exagero de certas fórmulas de penitência, da boçalidade de certos hábitos e impudor de costumes; — já então em Portugal também se sentia

que: «il vous serait plus aisé de sortir d'un labyrinthe, que d'échapper des filets des Reaux, des Nominaux, des Thomistes, des Albertistes, des Occamistes, des Scotistes, et enfin de toutes les séctes théologiques dont je ne nomme que les principales» — como em Portugal se era também espectador divertido das «disputas de palavras» em que se aclarava a diferença entre «graça gratuita» e «graça gratificante», «opus operas» e «opus operatum», «caridade infusa» e «caridade adquirida». Finalmente já também aqui se considerava com bonomia, a respeito de frades e clérigos, que «leur rencontre seule est regardée comme mauvais augure». Todavia, nunca a História teve que registar entre nós exageros ou violência duradoiros no clima dos debates. E, mesmo quando os reis ou governantes lutaram duro, jamais uma onda de fundo se ergueu a impor uma política contra a Igreja ou a seu favor.

Em tudo, de resto, êsse equilíbrio é notório, até mesmo, nas provas mais vulgares e no respeito que o povo mantém para com a Igreja. Os portugueses raramente blasfemam e, quando o fazem, bem grande é a distância que os separa, por exemplo, da brutal grosseria de espanhóis e italianos...

Foi também, por milagre do nosso tempera-

mento, que entre nós se esbateu o eco dos altos lances das lutas religiosas em que se abrasou a Europa de 1520 e de tôdas as repercussões adrede.

É verdade que se atribui aos processos dolorosos da Inquisição a unidade do nosso espírito religioso; mas deve-se no entanto frizar que o Santo Ofício, que entre nós foi largamente arma politica dos governantes, não teve que reduzir nenhum movimento de grande monta, nem submeter ou liquidar figuras de tão alto relêvo que a sua actividade espiritual pudesse causar um desequilíbrio decisivo.

Mais tarde, quando as lutas liberais agitaram o país, grandes foram — é certo — os redemoinhos na ordem dos sentimentos religiosos; mas como negar que o aspecto fundamental do debate era político, e, políticas tôdas as manobras de confusionismo ou de impulso religioso; de que os partidos em luta se serviram para seu exclusivo proveito?

De um e doutro lado se ergueram bandeiras e pregões, mobilizando os «verdadeiros» sentimentos religiosos do povo; mas, se uns vinham por Cristo e Roma e os outros por Cristo e o Evangelho — a unidade no entanto manteve-se para além da luta, porque ela nunca deixou de se

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

fazer sob a Cruz alto signo do nosso destino universalista e humanista.

Assim, nem excessos nem contradições desconcertantes, nem rupturas graves — nada desmentiu o equilíbrio da nossa espiritualidade através das relações, tantas vezes tão melindrosas, da vida civil e da vida religiosa. A linha de fôrça do Espírito pôde pois definir-se e acentuar-se com a afluência de todos os valores por onde através dos tempos se projectou no Universo a marcha clara de um pensamento português — uno e cristão, uno nas suas raízes, cristão na sua regra humanista, na sua projecção universal.

A TRAGÉDIA DA «UNIDADE»

Há povos cuja inquietação maior, inquietação de séculos tem sido a sua ânsia de encontrar a unidade nacional sem jamais o conseguir. A Espanha por exemplo.

Ausência de vias naturais de comunicação, dificuldade de precisar o seu centro geográfico, problemas religiosos ou de língua, eis outros tantos motivos que, ao criarem particularismos irredutíveis, se opõem à unidade de um povo, ocasionando repetidas e graves crises nacionais.

Portugal teve logo por si o território.

Estreita faixa ao longo do mar, toda sulcada por uma intensa rede de rios e seus afluentes, a que o destino concedeu uma orientação tão favorável como o «Minho», o «Douro», o «Vouga», o «Mondego», o «Zézere», o «Tejo», — o «Tejo»

R O L Ã O P R Ê T O

estrada real, avenida — eixo do sistema — o «Sado», e principalmente o «Guadiana», Portugal encontrou já feitos e perfeitos, os caminhos da sua unidade. Êsses caminhos, que abriam o horizonte da terra, demandavam todos o mar e o mar, no seu largo abraço, confirmou para sempre os nossos destinos de Nação una.

Ao facto feliz da nossa unidade ter sido encontrada «naturalmente», junta-se outro de não menos importância — o de não ter sido feita em prejuízo de uma parte do todo. Estas duas circunstâncias explicam assim como se tornou possível, primeiro do que tôdas as outras nações europeias ribeirinhas do oceano, a nossa aventura ultramarina.

Com efeito, só unidos e livres de qualquer preocupação pelos destinos dessa unidade, nos poderíamos oferecer, como nos oferecemos, às solicitações atlânticas e universais do nosso génio.

Assim, a linha de fôrça da nossa espiritualidade se mostra, desde as origens, claro índice de uma rara unidade nacional, pois que é realizada duas vezes pelo território e pelas leis da comunidade — religião, língua, costumes.

Cristã e «humanista» nos primeiros passos, jamais deixa de se conservar fiel a si própria mesmo quando atinge os mais altos cumes da

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

sua curva, e que, traduzindo a expressão suprema do génio, poderia extraviar-se no orgulho de caminhos diferentes...

Decerto vai longe das trovas em que a língua balbucia apenas ao bronze eterno de Camões, às sonoridades altas de Junqueiro ou às divinas cogitações de Antero. Não importa; variam por certo as densidades, as alturas e as conquistas de técnica, mas nada interrompe a linha privilegiada da nossa emotividade, da nossa sensibilidade, da nossa ternura humana face à dor, à beleza e a todos os fortes anseios que agitam o pobre coração do Homem.

Nasceu, em verdade, sob as bênçãos de um destino humaníssimo o nosso génio. O clima e o solo foram-lhe propícios pelo carácter brando de um e pelas suaves perspectivas do outro.

As leis que regulam a dupla influência do clima e da terra sôbre o homem são ainda desconhecidas — é certo — mas bem evidente se torna a relação em que está para o poderoso génio de um Tolstoi, a vasta Rússia gelada e mísera, onde o Moujick só encontra na sua Isla o precário refúgio contra os lobos, que as outras feras, os homens, não as detém nenhum sagrado direito, nenhuma garantia moral à porta do seu lar...

A Rússia dos generais e dos Príncipes com

R O L Ã O P R Ê T O

almas de criança e de validos com instintos de tigre; a Rússia das pequenas e grandes coisas; das cavalgadas heróicas dos Cossacos e de Sebastopol; da pobre princesa Bolkonsky e da família Rostov.

Clara é também a relação entre um Ibsen e o mistério dessa Escandinávia de quem o «sol se esconde» e onde os homens muitos meses se movem na incerteza da penumbra gelada, enquanto do fundo insondável dos fiords sobe a canção dramática das águas negras mordendo o duro coração da rocha...

Pode dizer-se que o Shakspeare da Lady Machbet e do Hamlet está para as terras e visões do Norte, como Mistral para as claras e doces paisagens do Sul, que o Ródano brandamente rega e o Mediterrâneo eternamente embala.

E assim, enquanto a paisagem de Castela, dura, sangrenta dos barros e misteriosa das serras, afina o génio dramático de Calderon e de Lope de Vega, ou explode nesse estranho Goia inconfundível, a paisagem e o clima lusitanos foram o meio propício do nosso eterno lirismo e do nosso permanente diálogo com a terra—dois altos termos da nossa particular sensibilidade.

A linha de força do nosso espiritualismo

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

surge como uma «constante» evidente. É que a reforçá-la estão todos os dias os milagres de luz e de harmoniosas perspectivas da terra ocidental. Tudo o que nas terras nórdicas sugere visões monstruosas — florestas insondáveis, claridades moribundas, fantasmas de neblina, gritos de gelo nas trevas — tudo o que ali desloca o eixo do pensamento, justificando as exaltações ideais da ficção em prejuízo das serenas regras do raciocínio — todo êsse clima, de fantasmagoria e sonho, é aqui varrido pela violência do sol e pela evidência clara e leal de uma natureza simples, de uma natureza que para nós não tem segredos.

Enquanto as gentes do Norte vivem na permanente hostilidade do clima e da natureza, é no clima e na terra que nós encontramos a melhor aliança.

O Norte criou-lhes naturalmente as lendas trágicas, as religiões de pavor e de devastação — um nebuloso Odin e um misterioso Walhala, um mundo de gigantes e anões, abismados num clamor de lutas infernais donde é banido todo o optimismo, tôda a esperança, e onde a vida é permanente concepção e derrocada, idealismo e materialismo, entrechocando-se na eterna inquietação metafísica de um mito sem fim...

Pelo contrário, nós que amamos a terra e

nela nos comprazemos, dela recebemos uma inspiração estética que não perturba os vãos de espírito apoiados na clara razão, antes nos torna impermeáveis, a certa influência das forças telúricas cujo dinamismo por vezes se impõe aos destinos dos povos nórdicos.

Desta maneira é o próprio ruralismo que nos liberta, voltando-nos para o exterior, para a natureza e para a vida, que o sol ilumina todos os dias, de novos coloridos e novas perspectivas, deus benéfico que nos concedeu o dom de um espírito descritivo, colorista e lírico.

Não somos um povo de inquietação metafísica ou de pessimismo heróico. O espírito rural, empírico, minucioso, sereno, afina a análise, reforça o instrumento crítico, simplifica o julgamento.

Raras vezes fomos meditativos. Até o romantismo, nascido no laquismo escossês e nas margens do sombrio Reno, não encontrou em nós o meio propício do mistério das florestas e da neblina das águas. Assim, nas Histórias do pensamento, não se mostram grandes idealistas nem grandes místicos portugueses.

Nem Kant nem Santa Tereza poderiam ser feitos da branda argila lusitana, terra que é tanto oceano como continente, terra fluida, terra marinha por excelência.

Se em Spinoza corre porventura sangue nosso, as veias são-lhe dessa raça de eternos cogitadores, «raça escolhida» para quem o céu se ilumina perspectivamente do fulgor dos próprios sistemas em potência, idéias que incessantemente procuram o apoio de uma terra de promessa que lhes escapa sempre...

Em verdade, na história da nossa espiritualidade, os filósofos são exceções, ao contrário dos teólogos que os temos mestres: Tal regra tem um significado claro. Dentro dos horizontes e dos limites da verdade religiosa, que nós aceitamos, fincamos o pé na terra firme, desdobramos asas e desferimos altos vôos. Nunca porém nos tentou a «estratosfera», não revelada e insondável, por onde sopram vendavais sem nenhuma lei e donde mal se avista a terra e tôdas as realidades que a condicionam...

Quando o cura e o barbeiro de Cervantes vão queimar os livros de D. Quichote, como responsáveis da sua loucura de cavaleiro andante, grande foi a fogueira vingadora. Poetas e prosadores, pequenas e grandes tramas, tudo ardeu num cortejo de condenados de que o próprio «Amadis» escapou por milagre, cortejo que foi alinhando sem piedade para o pátio da excursão com as «gloriosas» Proesas de Esplandiano

o farrombante «D. Olivante de Laura, Florismate de Hircania, Cavaleiro Patis, Cavaleiro da Cruz, Espelho de Cavalarias» e outros mais onde «esforçados cavaleiros» gigantes e outras maravilhas de seu tempo corriam na cavalgada maravilhosa dos seus aventureiros destinos...

Mas no juízo sem perdão do temeroso cura fez-se súbito uma pausa. É que surgira um livro que bem merecia as honras de uma excepção: «Palmeirim de Inglaterra».

Guarda-se porém essa palma de Inglaterra — disse o cura — e conserve-se para ela outra caixa como a que achou Alexandre entre os despojos de Dario, a qual reservou para guardar as Obras de Homero.

Êste Livro, senhor compadre por duas coisas se fez apreciável: uma é o ser êle em si mesmo muito bom, e outra o ter sido seu Autor um discreto Rei de Portugal, como e constante.

Tôdas as aventuras do Castelo de Mira Guarda são muito boas, e muito bem inventadas, e cheias de arte; o estilo fácil e puro; seu Autor esmerou-se em conservar o decôro de quem fala com muita «propriedade e siso». Pelo que, a meu ver, Mestre Nicolau, salvo o vosso bom aviso, êste e Amádis de Gaula, sejam isentos do fogo e os outros todos sem mais exame morram.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Esta homenagem do génio de Cervantes à «propriedade e siso» da nossa espiritualidade, distinguindo as suas virtudes dentre a tão vasta assembléia reunida na livraria de D. Quichote e em matéria tão naturalmente propícia a desvarios do pensamento, é bem alto testemunho do equilíbrio e feição da nossa personalidade.

Teófilo Braga, estudando em Bernardim Ribeiro este equilíbrio tão diferente do «castelhanismo pomposo e banal», atribui à nossa linha de fôrça do Espírito uma ascendência «pré-romana», que nos liberta totalmente da origem «asturo-lioneza» que nos supusera Herculano.

E, assim, essa linha de fôrça que já vemos tão firme nos portugueses de quinhentos, teria raízes anteriores à formação da nacionalidade, raízes bem fundas senão numa raça, no clima e na terra da costa atlântida da Ibéria. Desta maneira não surpreende a harmonia da curva da nossa espiritualidade clássica.

Em verdade, através da nossa literatura «clássica» se nota sempre o apêlo das origens: uma ordem feita de razão, uma regra ordenada em função da clara inteligência das coisas e dos factos.

Mas logo no nosso espírito se mostra a sua tendência universal, debruçando-se tanto quanto se ergueu sôbre o coração inquieto dos huma-

nos, para lhes escutar as queixas amorosas as mais profundas, tão cheias de dolente mistério, ou para lhes entender as fraquezas e melancólicas grandezas.

D. Diniz, Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, Couto, João de Barros, Sá de Miranda, António Ferreira, Damião de Gois, Fernão Lopes, Azurara, o grande Gil Vicente, Frei Luís de Sousa, Jacinto Freire de Andrade, Rodrigues Lobo.

Terra e clima. A geografia fêz o resto.

A geografia, marcando-nos um destino atlântico rasgou horizontes inéditos à nossa observação e ao nosso engenho, dando-nos logo uma personalidade característica, que depressa deixou de ser europeia para se tornar totalmente universal, isto é, humana.

Vimos, primeiro que ninguém, alongar-se diante dos nossos olhos a infinita costa de África e, para além dos marcos fatais o Cabo Bojador, o Cabo de Boa Esperança; conhecemos o Oriente com as suas riquezas e as suas misérias; desvendámos os segredos dos mares e detivemo-nos, assombrados, perante a grandeza sem par das terras da América e das florestas virgens e silenciosas do Amazonas. Na branda argila da nossa memória imprimiu-se a imagem do Mundo. Costumes, leis, paílagens, conceitos

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

de vida — de tudo trouxemos a impressão forte que nos ultrapassava.

Então, escrevemos o poema da conquista da Terra pelo homem branco. Fizemos os «Lusíadas» e erguemos os Jerónimos.

Eramos os primeiros a quem era revelada a verdadeira grandeza do universo e o significado de uma «Humanidade» total que o habitava.

O equilíbrio natural do nosso temperamento a que o espírito do Evangelho exaltava as virtudes fez-nos não sentir o nosso orgulho de raça, frente às outras raças. E, assim, a descoberta e conquista da Terra pelos portugueses inscreveu-se na História com o significado de uma mensagem espiritual do mundo novo aos povos que, para além do mar, jaziam na treva primitiva, ou nos escombros de civilizações mortas.

Foi assim que as naus em que demandámos a glória da Descoberta desembarcaram um dia apóstolos e mártires do Espírito Novo. A linha de força da espiritualidade portuguesa renovou-se então nessas terras distantes pela pujança vigorosa de um Vieira ou de um Bernardes... Mas o fio da nossa espiritualidade não pôde resistir ao desastre da nossa queda. A traição mercantilista, desviando-nos, do eixo da nossa vocação, arrastara o país pelo caminho da gran-

de miragem em que o nosso equilíbrio natural se perdeu.

Vamos a Marrocos com o desígnio de chamar a nós as caravanas do Oriente. Depois dobramos, ansiosos, a linha da costa africana escondendo mal a nossa decepção de não encontrarmos as riquezas que procuravamos. Por um momento hesitamos, ante o desenrolar de tanta ansia inútil... D. João II proclama, porém, a «boa esperança», e certo dia chegámos à Índia. O vento que levava as caravelas não era todavia já só o de dilatação de fé e do império, como nos primeiros anos, nas primeiras horas em que nos debruçamos sobre o mar, com o coração puro de cavaleiros... Agora vínhamos no encanto das especiarias, das pedras preciosas, do marfim e do ouro. Não tardou muito que essa «vã cubiça, nos fizesse esquecer os destinos da Nação, perdidos na farândola dos apetites e da megalomania desenfreada que nos assaltara».

Então ganhou-nos o desvario sem remédio.

As virtudes e aptidões naturais foram substituídas por ambições e impulsos desordenados e estéreis. A terra, abandonada, denudara-se em charneca bravia, as indústrias eram esmagadas pelo comércio europeu que nos invadia ao assalto das riquezas que aceitavamos do Oriente.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Tôdas as classes se irmanavam no anseio da perdição.

O povo corria dos campos para embarcar na grande aventura. A fidalguia renegava todo o equilíbrio que lhe podia emprestar as regras da sua tradição. A burguesia esquecia aquela linha móvel, rude mas incorruptível, que a fizera outrora base segura da resistência nacional em tôdas as horas de crise.—Tudo enfim se deixara ganhar pela traição da riqueza. Uma só intenção movia os portugueses: o desejo de ostentação, a ânsia do luxo e da parada deslumbrante, sem os forçosos limites que impõem as preocupações do futuro e a sua ameaça...

Tinhamo-nos lançado na conquista do Mundo não para alargar sôbre êle os cuidados da nossa herdade, o nosso conceito moral de civilização, a nossa tradição humaníssima. Demudados pela ganância, tornámo-nos avassaladores dos mares, mercadores sem escrúpulos, dissolutos, para quem o vasto mundo interessava apenas pela sôfrega traição de o explorar, de colher nêle tudo quanto nêle houvesse para alimentar a fogueira sensual e desordenada do nosso egoísmo.

Já ninguém descortinava o caminho de uma missão portuguesa na terra. Os «fumos da Índia» entenebreciam-nos o horizonte para

além das aparatosas cavalgadas do Rossio e dos estonteantes bazares da Rua Nova... A Rua Nova... era a velha rua, a eterna rua por onde se perdem os povos tocados da traição do oiro.

Estávamos apodrecidos. O espírito heróico era recordação perdida no tempo, de que apenas os ingênuos podiam lembrar-se; o orgulho nacional uma lenda épica que só «quichotes» invocariam e o próprio sentido cristão que inspira os anseios da raça, degenerara em delírio religioso dissolvente dos caracteres, agora corruptos, da nossa virilidade antiga.

A febre mercantilista fizera perder-se a consciência nacional dos portugueses. A traição burguesa tornara-os maduros para todos os jogos.

Não tardavam os Filipes...

A curva da nossa evolução espiritual mudara de sentido.

Os «Lusiadas», que abriam no clamor estri-dente de trombetas e no rufar heróico de tambores, fecham no momento amargo de uma prece que é também a expressão dorida de uma queixa.

D. João III... Entramos em plena noite, na longa noite de crise que ainda dura.

D. Jerónimo Osório e o grande Vieira são ainda duas estrêlas vivas, a brilhar no céu pe-

jado de mil estrêlas; mas daqui em diante já não somos mais o que deveríamos ser por nós próprios, como elos lógicos da cadeia gloriosa que se partira. Ou nos voltamos para o passado a fim de viver apenas da lembrança do que fomos ou nos debruçamos para o exterior, a colher nos gestos e nas idéias dos estranhos aquilo que já não sabíamos encontrar no génio nacional.

Por isso, para além dos Filipes, a decadência não fêz mais do que acentuar-se. Não é D. João V, com a sua megalomania monstruosa, desperdiçando os milhões do Brasil em puro benefício do seu povo; nem o colbertismo do Marquês, com a sua Real Mesa Censória e o seu Tribunal da Inconfidência, devassando cartas e consciências, perseguindo quantos ousavam erguer uma personalidade que chocasse a sua vaidade de tirano sem limites; nem tampouco seriam os sombrios tempos de D. Maria I e de D. João VI, com Pina Manique debruçado sôbre os caixotes na Alfândega, a vasculhar e queimar os livros que vinham de França, com D. Francisco Manuel exilado, Bocage na cadeia, o abade Correia da Serra, o Duque de Lafões e o Padre António Pereira de Figueiredo sob o olho vigilante dos esbirros — e lograram assim com certeza que o fio partido da espiritualidade portuguesa

R O L Ã O P R Ê T O

se reatasse nas suas nobres tradições de clareza, ousadia e livre vôo.

Escravos da miséria moral, depois de serem escravos do ouro da Índia, tecera-se pelas mãos de aviltantes cesarismos a grilheta que nos amarrara à mesquinhez, à resignação, à hipocrisia e à futilidade, que são as maneiras de viver do espírito nos povos que deixam morrer a liberdade.

Assim, a decadência espiritual da Nação se arrasta sem esperança, mesmo quando o país é erguido nas suas possibilidades financeiras e no seu poderio militar e naval à altura que o ergueu o Marquês. Passa D. Maria...

E não tarda muito que Junot, à frente de um mísero exército de esfarrapados e exaustos soldados atravessasse triunfante o País e fôsse, sem um tiro, arrear dos mastros da Capital a bandeira da nação. Tanto é verdade que o verdadeiro poder dos povos está sobretudo na sua alma!

Esse arrastar penoso da alma aviltada da Nação era tão trágico, que o povo nem sequer dele podia ter a justa e precisa consciência. Só as circunstâncias excepcionais do século XIX, consentindo que o pensamento nacional surgisse no clarão de uma corajosa e gloriosa elite, pôde descerrar a grande treva que cobria o abismo do nosso aviltamento.

A T R A I Ç A O B U R G U E S A

Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho, Eça, Fialho, Junqueiro, Bordalo, entre os mais brilhantes, tais foram os portadores do archote vivo à luz do qual a Nação mediu a miséria do seu destino.

Nunca a burguesia de então lhes perdoou o talento, a coragem e a irreverência com que perturbaram a paz pôdre em que o país dia a dia mais se enterrava no torpor e na descrença de si próprio, razões que sempre levam os povos à morte sem honra. No entanto, foram as suas duras pedradas no charco pútrido, a sua audácia viril em estilhaçar os velhos ídolos da estagnação, do «lugar comum» e da vaidade ridícula — a sua coragem revolucionária, enfim, de atirar por terra a velha mansarda em que o povo português abafava sem poder ver o vasto céu e o claro sol criador, que abriu novas perspectivas à nação.

É claro que a necessária e impiedosa demolição do velho Estado e da velha sociedade europeia reclamava a contra-partida construtiva e viril que não estava na alçada daquela geração formidável realizar, mas, que, na sua obra gigantesca se contém e implicitamente se determina.

Seja porém como fôr e quando quer que essa acção construtiva se inicie na paz, na liberdade e

na justiça, o grande facto contemporâneo está na vitória do Espírito, nessa vitória que renova a flor alta da espiritualidade lusíada, erguendo por cima da traição do conformismo, do artificialismo, da miséria burguesa, a nobreza antiga do pensamento português — claro, livre e humaníssimo.

CAPÍTULO V

A Traição burguesa
e as suas alianças

N O dia em que a Burguesia começou a atraí-
çoar o seu passado comunal e popular, ao
sôpro do qual ainda deu alguns grandes dias à
Revolução Francesa — começou para ela o seu
horror à palavra Revolução. É certo que, no
seu fundo íntimo se conservou por muito tempo
num como que saudosismo doutras épocas em
que ela era a primeira a erguer a bandeira das
liberdades e das reivindicações do comum. Soa-
va-lhe nos ouvidos, por vezes, o clamor heróico
das turbas que ela agitara e conduzira pelos
duros caminhos da revolta contra a tirania de
feudos ou de Príncipes. Tudo, porém, se concer-
tara para ser pura literatura, atitude espiri-
tual onde se não moviam discriminadamente
germens de acção, propósitos sinceros de se
empregar a fundo na batalha. O vento da fic-
ção e do exagêro romântico, um dia que soprou

R O L Ã O P R Ê T O

mais violento, conseguiu por fim atizar nas brasas submersas de tanta cinza morta, uma flama activa que foi 1848, a queda da Monarquia de Julho, vinda no *fourgon* da intervenção estrangeira, e, por isso nascida já condenada, com a entronização de Luíz Filipe, o rei excelente, o rei gordo e bonacheirão da Burguesia triunfante.

O nosso 5 de Outubro foi também uma revolta romântica, com comícios na praça pública, largas gravatas à Lavalère, «compridas guelhas e idéias curtas», e, aonde passam ainda «carbonários» — bons rapazes que todos conheciam, mas, que teimavam em mover-se embuçados nas trevas dramáticas das vielas...

António José de Almeida que o bronze de certo escultor imobilizou numa feliz interpretação das suas atitudes tribunícias de paladino popular — de pé, os cabelos revoltos ondeando ao vento, que o seu próprio verbo desencadeava; o seu gesto, a sua figura, tudo bem aberto e virado para o exterior, face à turba, sem nenhuma reserva íntima, todo oferecido à esperança ingénua dos que o escutavam — eis bem fixada na História a imagem do gesto romântico que derrubou a Monarquia em 1910. É a última revolução com êxito que o romantismo inspira a uma burguesia.

Karensky tenta, é verdade, em 1917, dar à

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Revolução Russa um impulso no mesmo sentido. Depressa, porém, teve de reconhecer como os tempos o haviam já ultrapassado e como era bem diferente o signo sob o qual os burgueses conduziam a acção depois que o burguês Sorel ensinara a filosofia da violência. O romantismo de Karensky fizera-lhe perder o lance. O Poder pertencia agora a burgueses duros, como os de 89, mas sob o acicate de massas populares que o clima burguês tocara e desumanizara.

Desde o fracasso de Karensky, a burguesia passa a já não gostar da palavra «Revolução». O banquete da vida, bem provido pelas possibilidades da civilização e da técnica do nosso tempo, era coisa reservada pelos «deuses» só para seu apetite e prazer. Cada vez mais, porém, chegavam os convivas vindos dos quatro cantos do povo, que possibilidades económicas novas iam desproletarizando. Por fim o Homem-massa, como justamente o define Ortega e Gasset, surgia como uma ameaça de tudo submeter sob o seu volume e a sua fome desenfreada de séculos.

A Revolução, nesta altura, para quê? A Revolução só viria aumentar a pressão dêsse homem-massa, precipitar desequilíbrios, acelerar a liquidação de uma época que fôra a sua época, de um tempo que fôra o do apogeu burguês.

Assim, quando o «nacionalismo» surgiu dos escombros da primeira grande guerra com os seus métodos fortes e o seu pregão revolucionário, a primeira reacção da Burguesia foi de hostilidade e afastamento de gente tão intempestiva e desorientada...

Eis porém que o nacionalismo alcança «étapes» decisivas. Por toda a parte a sua Revolução incute esperanças, cria clima de possibilidades.

Então, a Burguesia corre a fazer com o nacionalismo a sua aliança. Joga a sua carta, disfarça-se com as suas cores, invade-lhe os quadros — domina-lhe, enfim, os destinos.

Depressa essa manobra de traição burguesa mostraria, por muitas partes, os seus frutos naturais. O entusiasmo criador, caiu por importuno; os combatentes da primeira hora, aqueles que poriam na execução de qualquer serviço o ardor de uma missão e o anseio particular de ver triunfar a doutrina pela qual se bateram, foram afastados por ardorosos ⁽¹⁾, e, substituídos pelo «não te rales» de quantos acudiam

(1) Um ano depois da vitória «nacionalista» em Espanha, perguntando eu em várias cidades do país vizinho pelos nomes mais conhecidos da Falange dos tempos da guerra civil—raros, verifiquei ainda estarem ao serviço da nação. Por toda a parte os «novos nacionalistas» tinham ocupado as posições dos que se tinham batido.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

na hora do rancho, gente «sensata» para quem o sucesso de uma organização se traduzia sobretudo no bom ordenado que lhes caía do céu.

Pouco a pouco, em vários países ⁽¹⁾, o clima burguês, — manobrador, ganancioso, açambarcador, — numa palavra o clima de traição contra o qual se erguera a Revolução «nacionalista», se foi substituindo ao clima heróico, ao clima entusiasta de que saem os milagres de isenção, sacrifício e espírito criador, contaminando tudo, corroendo os homens e as engrenagens, as melhores engrenagens e os homens mais puros.

Decerto, um homem tal que Mussolini teria verificado bem depressa, como, à semelhança do que se verificava no regime democrata, também no seu regime «alguma coisa havia que não marchava mais...». O trambôlho sórdido,

(1) Um italiano ilustre, engenheiro e antigo funcionário do Estado, de passagem em Lisboa, contava há tempos, com serena melancolia, como presenciara a mudança dos tempos no seu país desde o comêço da revolução fascista.

No princípio os dirigentes, qualquer que fôsse a sua posição, mostravam-se atentos, vigilantes, honestos e compreensíveis. Só depois veio a loucura, a negligência, o abuso, a corrupção, a ânsia de uma riqueza pessoal tão desvairada, tão abundantemente ilimitada que tudo se perdeu... êles e a Itália.

o travão sinistro, a úlcera maldita, estavam na sua aliança com a traição burguesa. Mas essa traição enlaça, perturba o julgamento, obscurece a consciência, parte os impulsos. Mesmo quando se tenta reagir, é batalha inútil. Como a «pieuvre» monstruosa do grande Hugo, por cada braço decepado em duro combate, outrose erguia vigoroso, alucinante, a embaraçar a vítima.

Tentar reagir... é fácil pensá-lo. Reagir, porém, supõe um acto de fé, e a primeira coisa que o clima de traição burguesa apaga é exactamente a fé. A fé nas idéias, nos homens, nos próprios destinos da Nação. Reagir, supõe ainda um acto de confiança em si próprio; mas é essa confiança sagrada e inabalável, com a qual todos os prodígios se alcançam, que a traição maléfica corrói, desviriliza, liquida.

Dentro desse clima pessimista ou céptico, tudo se torna vão e inútil, a não ser o que directamente parece interessar à satisfação das próprias ambições, quando não à simples conservação da própria posição alcançada. Vistos por este prisma deformador todos os homens cá por baixo se revelam incompetentes, loucos e desonestos, todos os «sistemas» surgem impotentes e absurdos; tôdas as «idéias» explodem ao choque das realidades naturais, como brilhantes mas efémeras bolas de sabão contra um muro,

A TRAIÇÃO BURGUESA

Para que então agir, modificar, corrigir, lutar duro? Não vale a pena...

Deixe-se correr o tempo enquanto aos «deuses» aprouver a monção.

Assim os tempos correm e com êles vai correndo a cavalgada ululante dos apetites, dos lucros, das megalomanias desenfreadas. Ao cabo surge a catástrofe.

Oh! as alianças da traição burguesa...

Quando Mussolini surge, proclamando a sua vontade revolucionária de equacionar e resolver o problema social italiano sôbre a base segura de uma equitativa distribuição de riquezas — todos aquêles que viviam a inquietação do seu tempo encararam a tentativa com curiosidade e mesmo com esperança.

Mussolini vinha do socialismo e bebera, antes, na origem, nas fontes do anarquismo. Eram as melhores bases para procurar a fórmula que marcasse á Comunidade deveres para com o Homem e ao Homem deveres para com a Comunidade.

Os primeiros passos do Fascismo são os ensaios sinceros de uma aventura heróica que se propunha erguer a comunidade nacional italiana a um pedestal de grandeza e de justiça social que a colocaria na vanguarda dos povos europeus.

R O L Ã O P R Ê T O

O que Mussolini ainda consegue realizar no plano material — escolas, estradas, monumentos, riqueza hidro-eléctrica, transformação dos pântanos em fecundas terras, marinha mercante e armada, desenvolvimento colonial etc, — o que Mussolini consegue neste plano é, em verdade, vasta e indiscutível obra. Mas indiscutível é infelizmente também a falência da sua obra de justiça social, obra começada sob tão rasgadas intenções.

É que, a entrar-lhe os passos, a amolecer-lhe a vontade, a mudar-lhe os próprios propósitos, surgiu logo, para dia a dia acentuar o peso do seu comando e os malefícios do seu clima, a aliança da traição burguesa.

Talvez até que o chefe do Fâscio, ao marchar sôbre Roma já o não fizesse livre de compromissos... Chegaria êle ao Poder, ao menos naquela altura, sem as cumplicidades burguesas que lhe aplanaram o caminho?

O certo é que, travada a batalha, o capitalismo burguês, que de comêço vira nas atitudes irrequietas e inconformistas de Mussolini motivo forte de desconfiança e hostilidade — passa de súbito a apoiá-lo. É um «cheque» da «Fiat» que financia as coortes dos «arditi» na sua luta de morte para assegurar uma ordem

A TRAIÇÃO BURGUESA

que a decomposição burguesa não conseguia manter.

A aliança burguesa começa então e jamais deixa de influir nos destinos, torneando, pactuando, inflamando apetites, desarmando protestos, — conduzindo tudo para a megalomania, a ânsia das riquezas, o instinto do poderio sem limites nem fiscalização, fôsse de quem fôsse.

Tendo aceitado a Monarquia, fizera de facto do Rei um títere ameaçando-o com a República, se este se permitisse discordar das suas vontades.

Desconfiando das atitudes do Príncipe herdeiro a seu respeito, vai ele até ao ponto de alterar as leis da sucessão dinástica, pondo nas mãos do Grande Conselho Fascista a oportuna escolha do sucessor.

O espírito de traição burguesa com os seus ardis, as suas soberbas e as suas infinitas ambições, penetra, pouco e pouco mas seguramente, os homens e as organizações, manchando, desorientando, arrastando ao sorvedouro onde tudo se perde: nobreza de alma, gentileza de sentimentos, grandeza de ideais.

Mussolini aceita ser o «Duce». O chefe de uma revolta Popular aceita ser Sila, protector de uma «ordem» de casta, o triunfo implacável, o orgu-

lho frio do imperante. Mateoti caiu... A Revolução tornara-se baluarte burguês, garantia do «statu quo» dos satisfeitos.

O Fascismo, aliado da Burguesia, perdera o seu verdadeiro sentido. Para se manter só tinha um caminho que o espírito burguês inspira a todos os orgulhos... A guerra.

Foi a guerra! Primeiro a da Abissínia, onde ainda sopra um último vento de tempestade revolucionária para a Europa, onde ainda Mussolini encontra os acentos fortes do seu clamor de filho do povo; depois a mísera Albânia e, por fim, a França prostrada.

Pobre Duce! As traições que o espírito burguês lhe segredara levaram-no pelo plano inclinado de um orgulho imenso ao temeroso calvário da sua morte trágica, da sua revoltante morte.

Aquêle que alteara o peito frente às multidões, para as inflamar com a sua fé e conduzir com o seu ardor de revolucionário por todos os caminhos da glória; aquêle que ensinara à Europa descrente, uma «mística nacionalista»; aquêle que fez brilhar por momentos aos olhos do mundo a miragem de uma justiça triunfante — esse homem superior onde tantas vezes explodem clarões do génio romano e estoira o trovão dos césaes — eis um grande exemplo

do destino que as alianças burguesas proporcionam a quantos nelas confiam para nelas se perderem...

E assim também, com Hitler. O chefe do nacional-socialismo alemão que era na verdade senão uma forte vontade, um espírito revolucionário arrebatado, uma fé inquebrantável — tudo pôsto, ao serviço da comunidade alemã e da justiça social que ela reclamava?

Ei-lo lançado na grande fogueira da propaganda, sacudindo até ao fundo das entranhas, a consciência dos adormecidos; insuflando uma alma nova aos cépticos e um fervor novo aos cobardes ou abatidos pela derrota nacional; sobretudo, ei-lo semeando a grande seara revolucionária ao anseio da nova era de justiça social.

Eis a Revolução em marcha.

De duas formas totais de apreciar o problema da justiça no mundo — Hitler é uma.

A Nação acorda, aclama-o, elege-o na praça pública, elegendo nêle, no seu verbo iluminado, a sua eterna esperança sempre pronta a florir em novos anseios.

Frente a Hidenburgo e aos partidos burgueses reunidos todos em sua volta no temor do tremendo assalto revolucionário — o nacional-socialismo reúne 19 milhões de votos no ostracismo da oposição. Das ruas sobe até ao

palácio do velho marechal o cântico religioso de uma fé nova do povo alemão. A Burguesia inquieta reage ainda...

Um dia porém a Burguesia cede. Os caminhos aplanam-se. Alguém segreda ao ouvido do velho chefe, o conselho que tudo decide. Pela mão de Von Papen, Hitler sobe as escadas da Chancelaria. Pela mesma mão se atava uma nova aliança: a aliança da Burguesia com o Nazismo. No Olimpo, Maquiavel sorria... A Burguesia mudara de tertoe.

Duas tendências, duas linhas de força fundamentais percorriam o campo nacional-socialista: a febre da «revanche» e o anseio de justiça. Para neutralizar uma, a Burguesia apoiou a outra.

Não tardou, assim, que a crise surgisse no seio do Partido. Nessa conjectura dramática Hitler vê-se obrigado a escolher: esmagar a ala esquerda, a ala social, ou ser ele esmagado pelas forças de conservação e de nacionalismo estreme. Poderia ainda ter abandonado o Poder livremente e tentar refazer na oposição a unidade do partido, perdendo o que se perdesse mas salvando a sua projecção revolucionária no futuro. Mas o Poder é filtro mágico que altera a visão e engana o julgamento. Do alto dessa colina que tanto custa a galgar, os ho-

mens que ficam cá por baixo difficilmente são visíveis na sua pobre miséria de formigas... Cria-se um clima que favorece e exalta a confiança em si próprio, ao mesmo tempo que se vão com pessimismo e descrença os outros. De um modo geral, para o Poder, a natureza humana tem, uma amarga essência. Ao «poder» compete pois «uma missão», a missão superior de «salvar» os homens por tôdas as maneiras, *mesmo* as legais, como dizia Maurras.

Esta consciência de uma missão segreda ao Poder um natural desprezo pelas oposições. Podem êles ter também uma missão? Serão mesmo susceptíveis de ter idéias justas?

Com que ironia profunda os homens dos governos atiram aos homens das oposições o epíteto de «salvadores». Concebe-se que possa haver outro critério de «salvação do que aquela que os Deuses inspiram aos seus eleitos?

O exercício do poder com as glórias, as honrarias e os proveitos adrede, cria uma corrupção própria a que um rei ou aristocrata pode por vezes resistir mas que a Burguesia não domina. Assim, o que tôdas as vantagens e tôdas as cumplicidades segredam aos governantes é sobretudo: *durar*. Durar, manter-se, continuar. Eles saberão em tempo oportuno equacionar e resolver todos os problemas, corrigir

todos os defeitos, rectificar os enganos. De resto se elles o não fizerem, elles que têm todos os elementos de informação, toda a ciência certa, toda a competência e toda a força, quem poderá então fazê-lo, ó néscios, ó imprudentes, ó míseros?

Os governantes o que precisam é pois de durar e os governados paciência para esperar.

Panait Istrati conta, que, uma vez, encontrou na alma compadecida de uma senhora de alta estirpe e não menos dominadora fortuna o desejo que parecia sincero de o fazer desviar do seu caminho violento de revolucionário. Então a boa dama, fêz destilar perante os ouvidos atentos do seu interlocutor, todos aquêles sábios argumentos que constituem a gama variada da paciência, da resignação e da esperança que é de uso apelar de *cristãos*.

Ao cabo, quando se preparava, a santa senhora, para colher daquela bôca precita a confissão de um novo estado de espírito de doce remissão aos destinos, eis o que satânicamente lhe responde Istrati...

— Ó minha excelente senhora, como tudo isso é magnífico. Sòmente há uma coisa que lhe esqueceu. É que enquanto a senhora para me dizer essas coisas adoráveis se senta, como todas as senhoras da sua classe, num bom *fau-*

teuil bem cómodo, não repara que eu e os da minha pobre qualidade estamos aqui penosamente sentados com o assento em cima de umas brasas...

Eis porém Hitler face a face com a traição burguesa e acabando por lhe aceitar o maquiavélico conselho.

Desde então a sorte estava lançada.

Os ideais, as amizades, as camaradagens — tudo isso tinha que ser sacrificado «à missão» de Hitler, missão que a sua «estrêla» protegeria com resplandecente segurança... Roehm e alguns dos fervorosos nacionais-socialistas como êle, caem no seu sangue, tôda a ala esquerda do partido oferecida em holocausto à aliança burguesa... O Dr. Schacht presidindo às finanças do III Reich... A corrida dos armamentos, a obsessão do Tratado de Versailles e Dantzig, os lugares comuns de um *chauvinismo* exaltante... A raça superior. Os melhores *bo-bards* científicos de Gobineau e Chamberlain — o Dolicocéfalo loiro... o homem perfeito, o povo escolhido — Herr Wolk...

Sucumbem então os Sudetas, liquida-se a Áustria, esmaga-se a Tcheco-Eslováquia, e, por fim, era fatal, a... guerra. A grande ilusão de Carlos Magno, Carlos V, Napoleão, Guilherme II e do III Reich: — a unidade da Europa, a miragem

R O L Ã O P R Ê T O

de uma ressurreição do Império Romano centro do mundo...

Decerto, um vivo clima heróico, uma porta mística nacionalista imperial agitam um momento o povo alemão erguendo-o às culminâncias da História, na bravura, na unidade e na grandeza moral, com que soube sofrer batalhas e cair de pé no lance supremo; de resto ainda, a orgânica social e política, as conquistas no Trabalho, na Técnica e na Assistência, os limites postos à ambição latifundiária dos Junkers — decerto, isto é uma obra que merecerá ser considerada pela História na hora em que serenamente ela puder fazer o seu julgamento.

Mas nem os clarões estupendos da mística nacionalista, nem as poderosas projecções sociais do esforço nazista podem fazer esquecer o que o nazismo representa de decepção para a esperança revolucionária que fizera nascer no mundo o nacional-socialismo.

Conquistar um mundo, organizando e armando espiritual e materialmente todo um vasto povo — foi um alto sonho e significou um duro esforço. A Revolução tem porém outros direitos e outras armas. E, eis, porque, se para a Alemanha super-povoada havia o imperativo de graves problemas face a um mundo que ela

encontrou todo ocupado, nem por isso para a consciência revolucionária deixam de subsistir as razões de uma condenação inexorável.

Para a conquista da terra, não haverá, com efeito, outra maneira além da violência das armas, ó revolucionários?...

A palavra foi porém dita: *decepção*. O seu sabor amargo penetra demasiado a consciência de quantos sinceramente sentiram o alvoroço das primeiras horas em que Mussolini e Hitler ergueram na praça pública o seu clamor revolucionário, para que bem mereça ser meditada.

Vão longe, na corrida louca do nosso tempo, as ansiedades e as febris interrogações a que o fascismo e o nacional-socialismo deram então um corpo e um sentido forte.

Saíra-se de uma tremenda guerra que fazia ruir um velho mundo, milhões de homens tinham sofrido e batalhado duro e regressavam agora a seus lares trazendo no peito a angústia da inutilidade das suas dores e do seu esforço. Luta de hegemonias, batalha de imperialismos, ruínas vãs...

Para que se vivera na lama das trincheiras, se marchara oferecendo o pobre corpo à crueza das balas assassinas? para que se perderam lugares e vidas, arrazariam cidades e talariam campos — se tôda a inquietação de justiça, todo

R O L Ã O P R Ê T O

o anseio de transformação do mundo para além da catástrofe visionada em noites de vigília dolorosa, se mostrava agora ter sido fumo inútil de inútil sonho?

Foi então que soprou sobre o tempo o vento fresco e salutar da Revolução resgatadora.

No oriente o comunismo mostrava o seu perfil ousado, no Ocidente, erguiam-se alterosas as ondas renovadoras dos fascismos.

Homens livres, ou cuja mais ardente aspiração era a liberdade na sua expressão espiritual e económica. — Homens livres, os homens do Ocidente dificilmente poderiam amar regimes em que a liberdade estivesse totalmente em jôgo.

Por isso, a forma ocidental da Revolução — o apoio do Homem na comunidade — nação, grupo económico, família — para melhor conquistar a possibilidade do seu desenvolvimento espiritual e material, mereceram a adesão de quantos almejavam por uma nova ordem, ordem solidarista e humana.

O clamor que se ergue nas praças públicas da Itália e mais tarde nas da Alemanha, traduzia o aplauso popular destes povos pelas fórmulas em que os novos chefes lhe interpretaram os anseios,

Fórmulas anti-burguesas.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Fórmulas anti-capitalistas.

Fórmulas que proclamavam os direitos sindicais de todos os trabalhadores.

Fórmulas que reclamavam uma mais equitativa distribuição da riqueza.

Fórmulas que davam ao homem maiores garantias de justiça contra os abusos dos poderosos, fôsse qual fôsse o signo do seu poder.

Fórmulas de ruptura com o passado e fórmulas de novos caminhos para um mundo melhor.

Se a batalha se travava sob a inspiração desta bandeira, como não havia ela de mobilizar as sinceridades e os entusiasmos da geração saída da guerra e que a guerra fizera com a instintiva esperança numa mudança dos destinos?...

Assim, sejam quais forem as responsabilidades por que Mussolini e Hitler tenham que responder perante a História dos seus povos — outras igualmente graves êles assumiram perante a Revolução.

Com as primeiras, só têm italianos e alemães, mas, as outras, dizem respeito a todos os que na Revolução põem as suas esperanças.

Não há, portanto, que considerar deselegância ou crueza no julgamento, que, um puro pensamento revolucionário haja de fazer da obra

fascista ou nazista plano dos interesses sagrados da Revolução.

Ora, em verdade, a Revolução é completamente estranha á aventura imperial de Mussolini como á aventura imperialista de Hitler. Uma e outra poderiam ter resultado benéficas para a Itália ou para a Alemanha, tal qual como lhe foram fatais. O facto é evidente, porém, e nêle está o aspecto amargo da decepção que estas aventuras representam para um verdadeiro espírito revolucionário, o facto indiscutível é que elas redundaram pura e simplesmente em aventuras imperiais.

Tudo foi conduzido, condicionado ou inspirado por esta intenção. Tudo foi oferecido, sacrificado, ou condicionado para esta resultante.

O Estado, as organizações, os homens e as coisas, tudo foi considerado apenas, ou foi considerado principalmente, em função de certa aspiração suprema: uma maior Itália, uma maior Alemanha.

Repete-se, ainda que para êstes dois povos o problema poderia merecer ser equacionado em função de tal incógnita. Para a Revolução porém equacioná-lo assim é obstar às soluções que dêle se esperavam.

Estado forte para garantia das liberdades

perdidas no clima de licença e de corrupção plutocratas eis o que proclamavam na oposição o fascismo e o nacional-socialismo. Estado forte para assegurar hegemonias nacionais, tal foi a realidade da sua acção verificada no Poder.

Para que se realizasse o pregão das propagandas, impunha-se: o esmagamento da alta finança e a solução do problema do crédito em proveito das possibilidades económicas de todos; o Estado sindical, para que desaparecesse a tirania dos que exploram sobre os que são explorados; o Estado representativo, justo fiel da liberdade e da espontaneidade de todos os valores e tendências populares.

Que se viu então?

Viu-se um Estado máquina de guerra, regime de burocracia infinita, engrenagem fria e discricionária dentro da qual se assegurou o *stato quo* da injustiça sem recurso, da opressão sem resistência, da abdicação sem esperança.

Estado «monólogo» em que só uma voz e sempre a mesma é a única que se ergue e a única que tem razão para se erguer; Estado indiscutível e que nunca se pode enganar; Estado plutocrata e que se apoia em plutocratas; Estado explorador e que consente que outros explorem também; Estado unidade que liquida

R O L Ã O P R Ê T O

tôda a diversidade criadora, tôda a independência rectificante.

Estado que fêz apêlo aos vícios e às fraquezas do Homem — interesse, ganância, delação, adulação, servilismo — corrompendo-o para melhor o dominar e conduzir; Estado que não aceita colaboradores, mas só criados; Estado, enfim, que repele os homens de carácter, pois só deseja cúmplices.

Traição burguesa!

Pois que é na verdade êsse tal regime senão o supremo triunfo de um conceito burguês de Poder, sem os limites que consegue impor o clamor de uma opinião pública, o conselho de uma tradição, ou os escrúpulos de uma sensibilidade aristocrata?

Não surgem aqui bem manifestas as naturais características de um regime oligárquico — tais como a burguesia as criou no caminho da História?

É indiscutível! A aliança burguesa foi fatal aos fascismos. Nas mãos da sua traição subtil mas invencível, os chefes da Itália e da Alemanha esqueceram que tinham começado na glória de Paladinos e vieram assim acabar na tragédia de Tiranos.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

*

Tiranos sim, mas com que grandeza êles afirmaram sempre a sua envergadura de homens.

E, como viveram, sofreram e caíram sob o seu sonho imperial, enfrentando nobremente a batalha tal qual êles eram, com as suas qualidades e com os seus defeitos, arriscando tudo, jogando sem disfarces a sua temerária cartada!

Vencidos, ninguém poderá dizer com justiça que êles jamais se ocultaram atrás da simulação de fórmulas de dúplice sentido com que outros pensaram poder iludir o *veredictum* da História. Marcha ascensional mas rectilínea. Logo na conquista da posição inicial há combate e há risco e não manobra oculta e sem perigo para se aproveitarem do esforço e do risco alheio. Qualquer dos dois ditadores sofreu na sua carne, a prisão e as balas, antes que, a glória do Poder os bafejasse.

Na sua vida de incessante luta há megalomanias e gestos heróicos, tirania e violência, temeridades e sonhos vãos — mas não há nunca a prudente «sabedoria» da maromba e da sornice, como meio seguro e prático de conquistar ou manter posições.

R O L Ã O P R Ê T O

Agentes catalíticos da História era inútil que êles se não mostrassem sinceros. Eram-no com efeito.

Os actos arrebatados, mas de frente! As palavras, directa expressão das suas intenções. Ao seu regime de fôrça nunca chamaram ordem cristã; à sua tirania nunca deram o título de liberdade; ao seu desprêzo pela pessoa humana nunca emprestavam fórmulas de aparência democrata.

A imprensa não era livre — todos o sabiam; o direito de reunião não existia — era conhecido; os actos eleitorais não eram fiscalizados pela opposição, porque as opposições não podiam votar — era um facto. Todavia, nunca êles chamaram a êste sistema o melhor sistema para a liberdade humana.

Na franqueza dos seus desígnios, todos voltados para a hegemonia dos seus povos e para a luta, há assim uma averiguada nobreza de atitudes, a qual, mesmo condenando os objectivos que levaram os Ditadores a criar apenas uma poderosa máquina de guerra, terá de ser considerada com justiça. Ao pé dela, a miséria de certas *camouflages* com que outros escondem da História o que são para melhor atingir o que desejam, parece bem desprezível.

A TRAIÇÃO BURGUESA

Caídos como soldados junto à bandeira do seu sonho, morrendo na angústia de vencidos, mas morrendo na glória da batalha que êles procuraram, a sua queda pode, nesta hora de violência, não aplacar todo o ódio dos contrários, mas tomará por certo, para a consciência serena dos vindouros, as proporções grandiosas de um exemplo alto de virilidade humana.

Verificá-lo é não só justiça essencial, como imperativo dever diante de tanto desertor, de tanto tráfuga, de tanta capitulação sem honra, de tanta abdicação por interêsse, tanta miséria por traição... Assim, os cadáveres dos dois Ditadores caídos no próprio sangue da sua tragédia, ascendem rapidamente ao limbo misterioso dos mitos. Mitos que evocam um grande sonho desfeito, que é no fundo êsse eterno sonho humano de aventura e de grandeza, essa estranha loucura que Denis de Rougemont averigua, como sendo «la nécessité vitale et créatrice des grands delires qui rythment notre Histoire».

CAPÍTULO VI

A Traição dos Mitos

NADA mais atreito a atraíçoar a unidade nacional, a unidade regional, a unidade do grupo, do que o espírito burguês. É que em verdade nada mais susceptível, invejoso, que-relento, — egoísta, enfim, do que a burguesia.

Onde quer que triunfe o seu clima moral, a paisagem espiritual é campo raso, vasta char-neca onde se não ergue um pinheiro, tudo nive-lado na mediocridade que nasce de terreno sá-faro, sob a cresta de um sol implacável. E também nada mais disperso, dividido, insolidário, que esse chão de areia onde cada um é o centro do mundo e onde cada qual tem o semelhante como um émulo, um concorrente, um estôrvo, um inimigo, que se vê cair com satisfação e subir com ódio.

Ai daquele que neste duro deserto em que

raramente sopra uma brisa fresca ou coalha o rocio de uma umidade fecunda — ai daquele que, nesse deserto da insensibilidade e da hostilidade burguesa, ouse desdobrar as asas da sua inquietação e erguer-se no impulso viril dos seus anseios. Cada passo que dá é uma batalha. Por tóda a parte pressente e sente a resistência dos despeitos e das invejas.

Quando se diz que «ninguém é profeta na sua terra» é que se verifica como a ternura dos carinhos ou o amparo da confiança, que mais justo seria obter entre os que nos viram nascer e erguer ao sol da vida, só vêm um dia de estranhos. Êstes, ao acarinharem e ampararem aquêles que chega, ultrapassam os seus próprios sentimentos — as suas vaidades e as suas emulações — acarinhando e amparando nêles, a própria esperança ou o mito que ela faz surgir.

O *Mito*... Nenhum terreno mais propício para a sementeira e crescimento de mitos do que êsse em que os sentimentos estão naturalmente voltados para um conceito artificial e contraditório das realidades — em que as convicções são em geral pensamentos que se não analisam e seguem a regra fixa de um partido tomado — a idéia sem base, a grosseira mistificação da verdade, por interêsse de um julgamento particular ou de facção.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Assim, o mito entra na vida burguesa e explica os mais misteriosos lances da sua história agitada. Diversas são as condições em que ele nasce, como varia a maneira prática como a burguesia se serve d'ele. Sempre, porém, no caminho da sua marcha, o mito foi essencial para lhe dar um sentido característico.

Que é, por exemplo, a luta entre «esquerdas» e «direitas» senão uma batalha fantasmagórica de Mitos ?

Umas vezes, para a Burguesia, o seu mito é cómoda poltrona para digestão e repouso, outras é arma brilhante e vingadora que ela brande e agita como uma espada.

Eis pois os mitos da «direita», da *ordem* burguesa, da «cultura», da «tradição», da «sabedoria», do «bom senso», da «caridade»... e, por outro lado, os mitos da «liberdade burguesa», da «ciência», do «progresso social»...

A ordem burguesa é um daqueles mitos confortáveis onde a «direita» se senta para ver desfilar, com justo optimismo, tãda a filosofia do seu conceito de vida.

Quando verdadeiramente se acredita na *Ordem*, a Justiça e tãdas as complicações que traz o seu clamor, passam a um plano de muito mais suaves perspectivas.

A «ordem» é indiscutivelmente a polícia que

vela, a guarda republicana que ronda, a censura, atenta que vela; são os juroes que, doa a quem doer, entram no dia certo; as rendas das terras distantes, que, por cima das geadas que crestam ou dos temporais que tudo arrastam, têm de chegar dentro do praso fixado; são as cotações da Bôlsa que sobem; o relatório da Caixa de Depósitos e o «superavit»; é a missa de S. Domingos, indo no «Buick»; a estreia no «Tivoli» ou no «Trindade», indo no «Packard»; é uma casa na Linha de Cascais ou na Póvoa; é o mar e os prazeres da *season*; a neve vista de palanque; os bailes de carnaval e as capas de peles de trinta contos; é o «Diário de Notícias» com os «eggs and bacon» tôdas as manhãs, e as notícias da guerra lidas à pressa, nos jornais da tarde, à hora do chá... A Ordem é assim o conjunto harmónico de tôdas as coisas agradáveis dêste mundo, panglòssicamente disposto para que tudo funcione e trabalhe e se suceda em benefício da tranqüilidade e do regalo burgueses.

A Ordem tem de resto os seus símbolos augustos nos quais o burguês fita e ausculta o tempo e o seu mistério. A «ordem» é o sr. Júlio Dantas, o sr. Augusto de Castro, o sr. José Alberto dos Reis. O discurso comemorativo, o «fundo» dos dias solenes e a sermonata política congratulatória.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

E para que isto seja, a Burguesia tem muitas vezes, em seu favor, razões que limitam, equilibram e ordenam a marcha do mundo.

Para ela o próprio tempo é uma grande máquina que corre veloz, ao longo da eternidade, mas, sôbre os *rails*, com paragens obrigatórias e horário estabelecido... Tôda a linha de rotura é uma catástrofe, tôda a inovação é um salto fatal no desconhecido, todo o espírito revolucionário uma aventura, que desmente a regra da marcha segura. A regra vem de longe, pelo caminho batido dos pés dos homens, e tem uma fonte de eterna inspiração e sabedoria — a tradição.

A «tradição» é para a Burguesia a história escrita em proveito de uma classe.

Há revoluções burguesas, mas essas não ferem o *bom senso*, antes diante delas se extasia a eloquência dos historiadores burgueses — a de 1830 em França, por exemplo; ou, entre nós, o 5 de Outubro.

Uma revolução pode ser de início uma onda de fundo, um sobressalto de sincera cólera, de justo anseio popular; mas, para a burguesia, só em verdade começa a ter sentido histórico quando ela se deixa atraíçar nas suas intenções e nos seus objectivos não burgueses.

Todo o drama de 89 é obscuro, misterioso e contraditório.

Doidos nos são apresentados alguns dos seus protagonistas; grotescos e sangüinários, sem desculpa, nos mostram os outros.

Em certa altura, porém, o sol aparece radioso em pleno azul, sem nuvens... Uma sensação de puro alívio nos vem do fundo dos tempos: Napoleão.

Napoleão. A mais completa, a mais consciente, a mais rematada traição burguesa do Século XIX

Eis outro exemplo: um dia, diante da *debâcle* e da traição de 70, levanta-se sôbre as ruínas da pátria o povo de Paris — é a *comuna*.

Mas a Burguesia velava—«*derrière la Commune*» — disse um dia Briand, num famoso duelo parlamentar com Léon Daudet, — «*derrière la Commune, Monsieur Daudet, c'était déjà la République*» E era mesmo. Era essa terceira república, a consagração mais acabada, o triunfo mais vasto e duradouro da Burguesia moderna, que assim assentava o seu poder sôbre os montões de cadáveres do povo, que a ordem burguesa de Versailles abatera a tiro nas barricadas.

Mas reis há também que são burgueses: Luís Filipe ou o nosso D. Luís I.

São chefes de Estado, que permanentemente

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

abdicam para se adaptarem às circunstâncias, evitando assim atritos e complicações, alheios a toda a atitude varonil, fugindo a todas as responsabilidades que impõem grandeza.

Luís Filipe é o mandatário de uma burguesia cansada das aventuras do Império, ávida de ganho e dos prazeres da paz — bonacheirão, pacífico, sangüíneo amador das boas cozinhas —. Rei por direito divino de um Deus burguês, a quem a burguesia pagava as túnicas e as festas.

D. Luís I, prudente senhor, que, ao desembarcar do seu cruzeiro de oficial de marinha para assumir as «rédeas do poder», soube ser dócil às indicações da Burguesia — indicações que um seu ministro ali mesmo no cais lhe segredou, no mistério da hora trágica da morte do Rei D. Pedro V e dos irmãos... D. Luís I foi o monarca ideal onde cresceram e floriram todas as «virtudes» da «civilização burguesa». O «Fontismo» e o seu «clima» de estradas e portos; o grande Pacheco e a sua «sabedoria»; o grande Acácio e a sua «prudência»; o Padre Amaro e a sua Amélia; o túnel do Rossio e os seus escândalos; os partidos rotativos e as suas fantochadas eleitorais; Palma Cavalão e as suas espanholas; a ordem pública e o seu Milício; o Conselheiro Arrobas e o Déficit.

Companhias fraudulentas, negociatas, monopólios e o Rei impassível!

Pic-nics, jantares na Côrte, récitas de gala em S. Carlos. A Burguesia contente.

D. Luís I, o *Bom*...

Certo dia vem D. Carlos, o assassinado.

É que, ao contrário de D. Luís, o rei burguês que foi de comêço, D. Carlos sente reagir em si a fibra de um protesto, o clamor ancestral dos Reis que eram chefes; dos Reis que não aceitavam ser conduzidos; dos Reis que mantinham uma atitude viril e marcavam, com o seu risco próprio, um caminho audaz e certo.

O choque da realeza de D. Carlos com o regabofe constitucional da Burguesia era inevitável.

O êrro de João Franco, seu ministro e excitador, foi o de querer fazer obra anti-burguesa com o apoio de partidos que burgueses eram também; o *partido franquista* e o *partido católico*.

Os homens do «franquismo», di-lo a história dos nossos dias, tirante raras e belas excepções que sempre se mostraram fiéis ao sonho reformador do seu chefe, mesmo depois que êste baixou ao barro úmido e sangrante do seu Alcaide natal, os homens do «franquismo», viu-se bem pelas traições, em todos os campos

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

onde os evidenciou o destino, como era de vil burguesia a sua essência⁽¹⁾.

Dos homens que sob o signo católico e nacionalista alinhavam atrás da bandeira de Jacinto Cândido, apoio de Franco, fala o testemunho das suas aventuras «católicas» e «nacionalistas» pelas veredas e atalhos burgueses por onde assaltaram até hoje, emprêsas, conezias e outros santos lugares, de onde não se sabe se se avista melhor o céu, mas de onde com certeza se domina melhor esta mísera e precária terra...

Uma obra anti-burguesa só se podia fazer com o apoio do povo, mas o povo era massa amorfa cansada de impostos, de misérias e, sobretudo, de decepções. Não era o ditador quem podia chamar e fazer-se ouvir do povo.

E o rei, de sua realeza só tinha a alma. Entre o rei e as fôrças que dormiam no povo

(1) Ficou célebre o famoso grito de João Franco na hora perturbadora em que assumiu o Poder, quando, sôbre êle já galgava a onda dos apetites de quantos só vêem no Chefe o condutor do assalto aos bons lugares do Estado. Na sua inquietação dramática, sentindo-se avassalado pela pressão sôfrega da ambição burguesa dos correligionários, exclamava: «Quem fôr meu amigo que não me peça nada!».

estava a traição burguesa de todo um século.

Poderia o «5 de Outubro» ter conseguido, mais tarde, essa onda de fundo popular resgatadora? Chegou-se a pensá-lo.

Mas o movimento que parecia ter penetrado na alma ansiosa do povo, tinha sido provocado de facto pela Burguesia e, naturalmente, com intenções bem diversas. Por isso, logo sôbre ele pesou a traição que o amorteceu, desviando-o para batalhas inúteis enquanto, mercê do impulso inicial, a Burguesia conquistava as últimas posições que pertenciam ao seu domínio sem limites.

A República nascida na Rotunda foi assim, com algumas intermitências castrenses, uma farândola de interesses e um jogo permanente de traições.

Assim, quando a Burguesia invoca o mito da «tradição» ela sabe na verdade ao que se atém. E não é só a «tradição» política, que se diz vir de longe, mas a Tradição dos costumes que essa nasce na noite dos tempos: *enriquecer, manobrar*, tudo o mais é secundário. Por exemplo: a Tradição da Honra — da honra burguesa... O «honrado comerciante da nossa praça... «Trocaram-se dois tiros sem resultado»... Numa página do grande Forain na «Comédie

A TRAIÇÃO BURGUESA

Parisienne» uma mãe invectiva, solene, diante do marido hierático, seu filho ferido, de braço ao peito:

«Se te tivesses batido por uma mulher casada, vá...

Mas bateres-te por uma mundana, é abominável.»

Outra tradição famosa da burguesia, tradição tantas vezes invocada como pedra angular de uma moral social que lhe é própria, tal é a tradição da «lealdade». Lealdade nos negócios, nas camaradagens, nos tratados...

Não foi Maquiavel quem ensinou aos príncipes as regras da «sabedoria» e da «prudência» burguesas, no mais perfeito tratado de governação dos homens pela felonía e simulação de todos os instantes?

No mito de «cultura», como expoente da sua civilização, tem a Burguesia insistido demasiado para que alguém desconheça as suas cumplidões em quantas traições nessa palavra se consagram.

Com efeito, se a «Caridade» é o brasão da burguesia na luta com a Justiça, a «Cultura» sê-lo-á na sua espiritualidade em luta com a «Verdade»—ambos brasões de classe, signos de «elite», timbres de uma nobreza por que a burguesia anda eternamente suspirando.

Assim, a verdadeira cultura, para os burgueses, não passa de uma determinada cultura, aquela que mais se presta a erguer tórreres de marfim; feudalismos pessoais onde se isolam príncipes de encantamento nas artes poéticas; barões assinalados da História e da Geografia; mestres de armas na polémica; nobres gardingos das Pandectas; cavaleiros da erudição e do Arquivo.

Cá por baixo, em tórno dos castelos feudais que a «cultura» ergue á Burguesia, os humildes mirando de longe os *oiteiros*, onde se recortam as altas ameias; ou vendo desfilar pelas alamedas, as orgulhosas cavalgadas da glória burguesa, enquanto elles, pobres mesnadas de néscios, de ignorantes que Deus não fadou para atingirem as culminâncias da Filosofia, da História, da Estilística, da Pragmática são a pobre gente que vos contempla, ó Burguesia!

Porque, enfim, nasce-se com o destino superior de vir a ser considerado culto pela Burguesia, ou não.

Tudo o mais será inútil.

Dêste modo pode-se ser engenheiro, director de um departamento de Estado e director de um jornal em Lisboa, como é o caso do senhor Luís Fernando de Sousa, e, circunstância singular, ser apontado como analfabeto pelo eru-

dito e aliás alto espírito do sr. Alfredo Pimenta, porque êsse evidentemente, tem pergaminhos de Culto e dos mais legítimos.

É que para a *cultura*, no conceito acreditado pela Burguesia, para o sr. Alfredo Pimenta, é evidente que o sr. eng. Luís Fernando de Sousa será capaz de todos os algebrismos a que o obriga a sua profissão; será competente para lançar o arco de uma ponte ou levantar o dique de uma barragem; conhece as matemáticas, a química, a física, a geologia; é um técnico; traduz por equações subtis a elegância de uma curva no espaço e exprime em fórmulas seguras a resistência dos materiais; mas saberá êle, em verdade, por que razão Amenópolis casou com uma fenícia? Conhecerá êle, e até que ponto, as razões do subjectivismo de Protágoras ou do atomismo de Demócrito?

E, mais perto de nós, poderá êle dizer-nos que esta era a divisa de Duguesclin: «*Fais ce que dois, advienne que pourra*»?...

Assim, a *cultura* é o signo de distinção de uma classe eleita, ambrósia de deuses, precioso alimento de raros e soberanos senhores.

São considerados, por tácito assentimento, expoentes máximos dessa cultura, os «imortais» das «Academias» e os catedráticos.

Na «cultura», como nos vinhos de fina essência, cada povo tem, porém, a sua especialidade! Em França, por exemplo, é para os académicos que vai tôda a admiração das gentes.

É que em França quando alguém chega a imortal é quando mais faz para se immortalizar, nas ciências, nas artes, no valor criador.

Em Portugal, pelo contrário, aquêles que atinge as culminâncias da imortalidade, em geral, não faz mais nada... senão morrer.

Entre nós, talvez por isso, não vai em demasia aos académicos o favor popular. Os catedráticos, êsses sim, que pesam de uma maneira particular na imaginação reverenciadora do país. É que à imagem dominante da sua «ciência» junta-se o terror ancestral de quantos «imploraram» a sua valiosa «protecção» ou tentaram servilmente captar, de qualquer forma, a sua benevolência de onnipotentes nos exames...

O catedrático é um senhor que eternamente exhibe a sua faculdade de ensinar. O Lente está sempre *dando lição*. Numa carruagem do caminho de ferro, numa mesa de hotel, no passeio público, em família, a propósito do rol da lavadeira, ou na vida pública falando de estatísticas ou apreciando contas gerais do Estado...

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

O Lente sabe tudo e tem no seu destino um raro privilégio: nunca se engana. Daí lhe nasce um orgulho que infunde carácter, tornando sempre mais circunspectas as suas atitudes.

O catedrático nunca se engana porque a sua prudência sabe pôr rigoroso limite à sua ciência: o limite natural que tem o livro, o «tratado» que a sua sabedoria adoptou.

Assim, o Lente não *cria, adopta...*

Pacientemente acomodado na sua cátedra, ele sabe esperar que as idéias, os sistemas, as instituições nasçam, tomem corpo e marchem, é para, na hora própria, as «perfilhar». É o seu ofício. É a sua missão.

Eis porque o Lente avança de costas sistematicamente voltadas para o futuro. Falta-lhe essa dimensão de tempo.

Conhece, é certo, até à minúcia profissional, o Passado e o Presente, que está estabelecido regulamentarmente nos compêndios oficiais. O seu dever impõe-lhe que dêles extraia a *sebenta*, com rigorosa obediência ao que está exposto e com tóda a precisão nas vírgulas. Mas o seu conformismo profissional também se opõe formalmente a que ele veja, sinta e ouse pensar para além do que está já escrito.

Desta maneira, o catedrático avança recuando

e jamais se volta para a frente, apontando nos tempos a vir um caminho e uma esperança. Poder-se-ia enganar... e isso seria um atentado à «dignidade» da sua aristocracia de «culto».

A traição burguesa na «cultura» faz assim que as Universidades andem como andavam os austríacos: «atrasados numa idéia e numa época».

Havia largo tempo que o Integralismo vencera a batalha espiritual contra a liberal-democracia e ainda a maior parte dos catedráticos acertava o passo constitucionalista, arrancando aos velhos argumentos as derradeiras conclusões com que justificavam a sua lealdade aos poderes de então.

Viu-se depois o fervor com que certos de entre êles se fizeram «totalitários» e assim permaneceram, enquanto um novo «humanismo», personalista e comunitário, os ultrapassa, erguendo por cima das ruínas do mundo uma nova consciência dos deveres e dos direitos do Homem.

Bem entendido que êste espírito de «catedrático» é uma doença, ou antes, uma deformação, que nem a todos os catedráticos atinge. Alguns, e não dos menos ilustres, se lhes mostram refractários. Essas honrosas excepções são

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

demasiado notórias, para que espontâneamente se não faça a necessária destrinça.

Do «outro lado» há o mito da «Liberdade», isto é, o plano em que se assegura o triunfo de certas tendências que alinham à «esquerda política: mas nêle não se aceita a possibilidade do triunfo de quaisquer outras... É a liberdade de poder atacar as crenças religiosas, que nega o direito de as poder confessar. Negar, por sistema, aos outros, a possibilidade que lhes multiplica as faculdades de acção, de apoiarem a sua esperança no imponderável; enquanto para si reivindicam o direito de eleger todos os pragmatismos que justificam as suas superstições...

A liberdade religiosa burguesa pode concretizar-se nesta fórmula, todos os dias posta à prova entre nós: quando triunfa a «esquerda» aí do que vai à missa; quando triunfa a «direita» pobre de quem lá não vai...

Quanto à liberdade económica e à liberdade política burguesa, elas significam, na maior parte das vezes, o direito de que os poderosos se arrogam para impor a sua vontade aos mais fracos...

O conceito burguês de liberdade é assim a expressão bem clara de um privilégio. Privilégio de posição, privilégio de casta.

Outro *mito*, à «esquerda» burguesa é o mito do «progresso social»; e, êsse, condiciona esta moral de que os esmagamentos, as derrocadas e as lágrimas sejam só admissíveis de um lado da barricada, que evidentemente nunca deve ser o lado daqueles que por êsse progresso anseiam ⁽¹⁾. Paredes meias revela-se o mito do «igualitarismo», a que, com justiça, se pode contrapor o mito da «direita» de «política de verdade».

Mitos que se equivalem, pois partem soberanamente de postulados que um justo realismo todos os dias põe em discussão.

Eis ainda o mito do «materialismo», expressão em que se opõe a matéria aos direitos do Espírito, absurdo que tende a separar duas partes integrantes de um mesmo todo.

Os comunistas, é certo, têm razão quando reclamam o bem-estar material do homem. Com uma condição porém: a de que se considere sempre que êsse bem-estar não é um fim,

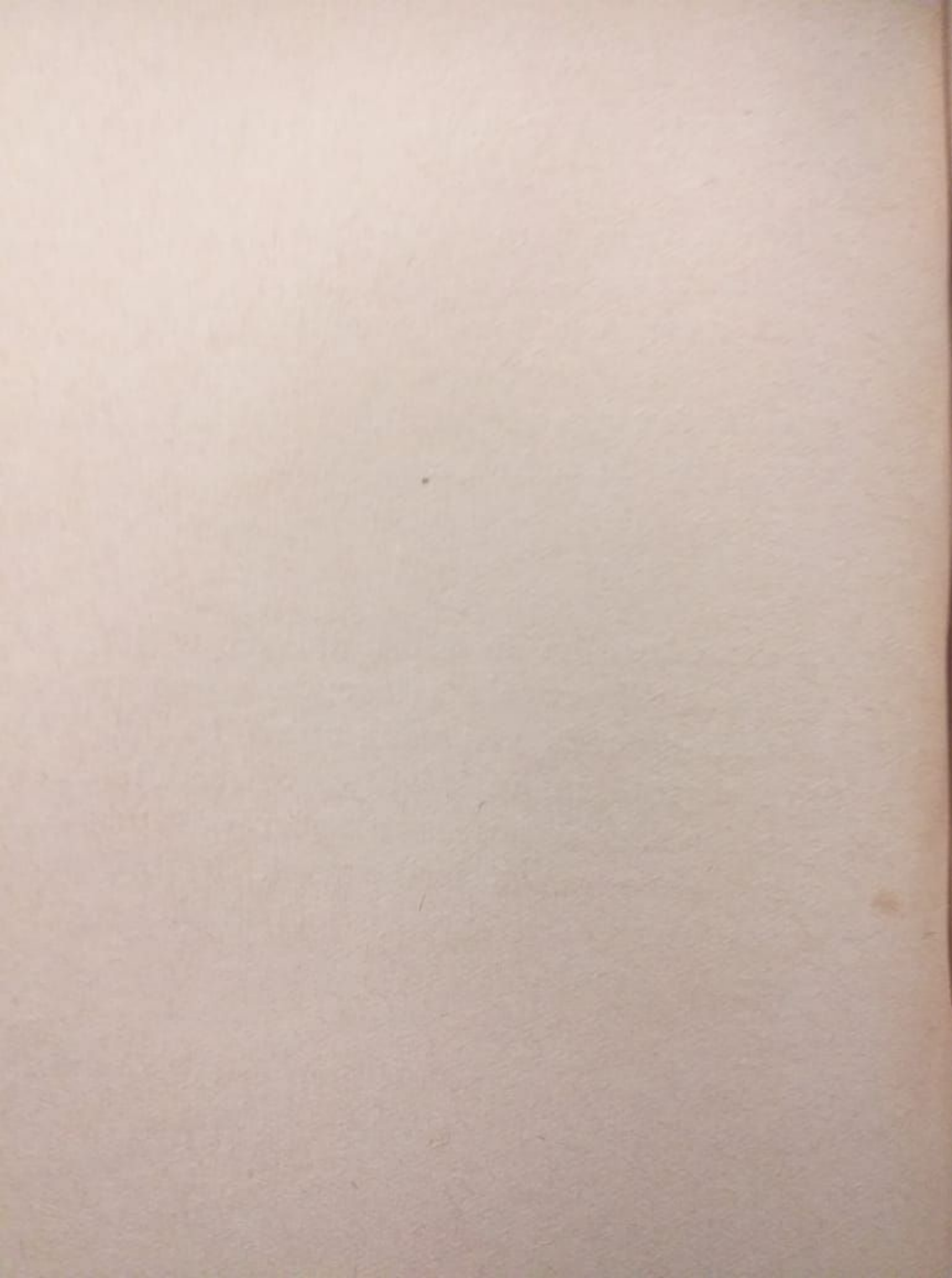
(1) Assim, quantos advogados e quantos médicos, que ganham em cada ano uma fortuna, e que reclamam a divisão da propriedade agrícola... Êles, cujos rendimentos, sem riscos, são incomparavelmente maiores que os de tantas grandes lavouras, que um mau ano tudo pode fazer perder.

mas um meio, para que o homem atinja outras culminâncias — as espirituais.

A miséria, a fome, o sentimento do abandono, podem acordar, e de certo modo acordam, os *instintos*; mas não anulam a realidade Homem, que antes de tudo é *consciência*.

*

Esta batalha de mitos, em que a Burguesia todos os dias revela a face de novas traições, denuda-se cada vez mais numa farândola trágica e grotesca de mistificações e desenganos, que formam o processo moderno da sua desagregação e perda irreparável. A traição dos mitos burgueses explica, só por si, a grande crise do mundo.



CAPÍTULO VII

Talassocracia

A palavra grega «talassa» ⁽¹⁾ que, como o leitor sabe, significa o «mar» entrou na história política contemporânea nacional, apenas como uma adejante e um pouco pedantesca expressão de historicismo ao serviço

(1) Foi em 1907, em plena ditadura franquista, que a palavra «Talassa» surgiu com significado político em Portugal. Numa mensagem da colónia portuguesa do Rio, ao ditador, querendo significar o entusiasmo com que êle era visto e a sua obra, comparava-o solenemente àquilo que os soldados de Xenofonte, na famosa retirada dos 10.000, sentiram ao avistar, do alto do monte *Tegua*, o vasto mar, o elemento helénico por excelência, a salvação...

Como êles, à vista de «redenção», os admiradores de João Franco traduziam o seu clamor de esperança por uma palavra forte, que era a mesma dos gregos, pois que era também o mar largo e livre de escolhos que parecia surgir para a nau portuguesa do Estado, que tanto tempo parecera encalhada e em perigo...

R O L Ã O P R Ê T O

de uma manifestação política dos portugueses no Brasil.

Entrou chocando com o seu estranho som, a que deveu o sucesso, mas logo tomou definitivo assento na nossa terminologia política, designando primeiro os amigos de João Franco, depois os monárquicos e por fim os reaccionários de tôdas os matizes.

Hoje é, sem contestação, o sinónimo vivo de traição: traição burguesa do oiro, traição política e traição religiosa.

«Talassa» é a realização dêste paradoxo: não é nada e é tudo.

O «Talassa» pode ser monárquico e pode ser republicano, católico ou ateu, conservador ou jacobino... Uma coisa nêle é fundamental: a *camouflage*. A *camouflage* com que lhe é possível infiltrar-se em tôdas as empresas, em tôdas as situações políticas e em tôdas as religiões.

Assim, a *Talassocracia*, não quer dizer a soberania portuguesa no mar, nem com ela se invoca a hegemonia de Atenas, a da liga Acaia ou da liga Etólia...

É contudo uma *liga* e representa em verdade uma hegemonia indiscutível. A liga de quantos conciliam as atitudes mais antagónicas exteriorizadas na religião ou na política para se associarem em empresas bancárias, indus-

triais, comerciais e mesmo políticas — tôdas as emprêsas em que uma regra predomine: simulação; em que um ideal a mande: o lucro.

Liga temerosa que se não prende com escrúpulos nem teve jamais que suspender o seu caminho, na linha sinuosa dos interesses, por se mostrar sensível às solicitações da solidariedade humana, na linha recta dos deveres do Homem... Liga forte que vive e perdura sôbre as suas poderosas posições, seja qual fôr o signo «dos tempos»; na paz e na guerra, com a República ou com César, com Deus ou com Satanás triunfante.

Liga «sábia» que atentamente prepara os tempos e para isso possui a Imprensa, liquida ou exalta os que escrevem, comanda na Universidade o espírito e na sociedade os costumes; liga «augusta» que em tôdas as engrenagens se mostra entronizada nos «ilustres», nos «consagrados», nos «grandes», e, para isso, os prepara nas assembléias gerais e nos bastidores da política e os lança no «Tauromáquico», no «Turf» ou ao «ouvido de madame X»... Os prepara e *os apoia* com todo o poder de que dispõe e que é feito de tôdas as traições do oiro, da política e das sacristias.

Uma das primeiras condições para merecer a consagração da liga, para se ser *falado*,

lançado e por fim *ouvido* é ter nascido *prudente*.

Prudência quer dizer conformismo.

Ninguém lhe pede que acredite, mas exige-se-lhe que aceite.

No *Club* pode rir-se da Igreja ou pôr em dúvida o dogma, contanto que não se esqueça de ir à missa.

Pode-se em teoria ser monárquico, mas isso não impede que na *prática* se sirva a república e dela se recebam proventos e honrarias. A religião, a política, a arte de viver, tudo são maneiras de *chegar*, ainda que se tenha de concordar com o que se reputa absurdo, erguer o que se deseja abater, aceitar o que estruturalmente lhe repugna.

Outra forma de merecer «boa reputação», de se ser naturalmente competente, insigne e próprio para o bom lugar, está em ser-se filho de «ilustre Pai».

Nada, com efeito, para ter a nostalgia da Monarquia como uma República, nada para invocar costumes aristocratas como uma burguesia democrata.

«Filho de Algo»... ou mais burguêsmente «*Fils à papa*», eis a chave de grandes enigmas, a explicação heráldica de largas ascensões sem motor...

— Como atingiu, *aquêle*, tão alta culminância? Nunca se dera nem pelo seu valor espiritual nem pela sua coragem, antes, sempre se mostrara medíocre, ignaro e pandilha, em todos os actos da sua vida. Ei-lo porém no pináculo de uma poderosa emprêsa, no alto de um grande e inacessível «lugar», vendo-nos passar, cá em baixo, humildes e rastejantes vermes da terra. Todo o segrêdo dêste imprevisto e assombroso triunfo ficaria porventura indecifrável aos olhos dos contemporâneos se o talismã que se encerra na certidão de baptismo dêstes prodígios tivesse também o condão de os livrar das quedas desastrosas em que os estatela, por vezes, a petulância e incapacidade de mentecaptos, feitos deuses... por graça divina da fama do Pai.

Mas eis, agora, *êste*, que o sol da glória aureola de súbito fulgor.

Que fez êle para que tantos se curvem perante a sua fama? Um livro, um sistema, um tratado? Além da sua fortuna pessoal, nenhum mérito próprio de relêvo se conhece que lhe tenha podido servir de alavanca com que se guindasse assim tão alto no conceito das turbas.

Glória «dirigida?»

De um portento dêsses que tem sacudido por

terras de Espanha o pó glorioso dos seus sapatos de grande Bonzo, quis-se um dia saber o que pensava um alto espírito do país vizinho.

— Desde que o conheço — respondeu êle muito surpreendido da pergunta — só uma coisa lhe tem crescido... os pés!

Criando por interêsse próprio os seus «valores», e, mantendo-os na fama de seus grandes dotes e ilustres feitos, a »Talassocracia» adoptou métodos e concebeu tipos definitivos que lhe retratam as intenções de casta sempre atenta no caminho do seu interêsse.

E, assim, quanto à competência, ela elege os seus expoentes não em função do saber técnico da experiência, ou das provas de real valor da sua capacidade natural — mas sim na medida que lhes dá a possibilidade de serem *amoldados*, conduzidos, aproveitados em determinado sentido.

Dai, a fórmula bem conhecida, que, já tanto sucesso teve na Democracia parlamentar e que já noutros regimes não logrou ser corrigida, fórmula de fama e de proveito universal, cujos termos podem variar na generalidade, mas cujo conceito se resume, segundo Benoist, desta maneira: *seja quem fôr, é bom, em tôda a parte, para tudo o que se quiser...*

Assim vai o mundo...

Este senhor tem hoje um lugar de comando em coisas que parecem denotar conhecimentos de coisas do mar; pois não deve causar estranheza que ele surja amanhã conduzindo destinos da lavoura do trigo; *aquêle* já foi sucessivamente tudo: especializado em assistência e técnico em armamentos, ouvido em conservas de peixe e orientador em Belas Artes, perito em matéria Colonial e pontífice em problemas de ensino, ei-lo que... volta agora ao princípio do seu círculo de glória perante a mesma admiração *de uns* e os mesmos louvores *doutros*. Em tôda a parte servindo com zêlo e sabedoria, em tôda a parte o homem próprio no próprio lugar.

Desta maneira singular se criam os grandes valores que a burguesia aproveitam. À fôrça de se verem passar as letras luminosas dos seus nomes e só dos dêles — outros não toleram no *écran* da sua imprensa a «talassocracia» soberana — como não há-de o vulgo acreditar que só aquêles foram eleitos pelos deuses, fadados pelos destinos? Tanto mais que a regra é esta: mostra um sujeito a sua incompetência em dado lugar, mas no dia em que se demitir sobe de pôsto, ou, pelo menos, de ordenado, noutro lugar que já o esperava, para a recompensa...

Aqui nasce, cresce e se torna de essência eterna, o Presidente nato de tôdas as coisas, êsse outro alto símbolo, tipo característico da vida social em círculo estreito de amizades e interêsses coligados — o Presidente que tôdas as associações escolhem, o juiz indispensável de tôdas as confrarias, o nome ilustre lembrado cada dia onde quer que se debatam interêsses ou seja necessário apadrinhar manigâncias, o mesmo que já o senhor Melchior de Voguë no seu «Les Morts qui parlent» nos mostrou na sua última presidência na eça mortuária da igreja da Madalena, «aquêlê grande Duputel presidente da Câmara, antigo presidente do Conselho, presidente honorário da Sociedade universal das naftas e petróleos, presidente efectivo da União Geral dos funcionários republicanos, membro do Instituto, e o resto... de que não restava nada». Assim a Burguesia escolhe os que lhe fazem conta e os consagra. Mas só êsses. Que admiração se êsses que ela escolhe e tão arbitrariamente investe de honras e poderio, se mostram tantas vezes indignos da sorte que os fadou?

A «vã cobiça» cega-os. Duas ordens de sentimentos absorventes e contraditórias lhe sopram e incham o orgulho de senhores de acaso: uma pessimista e amarga, e refere-se aos que

A TRAIÇÃO BURGUESA

estão «por baixo», àquêles que a *vara* do seu mando tem de orientar e conduzir; a outra é optimista e consolante e dirige-se benêficamente a êles próprios e à sua própria posição.

Pode haver porventura mais desconcertante espectáculo do que aquêles que a seus olhos superiores oferece a miséria dos que «por baixo» ficam? Aventureiros, desonestos, desordeiros, incompetentes, invejosos e inúteis...

Que seria dêles se o zêlo, a prudência, o saber supremo, a virtude máxima, a máxima isenção não velassem no coração e no espírito dos que estão por cima?

Também, com que constância e com que necessária dureza o mando tem de se exercer para que o mundo dos inferiores entre nos eixos!

Assim pensam aquêles a quem a traição burguesa entregou uma posição e criou um espírito. «Mandar»... eis o grande verbo criador que arrasta os mundos pelo vasto espaço sideral e os homens na louca farândola das suas maiores vaidades, exaltando-as, multiplicando-lhes a vontade, transmutando-lhe a própria essência!... Mandar seja como fôr, custe o que custar e como puder ser — eis o supremo objecto de todo o vilão feito senhor. A mais pequena partícula de «poder» caindo por distracção dos Deuses na mão do mísero, e, logo, o seu cora-

ção se entumece do prazer supremo, deixando para trás, na poeira distante do olvido e da ingratidão, as melhores camaradagens e os mais antigos amigos.

Pegue-se num daqueles simbólicos companheiros de tertúlia, cuja obra o grande Fialho resumiu um dia «em vinte e cinco cartas a pedir vinte e cinco tostões emprestados em cada uma». Pegue-se num dêsses «amigos» cuja companhia temos assegurada com um jantar ou um simples café que se lhes pague no botequim — e faça-se o homem, mais não é preciso, do que secretário de ministro...

Oh! a glória com que êle subirá as escadas do seu ministério, a bela distância que êle saberá pôr entre nós e a sua grandeza, o jeito novo que êle dará ao colarinho e às atitudes, e, o desprezo com que nos fará esperar à porta do seu gabinete! De um simples padre de aldeia serrana, tocado do mau espírito do mando, se conta esta confissão de ingénuo sabor mas de bem simbólico sabor.

— Agora, quando passo nas ruas da minha aldeia — diz o reverendo muito a sério — sinto na verdade que sou o poder. Sou o Presidente da Junta de Freguesia, o Presidente da Casa do Povo, aquêlê que distribui o racionamento, e o meu sacristão é o regedor...

Assim, aquêlê modesto pároco, outrora homem simples, bom amigo e razoável coração, agora que tem na mão umas migalhas de mando que lhe grangeiam uma clientela e lhe dão motivo para dispor de certos favores, se sente já diferente do que era: pessoa de importância. sujeito impertinente... Êste pequeno facto, cuja puerilidade poderá fazer rir, encontra contudo um significado amargo que convida a meditar com tristeza.

Tal é a pobre essência humana, que, basta que sôbre ela sopre o vento de um mandarinato, por mínimo que seja, para que nela surjam os germes que lhe alteram o sentido, demudando a simplicidade em ostentação, a bondade em secura, a nobreza em vilania.

Oh! totalitários, oh! sonhadores, imprudentes do Estado indiscutível, oh! estatistas que esqueceis as liberdades sagradas, aí tendes a massa elementar, a argila humana com que edificar a tôrre de menagem da Justiça e os muros fortes da cidade futura. Se um pobre padre, simples serrano, por demais ainda tocado de alguma graça cristã, assim se torna «imperador» da sua aldeia pela graça dos «papéis» da Junta de Freguesia, da Casa do Povo e das senhas do racionamento, se um mísero de entre nós, os míseros, assim sente de

súbito insuflar-lhe o peito um sôpro de orgulho só à idéia de que nas suas mãos pode estar um instante dos destinos alheios—pensai um pouco no que irá por êsse mundo... se entregormos *totalmente*, seja a quem fôr, os nossos próprios destinos.

Que a vossa sabedoria multiplique sucessivamente pelas crescentes possibilidades dos diversos graus de hierarquia social, política e económica de um país, as mínimas razões que ao padre serrano incharam o peito e considerareis por certo como será arriscado e perigoso entregar-se essas sagradas e frágeis coisas do nosso destino à mercê arbitrária e desapiedada dos altos e desenfreados tufões que sopram no abismo insondável do orgulho humano.

Quantas das misérias que no círculo estreito dos nossos passos e das nossas amizades contemplamos com ternura e dó, merecem que sôbre elas se debruce a inquietação compassiva de altas posições? Quantos dos erros que o Código frio e os juizes distantes castigam com dureza e que nós estamos em melhor posição de resolver?

Cuidado, portanto, devem ter quantos engrandecem o Poder, não os esmague um dia a mão a quem deram a fôrça.

Talvez que o cálculo de muitos que desejam

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

um Estado indiscutível e de poder ilimitado esteja na suposição de que êsse Estado virá um dia a ser nas suas próprias mãos a forte *vara* da Justiça... Mas quem poderá dizer com segurança como e a favor de quem se vão pronunciar os Deuses na *noite* gloriosa... Todos os imprevistos têm a sua probabilidade quando se trata de golpes de fôrça, e, por vezes, é o mais improvável mesmo que consegue a aprovação dos destinos. Se essa *vara da Justiça* fôr cair nas mãos de quem não fôr digno dela, quem poderá livrar das suas tremendas conseqüências aquêles que de boa fé erraram o seu cálculo de bem governar um dia com o forte instrumento que ajudaram a forjar... para os outros.

Dir-se-á porventura que os outros a quem o acaso dá o poder, não tendo criado o próprio instrumento de que se servem mostrarão em breve a sua incompetência se os não assaltar antes o escrúpulo da contradição em que têm de viver. Em qualquer caso, serão varridos...

Varridos... O Poder é coisa magnífica, talismã de maravilha que enfeitiça quem prova dos seus deleites infindáveis. Voluntariamente ninguém sai de uma posição de onde a paisagem é tão doce e bela de descortinar. Cair é sempre desagradável, mormente quando se sabe que se cai para nunca mais se

R O L Ã O P R Ê T O

levantar. Nesse ponto, eram menos exigentes os que serviram com regimes parlamentares, pois lhes restava sempre a esperança de voltar outra vez.

Nos regimes de fôrça, ó totalitários, quando se cai, é definitivo, e, por isso, êles se seguram bem, aquêles que a sorte uma vez bafejou.

Quanto ao remorso que nasce de uma consciência onde se trava luta entre as idéias que sempre a inspiraram e as realidades com que está actuando para no Poder se segurar—poucas esperanças a História nos ensina a pôr nêle. Sempre se acaba por encontrar a maneira de conciliar o pensamento antigo com a acção presente, quanto mais não seja varrendo a sombra do remorso com a claridade pura das intenções...

Não foi isto que se viu já em todos os sistemas e em tôdas as épocas?

Não sabemos nós de democratas-cristãos de tôda a vida que aceitaram fazer-se totalitários, dando-nos ainda por cima as razões da sua sem razão, «sinceramente», magoadamente, sábios e prudentes como Salomão?...

O Poder tudo justifica porque êle tem sempre uma razão superior: é o mais forte.

Eis pois a Burguesia escolhendo os «seus»,

elegendo e guindando os que lhe convém. As regras fixa-as ela, o caminho marca-o a sua sabedoria. Ai porém daquele que não aceita conformar-se aos *rails* em que a Burguesia torna obrigatória a marcha—o seu conceito de vida, a sua moral social, a sua «prudência».

O drama que se desenrola porém em silêncio no coração ou no espírito dos insatisfeitos, dos que sofrem, dos que anseiam para além das regras da prudência burguesa, passa despercebido dentro dos muros da Talassocracia.

Quando muito, êsse drama angustiante, é o signo de um desequilíbrio moral de quantos êle agita ou comove.

Espírito «equilibrado», inteligência «útil», isto significa uma hábil concordância de todos os instantes entre a vida e as imposições da sua época, seja qual fôr a injustiça que as prescreva. Tôdas as vezes porém que a inteligência se escusa a uma obediência que é permanente abdicação da razão e da dignidade dos sentimentos, tôdas as vezes que a inteligência ousa ir até ao fim na lógica das verdades políticas, económicas e sociais, tirando corajosamente tôdas as justas ilações dos próprios postulados burgueses que fundamentam a ética do seu tempo mas são a viva contradição entre os «Princípios» e a realidade dura—tôdas as vezes

que à inteligência repugna *deixar de ver*—então a condenação da Burguesia cai sôbre ela, impiedosa. Esta é em seu conceito uma *inteligência perigosa*. Como *perigosa* é para ela, todo o carácter que seja carácter, tôda a coerência que seja coerência, todo o homem que seja verdadeiramente homem.

—Muito inteligente, culto, valente, muito bom rapaz, mas *muito perigoso*...

Tal é a fórmula com que a Burguesia afasta do seu caminho aquêles que não sabem pôr à pureza das convicções, à espontaneidade dos sentimentos e à sinceridade dos gestos o limite do seu próprio interêsse.

—Por que não aceita aquêle o bom lugar que lhe oferecem? Quere endireitar o mundo? Fazia bem melhor que reparasse na situação que a sua intransigência lhe cria e à família.

A propósito de Silva Lisboa, o violento panfletário que incorreu nas iras do Ministério Público—ó doces tempos em que as coisas se passavam assim—pelos seus ataques ao Chefe do Estado, cita Ramalho a censura de um burguês de então, perfeito documento do pensamento eterno da burguesia:

—«Silva Lisboa—dizia-me um lojista do Chiado—é um homem de bem, sério, e que não precisava de se meter nesta dança, porque

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

tem de seu. A sua família é a dos primeiros cutileiros de Lisboa; a sua oficina é excelente e acreditadíssima.

Porque é que êle não faz tesouras e canivetes, como seu pai e seu irmão? Porque é tolo. Dizem que escreve bem! Pois então que escreva em termos e com propósito!

Eu sou um homem pacato, não tenho partido, ocupo-me do meu ramo de negócio e embirro com êsse género de descomposturas. Se eu fôsse juiz desterrava-o para tôda a vida. Quere descompor, descomponha nas costas de África! Tem a sua casa e tem o seu ofício, olhe pelo que já tem e deixe-se de palermices! É asno, vá ser asno para o diabo que o leve!... Nós cá não estamos em país de guerras nem de birras estamos em país de paz, e o que queremos é paz, união e sossêgo. Os que não estão satisfeitos, Costa de África com êles, que é para acabar com as questões! Basta de asneiras. Esta, meu caro senhor, é a minha opinião.»

Assim ela julga os sacrificios que se fazem pela honra de uma attitude, assim ela considera a linha moral dos que não se vendem, mesmo quando isso lhes mataria a fome e a fome dos seus!

É que a Burguesia não procura valores nem lhe interessa proporcionar condições em que

R O L Ã O P R Ê T O

êles se possam criar. Os valores humanos de alto quilate moral perturbam-na e amedrontam-na a ela que só precisa e procura encontrar cúmplices.

Cumplicidade na ganância, na abdicação por interesse, na traição por egoísmo.

Eis porque todo o gesto de independência significa nm atentado contra a segurança da Talassocracia. Um espírito independente é um espírito rebelde ás leis da selva, onde as grandes feras, só porque são grandes, podem esmagar a seu belo prazer os pequenos animais indefesos, a contento complacente de todos.

Sôbre o rebelde cai tôda a execração das manadas e — paradoxo amargo — não só das manadas dos que esmagam como daquelas mesmo que são esmagadas.

É preciso em primeiro lugar que reine a «paz». Paz dura e sombria na sombria floresta onde por vezes se ergue o lancinante grito do pobre bicho nas garras do leão, ou se sente o tropel inquieto do rebanho que procura na fuga esquivar-se à ronda implacável do lobo... Mas a paz apesar de tudo. A paz por que é a ordem, essa ordem burguesa que tem o sinónimo linear e claro da «tranqüilidade», que em «ordem» se esquece tôdas as verdadeiras desordens que se

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

ocultam na sombra das horas em que o mundo forçadamente repousa, e, tantas confusões e desequilíbrios que provocam certos «homens de ordem» à fôrça de a quererem perpetuar, contra os imperativos de vida que em todos os tempos promovem e mantêm a marcha do mundo. Mas é a ordem, triunfo fatal *de uns* e o sacrifício fatal *doutros*.

Nesta fórmula cabe todo um mundo com leis próprias e destinos expressos, que ninguém deve perturpar na sua marcha equilibrada e segura. Um mundo em que os limites da bondade e da solidariedade humanas se restringem cada vez mais nesta hora amarga, como os de uma estreita «terra de ninguém» que separa o fogo incessante e duro das fôrças da ambição e da conquista, que entre si disputam a posse do desolado coração do homem. Mundo estranho, em que os contactos entre humanos têm o que quer que seja de dramático e agressivo, perdida a nobreza das atitudes e a franca lealdade dos pensamentos por temor de tôdas as traições e realidades brutais que condicionam a vida, expressas no cinismo de fórmulas matemáticas, em função do tempo e do dinheiro.

Tal é o mundo da Talassocracia, paradoxo gritante de uma época em que, sendo maiores do

R O L Ã O P R Ê T O

que nunca as possibilidades dos homens fazem o bem, dos homens encontrarem motivos que inspiram amizades, é exactamente quando mais mal fazem, mais desconfiam e mais uns dos outros se afastam.

CAPÍTULO VIII

Do alto da colina
da decepção

DO alto da colina da decepção alonga-se e esbate-se até aos horizontes nublosos da saúde o vasto e desolado panorama de trinta anos, que são a nossa vida de luta e de esforço duro ao serviço do ideal de Justiça. Trinta anos de batalhas perdidas, esperanças que se desfizeram em fumo amargo, ilusões que ao morrer nos deixaram na alma o eco de grandes dores; dúvidas que se tornaram esfinges monstruosas, entusiasmos que se apagaram e caíram em cinzas frias sôbre o frio do nosso coração.

Até onde os olhos do espírito penetram e alcançam, assim se desenrola, amargo e infinito, o mar gelado, o largo oceano onde se subverteram tantas vidas fortes que amámos ou combatemos e vimos desaparecer com espanto

e angústia; o oceano temeroso ao longo do qual sopra a nostalgia do tempo morto, da alegria perdida, da inquietação inútil...

Decepção!

Heróis que se tornaram cobardes, míseros que surgiram «senhores», honestos que se revelaram ladrões, indigentes que acordaram nababos, cordeiros que se tornaram déspotas; civilizados com o coração de bárbaros, cristãos com espírito de Satanás, e aquêles que nós um dia erguemos sôbre os escudos votivos dos nossos peitos ardentes e custodiámos porfiadamente com as nossas lanças em duras refregas, para que melhor se consumasse um dia a sua traição para com os ideais comuns, as esperanças comuns e as comuns camaradagens...

Desolado panorama de ruínas, massacres, desenganos, abandonos, tiranias, vexames e sepulturas. Eis a Europa-madre, abatida, exangue, alucinada; amarga extensão de cidades mortas, sepulcro monstruoso de milhares de inocentes, que morderam o pó na mais assombrosa catástrofe da História.

Eis a obra da nossa geração, ó democratas, ó nacionalistas, ó comunistas — responsáveis de todos os países, de tôdas as idéias, de todos os sistemas; condutores da Europa e do mundo

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

e que a Europa e o mundo conduziram à desolação e ao martírio.

Campos abrasados, enegrecidos, esventrados e para sempre malditos; florestas devastadas, estilhaçadas, soterradas, e para sempre perdidas; searas, frutos, fontes para sempre condenadas.

Parques de maravilha, avenidas majestosas, ruas e praças sem par — tudo desaparecido — e mais do que isso, lares sagrados, todos agora envilecidos, conspurcados, desertos.

Tal a obra desta geração nefasta. Geração inconsciente que meteu alegremente no fundo do mar a riqueza de muitas gerações do futuro, e destruiu, sem que a mão lhe estremecesse de horror, o tesouro de arte inestimável e insubstituível de muitos séculos do passado. Geração de loucos, que não pôde, que não soube e não quis evitar esta guerra, que ela bem sabia ser a mais dura, a mais dilacerante, a mais trágica de todas as desgraças que alguma vez caíam sobre os homens.

Guerra de perdição, provocada por cegos, conduzida por cegos; guerra de fantasmas, comandada por fantasmas, na mesma birra absurda e sangrenta que lhes moveu os passos ao longo da História, para dominar o mundo...

Como Alexandre, como os generais de Roma, como Napoleão, autómatos pueris, a repetir os velhos gestos inúteis, armando *coortes*, erguendo parapeitos, arrastando engenhos para o assalto, o massacre, a conquista da terra, sem poderem ver como a terra, que sempre liquida no tempo as vãs ambições dos impérios, agora mais do que nunca lhes escapa...

Insensatos, nem mesmo do alto do nosso século puderam ver que a terra é pertença do Homem.

*

Agora mesmo acaba uma portentosa experiência.

Um grande povo, viril, poderoso, inflamado pelo verbo de um homem extraordinário e conduzido por um grupo de «elite», unido, bravo, heróico, tão heróico que veio a morrer no seu pôsto e no seu sangue; um povo de altas virtudes nacionais, disciplinado, capaz de todos os sacrifícios, valente, militar por nascimento e vocação; um povo culto, superior nas artes, na investigação científica, nas conquistas da técnica, na orgânica da produção — um povo coevo, com oitenta milhões de almas, onde não se mostra, mesmo nas horas mais duras, uma

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

deserção ou uma discordância; um povo convicto da sua superioridade e da alta missão que o destino lhe teria marcado; um povo destes, armado com as últimas invenções e o mais perfeito aparelho de guerra de todos os tempos — lança-se na batalha, na hora que escolhe e começando por onde quere e todavia é vencido.

Tôdas as probabilidades parecem do seu lado e no entanto perde...

Por largo tempo balança nos seus braços robustos o anjo sorridente da vitória, mas, ao cabo... é derrotado. Derrota completa, total, esmagadora.

—Se não tivesse cometido êstes e aquêles erros de estratégia, se não tivesse hesitado em tal circunstância, se tivesse previsto determinado acontecimento, finalmente se não se tivessem juntado tantos contra ela, a Alemanha teria ganho a guerra...—dirão alguns.

É evidente que a vitória está sujeita ao condicionalismo de certas regras, em que a série dos «se» pode ser infinita. A condição mais importante, porém, a condição decisiva está em que aquêles que inicia o debate e se revela poderosa ameaça não suscite o temor de todos os que de qualquer forma podem sofrer as conseqüências.

Seja porém quem fôr que surja no tablado europeu, que se mostre uma fôrça absorvente e dominadora, mobilizará assim automaticamente contra si, primeiro todos os receios, depois tôdas as fôrças dos outros. Com a diferença, claro, de que o tablado europeu é hoje solidário do tablado do mundo. E o dilema é este, o eterno dilema da História; ou é possível vencer a tempo todos os povos que possam amanhã sair à liça — e nunca se sabe ao certo quem êles possam vir a ser, ou se há-de ser vítima dêles.

Diante, com efeito, do povo forte que chega para tomar o lugar que destrua o equilíbrio anterior—tôdas as influências cerceadas, todos os prestígios chocados, todos os interêsses em perigo—numa palavra, todos os prejudicados ou que o suponham ser, tendem naturalmente a uma convergência que mais tarde ou mais cedo encontra um ponto de apoio, polarizador e animador de uma acção comum que acaba por os libertar do «intruso».

Tôda a sabedoria da política da Grã-Bretanha tem sido, além de procurar resistir ao primeiro embate no que é favorecido pelos trinta e cinco quilómetros de água que a separa do continente, ser depois o federador de todos os descontentes, de todos os que julgam ter a perder com o predomínio futuro do seu antagonista.

Foi assim que ela fez e refez tôdas as ligações contra Napoleão, contra Guilherme II, e agora contra Hitler.

Mas a ilusão continua.

O povo forte, instruído, preparado, organizado e inflamado mais do que nenhum outro, no caminho da História, pelo ardor inextinguível de um anseio revolucionário e conduzido pela catapulta poderosa de uma técnica revolucionária—o povo forte foi vencido. A grande experiência consumiu-se. Todo o solo alemão é vasto sudário de ruínas, sepulturas e decepções. E, todavia para além do exemplo trágico e monstruoso, a ilusão continua...

Novos imperialismos escondem mal nas palavras e nos gestos, a dureza acerada das suas garras... O seu destino não será menos duro nem menos fatal que o dos imperialismos vencidos, certo como é, que idênticas ambições suscitam também idênticas repulsas.

Não importa. Novos sonhos se desenrolam já no campo iluminado de novos anseios, de novas ambições e de novas esperanças. Sonhos de maravilha, tentação eterna de grandeza, a que nenhuma lição da História, nenhuma dor, nenhuma miséria, nenhuma morte alheias podem pôr o limite de um remorso.

Sonhos magníficos, como foi o do Duce Mussolini...

Sonho absurdo mas lindo, sonho iluminado do génio, mas sonho fatal.

—Sôbre a «pedra branca» no imenso Coliseu onde por vezes passa o gemido dos séculos que se lamentam de não poder voltar, na vida e na glória das fortes gerações mortas—«nessa «pedra branca» de onde Anatole um dia se debruçou por sôbre os abismos do tempo para sentir passar o sôpro divino do génio de Roma—sôbre a «pedra branca» da grandeza imperial romana, como é natural, visível, quasi real, o sonho de um novo império, que como o outro tivesse à cabeça o lugar predestinado, as sete colinas de Roma...

Pobre Duce! Como êle sentiria no alvoroço do seu sangue de soldado do Corso e de revolucionário—romano no amor da terra sagrada da península e romano no conceito de uma missão imperial de Itália, face ao mundo dos «bárbaros»—como êle sentiria no seu sangue o violento assalto dêsses fantasmas gigantes que fizeram o Império e para sempre ficaram na recordação dos homens, a fazer-lhe guarda e a reclamá-lo como idéia máxima, necessidade suprema, esperança rediviva e única de uma

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

civilização nascida e embalada ao sôpro amoroso e fecundo do velho Mediterrâneo!...

Depois, como os destinos de comêço, sorriem propícios, avolumando a grandeza louca da miragem!

Eis a marcha sôbre Roma. Um povo de ociosos e indolentes, um povo artista apodrecido, que de súbito se agita e ferve e vibra ao apêlo de uma missão revolucionária e imperial. Eis a Abissínia conquistada e na cidade dos césaes um pequeno rei que cinge a grande coroa doirada dos imperadores... Pela Albânia e pelo Dodecaneso, a sombra de Itália projectando-se já sôbre os Balcans e pendendo como uma ameaça sôbre a Grécia... Na outra margem, da Líbia ao Egito, uma vida nova a correr por vias imperiais lançadas num esforço hercúleo de cidade a cidade num abraço vigoroso de vontade forte... A tentação da África.

Assim, por certo que foi numa noite, dessas estranhas noites de África, serena, cá-lida, silenciosa, com uma lua gloriosa prateando as ondas de um areal de sêda entre ruínas misteriosas de mármore, que o Duce teceu num momento tôda a aventura da sua vocação predestinada. A velha esfinge que vive oculta no encantamento doloroso de todos os desertos, falara-lhe...

R O L Ã O P R Ê T O

Também ali Roma passara e os ecos da sua grandeza triunfal repercutiam eternamente os acentos do seu nome invencível e augusto. Dali, da poderosa Cirena de que o Duce pisava as cinzas, estendera-se a rubra mancha imperial sôbre o mapa do mundo antigo, para o Oriente cobrindo o império dos Ptolomeus até Mênfis e Alexandria, sôbre o delta do Nilo, que ela galgara, subindo até à Etiópia, para além de Tebas, e até ao Mar Vermelho, para cima de Berenice... Depois, rodeando a costa além do Egito, alarga-se pela Arábia Petreia, a Palestina com Jerusalém e Cesareia, a Fenícia com o rosário deslumbrante de Tiro, Sidon e Beirout, tendo à direita Damasco.

Seguindo agora na direcção do Norte conquistara Antioquia e Alepo e para além da Mesopotâmia e da Assíria, avizinhou com os Partas e os Arménios. Depois, reduzira a Capadócia até Tubizona e correndo agora para os estreitos e para os mares da Grécia, era senhora do intrépido reino de Pérgamo e de Niceia, frente a Bizâncio, por onde o império não descontinuava até Roma... E, virando-se então para o ocidente, o Duce via a sucessão de províncias numa alucinação magnífica: a África Preconsular esmagando Cartago, a Numídia e as duas Mauritânias até Ceuta nas

Colunas de Hércules, frente a Gades, à Bética e a essa Ibéria onde o Império já chegara pela cadeia dos Pirineus, fechando nas suas mãos de ferro todo o Mediterrâneo, como um lago manso e submisso...

Alongara-se a meditação do Duce no mistério da noite. Para além das dunas a madrugada adivinhava-se no horizonte. A *simum* começava a despertar, sacudindo os leques de oleado das palmeiras.

Na sua viagem pelo mundo irreal da invocação não se dera conta nem do tempo nem do espaço. De súbito, porém, estremeceu. Por largo tempo caminhara entre ruínas, às quais a lua branqueava de mistério. Atravessava agora um pórtico altivo que desafiara o tempo no meio da derrocada das colunas... A lua, próximo do poente, criava um mundo agitado de sombras enigmáticas e absurdas. E foi então que o Duce claramente viu como a sua própria sombra lhe tecera na claridade incerta do luar o vasto manto solene dos Césares que atrás de si arrastava...

...Sonho de sombra... manto de púrpura que se torna em cinza... A guerra... O ataque à irmã França, já vencida, a triste aventura da Grécia, as misérias da Abissínia, da Somália e da Eritreia, as hesitações de Graziani, que

R O L Ã O P R Ê T O

deixa fugir das mãos a vitória, as humilhações do enquadramento germânico... É o manto de púrpura esfarrapando-se, evolvendo-se em fumo. A grande armada que se deixa mutilar, pouco a pouco, sem honra, apesar dos desafios chicoteantes de Churchill, a aventura de Rommel e o «quadrado rôto» de Almain, a retirada, a fuga, a Tunísia, a Sicília, a reunião do Grande Conselho, a atitude do Rei, o fim... Manto, Império, Reino, Poder, tudo se lhe desfaz por entre as mãos impotentes e trágicas, como num pesadelo Shakespeareano.

Pobre Duce! Poderá haver mais amarga, mais alucinante tragédia que a do seu destino de homem público, de chefe orgulhoso de uma nação que, afinal, de si própria deserta, se liquefaz e cai de joelhos miseranda? Pois há ainda. É a amarga, a alucinante tragédia pessoal de Benito Mussolini. É o seu filho, o seu orgulho de pai, asas gloriosas da aviação italiana, que se abate e para sempre emudece... Oh! o grito desesperado, o choro convulso, o trágico apêlo que do fundo do coração de Mussolini se ergue aos Destinos, conjurando-os para que cesse a sua implacável crueldade! Mas o cálice horrível ia agora encher-se.

É o genro, o companheiro da filha mais querida, aquêle que por amor dela êle acumulara

de honras e de benesses, e, que na hora fria em que todos o abandonam primeiro que nenhum outro o abandona também... São os amigos mais íntimos, camaradas das horas difíceis e das horas de glória, soldados do mesmo ideal e da mesma esperança—são os velhos amigos que êle distinguira, que êle amara, e que um por um o atraíam, e que sem piedade o entregam, o acusam por não ter vencido...

Se na hora tôrva em que os assassinos praticaram a última traição italiana contra Mussolini êle pôde ainda rever num relâmpago tôda a paisagem moral da sua aventura ao serviço do seu portentoso sonho romano, como seria Dantesco o lance da sua derrocada interior, e, como a Morte impiedosa foi para êle menos cruel que os homens!...

Não importa! Todos os grandes sonhos desfeitos, todos os trágicos exemplos de quantos o Destino duro despenhou um dia da Rocha Trágica, reduzindo a mísera lama de sangue a soberba dos que subiram altivos ao Capitólio—tudo terá sido inútil, e tudo ainda será inútil porventura, para impedir outras tremendas desilusões, outras amargas tragédias.

Do alto da colina da decepção, esta geração amaldiçoada do Destino, mais do que nenhuma outra em qualquer tempo pôde testemunhar até

R O L Ã O P R Ê T O

onde os homens são levados pela tentação do Poder e se deixam perder sem remédio, pela traição do orgulho que o Poder suscita.

Poucos viram tanto em tão curto tempo. No espaço de um quarto de século, quantos subiram arrogantes, confiados na sua estrêla; quantos desafiaram o Destino do alto da sua soberba e do seu desprezo pelos outros homens, quantos, também, morderam o pó, na hora que os deuses marcaram para a sua queda, deixando atrás de si um triste rasto de maldição ou de comiseração alheia!

Nunca, como neste tempo de estranhos imprevistos, se viram tão inesperadas ascensões, tão inexplicáveis permanências no Poder, e tão fulminantes e trágicas quedas! A grande lição da História, que afirma a sua grande *constante*, demonstra-se de maneira bem categórica ao clareão de acontecimentos cuja transcendência e rápida sucessão não têm par na vida doutra geração.

E, assim, o alto da colina dolorosa se mostra lugar próprio para entender, no exemplo dos tempos vividos, a regra de todos os tempos, a regra de tôdas as épocas. Evidente se torna que as traições contra o Humanismo se pagam sempre e de bem duro preço se estão pagando as do nosso tempo.

mostre nessa ascensão, não encobre o seu cansaço, nem oculta já os germes da decadência que a estão minando.

Esta regra, bem clara no plano da vida de um povo, é ainda mais evidente no plano de História Universal:

Com felicidade estabeleceu um dia Demoulins ⁽¹⁾ o quadro que revela a justiça dos seus contrastes:

De sorte que o verdadeiro chefe, ou os verdadeiros chefes nacionais não são jamais os tiranos, que impõem o seu critério esmagando a alma da Nação; mas sim aquêles ou aquêles, Rei ou delegados do povo que sabem conduzir a Nação para mais altos destinos, sem esquecer que a Nação só se ergue e exalta em verdade, erguendo-se e exaltando-se na dignidade e no orgulho de cada cidadão. E também indiscutível se torna que os triunfos militares, postos ao serviço de uma hegemonia Imperial, podem é certo, criar um sentimento delirante de soberba nacional; mas só a certeza de uma justiça, que a todos assista e ampare, pode dar a um Povo a serena consciência dêsse valor de civilização que é a pedra angular da nobreza dos Povos.

(1) *A-t-on intérêt à s'emparer du Pouvoir?*

*

Contemplando e sofrendo diante do amargo desenrolar do panorama dêste quarto de século sombrio e estranho, as gerações do sacrifício têm em verdade o direito de interrogar os Deuses sôbre a fatalidade que sempre lhes condenou os sonhos e os passos na dolorosa marcha...

Para quê tantos combates, tantos cuidados e tanto esforço vão? Não era justo, nobre, claro, o impulso que os moveu, e conduziu a tôdas as esperanças e a tôdas as batalhas?...

Porquê, então, tanto desolador desastre, tanta decepção esmagadora?

Entusiasmos, dedicações, voluntariado ardente, tudo sempre vencido, tudo ficando a meio caminho da decisão gloriosa, tudo tornado de súbito efêmero fumo.

Sempre na hora suprema os que se vendem por um «prato de lentilhas»; os que trocam as camaradagens pelos «trinta dinheiros»; os que põem de parte as «amizades incômodas» para se oferecerem às amizades «frutuosas»... Sempre a vileza do abandono de quantos foram inventados, criados, erguidos desde o anonimato dos *faits-divers* às maiúsculas da «primeira página» para, uma vez «lançados», logo esquecerem a

R O L Ã O P R Ê T O

mão generosa que os lançou... Sempre os aduladores do Poder, os calculistas, os que jogam na vitória.

Sempre a traição da ganância, a traição do lucro... A traição burguesa!

A traição daqueles que nós fizemos senhores e que só se dignam olhar-nos como escravos; traição de vilões que se vingam de ter sido «servos»; traição dos que têm fome de mando e que tudo fazem para se poderem saciar; traição daqueles que o Poder enche de *soberba* e que tudo sacrificam à vaidade de se manterem; traição dos que nos prometem a nós e aos contrários; dos que vão à missa e negam Cristo; dos que só têm opinião às escondidas; dos que fazem a «greve passiva»; dos que enfileiram nos cortejos de homenagem, compelidos; dos que sopram a tuba das propagandas, sabendo que mentem; dos que se afirmam delegados do povo, sabendo que o povo nem sequer os conhece; dos que pertencem à nobre arte de *escrever* e louvam a coacção do pensamento; dos que imitam os «grandes» para serem notados por eles; dos que não ousam romper com os erros dos antecessores e são a sua miseranda «pública forma» na continuação da injustiça; dos que fogem das pessoas de carácter por medo de se comprometerem com a sua atitude; dos

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

que assinam *de cruz* sentenças iníquas; dos que são duros na justiça para serem agradáveis à dureza *sistemática* dos Conselhos Judiciários; dos que aconselham os Reis a que joguem na *chance* de um partido, esquecendo-se que só podem ser Reis de tôda a Nação; dos realistas que esquecem os Reis para se servirem da República; dos republicanos que esquecem os deveres da sua dignidade de republicanos; dos que, para servirem as suas idéias, servem o estrangeiro; dos que seguem a carreira das armas e conspurcam a nobreza das suas fardas para servirem de lacaios e finalmente, dos que mostram desconhecer ou desprezar o aviso célebre que afirma serem as baionetas boas para tudo menos para se lhes sentar em cima... Traição burguesa... Traição de nós todos, traição que nos faz descrer das coisas em que mais cremos; traição do nosso egoísmo que nos faz hesitar por temor, recuar por comodismo, precipitar por orgulho, perder por vaidade...

Do alto da colina amarga, como ela é clara, real, constante, essa traição. E como é dever da nossa decepção denunciá-la!

CAPÍTULO IX

Caminhos de esperança

TERMINADA enfim esta dura guerra, renasce no dilacerado coração do homem nova esperança. Decerto, tão grande tragédia, cheia de tão duras provações para os povos, não poderá ser lição perdida e inútil... O seu pesado preço em sangue e lágrimas é o signo por que na História se anunciam as grandes épocas. O seu pesado preço... Mas, como poderiam os povos sair doutra maneira do inquietante bêco a que os conduzira a sua ilusão de nacionalismo exagerado e imperialista?

Clamara-se que as nações podiam e deviam satisfazer-se a si próprias com a sua única produção; erguera-se até às nuvens a altura das suas barreiras alfandegárias; isolaram-se em mundos hostis, que mutuamente se desconheciam e excluía, países, cada um dos quais se procla-

R O L Ã O P R Ê T O

mava o mais belo, o mais útil, o mais excelente, pelo presente ou pelo que fôra no passado...

O mundo estava retalhado em compartimentos estanques, dentro dos quais subia sem cessar o rumor de fábricas de guerra e de exércitos em marcha. As nações descobriam tôdas uma missão, um privilégio do Destino.

Como sair dêste sangrento equívoco senão daquela dura maneira com que na História a Providência teria cortado todos os nós górdios criados pelos erros.

Decerto a idéia de «nacional» era, e continua a ser, idéia benéfica e fecunda em riquezas espirituais, mãe generosa de sacrificios, heroísmos, e diferenciações proveitosas. Sôbre ela assentava o impulso da marcha humana e nela se encontrava o limite necessário a uma visão dos problemas sociais mais imperativos e de mais ingente solução.

De «nacional» se partia com segurança para «universal», abolido o sentido de exclusão, hostilidade e receio, para se afirmar a base de uma compreensão de realidades históricas, geográficas, económicas, úteis a uma colaboração dos valores específicos criados pela terra e pelo tempo, na marcha do género humano.

O «nacionalismo», tal porém como surgira

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

na exaltação das propagandas, — princípio de denominação e imperialismo — era uma idéia imprudente carregada de elementos explosivos perigosos.

Por isso razão tínhamos quando nos dizíamos apenas «nacionais» fórmula que excluía duas interpretações dos tempos, que mutuamente se repeliam: o «nacionalismo» e o «internacionalismo».

«Nacional» era a fronteira posta no espaço e no tempo ao esforço de uma geração que se propunha, no campo social, erguer o país ao ritmo da civilização dos outros países. E «Nacional» foi afinal a fórmula vencedora desta guerra, consagrada em todos os campos de batalha, triunfante mesmo sôbre a exaltação do «social», desde o «Trabalhismo» ao «Stalinismo»... Com efeito, para além das *Trade-Unions* mantém-se sempre o amor da Inglaterra, e para além da U.R.S.S. surgiu a velha Rússia....

Razão tínhamos também, por outro lado, proclamando o superior relêvo do social-económico, face às estéreis batalhas da política pura.

Diante do fenómeno geral das grandes «massas», fenómeno da crescente desproletarização, fenómeno da chegada cada vez mais volumosa dos que se aproximam do banquete da

vida e dêle querem partilhar, evidente se tornava a necessidade de uma orgânica social-económica que lhes desse cabida dentro da justiça e do interesse geral.

Finalmente, razão tinham aquêles que, como nós, afirmavam entender o sentido do grande clamor do nosso tempo: a conquista integral dos direitos da Pessoa Humana. Direitos políticos, direitos sociais, direitos económicos.

Os direitos políticos sem a garantia dos direitos social-económicos, verificara-se serem um lôgro, e isso trouxera a grande crise da Democracia. Mas esta tremenda crise, longe de significar renúncia, abdicação do homem nas mãos de quemquer que fôsse, significava antes o seu anseio de encontrar maior libertação para além das fórmulas caducas que já em nada serviam para o que tinham sido criadas.

Ilusão fatal seria, porém, essa dos tiranos que julgassem o momento asado para imporem a tirania do seu mando. O povo correra às organizações sindicais, às organizações político-sociais, às formações de combate na suposição de que êsses seriam outros tantos instrumentos do seu resgate e não do seu cativeiro. Resgate económico primeiro, pois demasiado pesou sobre êle o fardo das suas inquietações materiais para

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

poder jamais erguer-se no vôo das suas aspirações ideais. Resgate político logo depois, conquistada a independência económica, ponto de partida para encontrar os caminhos de tôdas as independências...

Hitler e Mussolini, êles próprios, assim o entenderam por certo quando, levando o povo aos supremos sacrifícios da guerra, lhes mostravam na conquista a fórmula de se obterem possibilidades novas para a solução do problema material que os inquietava.

Espaço vital... clamaram para a justificação do seu imperialismo.

Espaço vital... clama um pouco por tôda a parte o rural sem terra, o funcionário deficientemente pago, o trabalhador das indústrias que aspira melhoria de remuneração — todos os que trabalham e anseiam pelo trabalho numa situação em que possam ter mais liberdade de movimentos dentro das possibilidades económicas.

Só para êsse fim êles se sacrificam; só nessa esperança êles aceitam os limites que o estatismo socialista lhes impõe. Largo tempo êles esperaram isso da liberdade das fórmulas puramente democratas; mas estas só consagravam o direito aos mais fortes para esmagarem os mais fracos. À Democracia política faltou a contrapartida da Democracia económico-social.

Os sacrifícios que a experiência socialista acarreta são pois aceites de ânimo leve e alma alvoroçada com a reserva interior, porém, de que a condição que os trabalhadores impõem não seja desmentida.

Ai do «trabalhismo», por exemplo, agora tão largamente triunfante, se as suas promessas de resgate económico se não verificassem. Uma onda de liberalismo ergueria os ingleses decepcionados na hora em que verificassem a inutilidade de terem aceitado peias de que não resultasse fruto.

Mas o «trabalhismo» inglês parece bem atento às realidades gritantes do nosso tempo.

O seu programa eleitoral, prometendo a libertação económica pela nacionalização das grandes emprêsas de interesse público, isto é, pela substituição do capitalismo privado pelo Estatismo económico — forma de tentar alargar a muitos o benefício de poucos — o seu programa eleitoral oferecendo a protecção do Estado contra as traições da vida; dispondo-se a preparar, pelo aproveitamento da capacidade, as «elites» futuras e planeando o alargamento de seguros sociais e de reformas, de maneira a darem um sentimento de segurança individual e familiar indispensáveis — é um programa que pode trazer a alegria de viver a um povo que tão grande

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

esforço acaba de dar na tristeza de morrer...

A grande revolução da guerra encontrou assim na Inglaterra o eco mais profundo. Talvez tenha sido uma graça da Providência o facto de serem os ponderados e práticos anglo-saxões aquêles que primeiro surgem a orientar a marcha revolucionária depois de um conflito que mobilizou e trouxe à superfície, com tôdas as suas inquietações e todos os seus clamores de justiça, massas humanas de tão grande envergadura. Evitar-se-ão porventura ao mundo maiores violências e maiores tragédias.

A liberdade política individual dos ingleses juntar-se-à talvez a necessária justiça económica que elles reclamam.

Se assim fôr e, portanto, se às garantias individuais que os ingleses disfrutam — liberdade de expressão pública do pensamento, liberdade de associação, liberdade religiosa, etc. — a Revolução Trabalhista juntar a segurança económica, o Homem terá dado um passo em frente no caminho da dignidade do Homem.

Felizes os ingleses, que, pelas suas instituições políticas e tradição de costumes, puderam tentar a experiência revolucionária sem terem que usar da violência na conquista do poder e no seu livre exercício!

Exemplo para meditar, dado aos povos onde a falta de respeito pelo pensamento alheio e pela sua expressão nas urnas impossibilita tantas vezes as claras e serenas vias da sua marcha. A vitória do «trabalhismo» tem também êste raro significado: o exemplo de um povo que livremente *vota* e livremente escolhe os seus destinos, mesmo quando do lado do poder podia pesar o prestígio altíssimo de um homem como Churchill, que lhes ganhou a guerra e, mais do que isso, que foi na hora crítica a pessoa que por sua corajosa atitude decidiu dos destinos ingleses.

Um povo dêstes, com tão grande consciência dos seus direitos, pode na verdade obter frutuozos resultados na sua grande tentativa de resgate económico. Contanto que a obstinação doutrinária não venha perturbar com os seus exageros uma marcha que parece assegurada pela plena liberdade constitucional. Os ingleses não têm necessidade, como tantos outros, de substituir o *Capitalismo feito Estado* pelo *Estado feito capitalista* das tiranias estatistas da Burguesia.

É a grande vantagem de um povo avançado em civilização, com uma alta compreensão dos deveres e direitos e com o temperamento sereno dos anglo-saxões, essa de poder evitar servir-se

de fórmulas que pelo seu necessário rigor comprometem as intenções ou as desviam do seu caminho natural.

Outros povos há — compreenderão isso os ingleses? — que para fazerem a Revolução não podem ter a esperança de seguir tão sereno caminho. Só em verdade em países como a Inglaterra é possível os governos perderem as eleições. Daí a necessidade em que noutros povos se vêem os revolucionários de pôr de parte muitas vezes os meios legais como forma de conquistar o Poder. Quando muito êles aceitam a fórmula maurrasiana, que os aconselha a servirem-se «até de meios legais». A verdade, porém, é que sem o recurso de outros meios a Revolução não triunfaria jamais, pois nas urnas ela seria facilmente vencida. Isto explica as intervenções da fôrça armada ou a tática de combate de formações políticas que marchavam em coluna, elegiam um signo de aliança — fôsse a mão aberta ou o punho fechado — adoptavam um uniforme e tentavam conquistar o poder «militarmente».

No clima da Europa, depois da guerra de 1914-18, esta foi na verdade a forma que mais geralmente se adoptou para as lutas políticas.

Iniciou-a a acção de formações de antigos combatentes italianos e deu-lhe a primeira con-

sistência e o primeiro êxito Mussolini, criando o Fascismo. Iniciou-se o método fascista. Êste modo de conquista do Poder, tornado europeu, originou então um equívoco, fazendo que muitos considerassem fascistas todos os movimentos que do método de combate de Mussolini se serviam para os seus fins revolucionários.

Em verdade, porém, cada país tem as suas tradições políticas e os seus conceitos de governo muito particulares e por isso, adoptando um método novo de combate que lhes parecia a única maneira de conquistar o Estado face às plutocracias dominantes, nem por isso os partidos revolucionários adoptavam necessariamente as idéias do Fascismo italiano no que respeitava à forma de governar.

Tratava-se apenas de um *método*, método que o êxito generalizava e que as circunstâncias impunham, pois que fora das urnas onde a corrupção desvirtuava a livre expressão da opinião pública, as massas populares, cépticas, inteiramente desagregadas, seriam ineficazes perante o Poder.

A acção política tornava-se uma acção militar, quer se tratasse da conquista do Estado pelos partidos nacionais ou pelos partidos comunistas.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

A Democracia, atraída pela alta finança burguesa, dominada por ela, tornando-se incapaz de assegurar o livre jogo de diversos processos políticos de combate, não deixava outra alternativa do que a submissão às maiorias burguesas ou a revolta. A revolta não se afirmaria com multidões anárquicas e desordenadas nas ruas, não era a da metralhadora e do carro blindado. Só o golpe de Estado se afigurava com probabilidades de êxito.

Os partidos revolucionários tinham assim de criar um instrumento militar. Tal era o método da época. Cada época tem o seu.

A Revolução Francesa criara os clubes revolucionários, as associações secretas, as carbonárias. A Revolução, depois da guerra de 1918 criara o método militar.

Servindo-se de idêntica alavanca para mudar os destinos, nada porém mais diverso do que as ideologias que cada partido procura fazer triunfar com o seu esforço.

O caso português é bem concludente. Ao movimento Nacional-Sindicalista português foi desde o começo (Banquete do Parque Eduardo VII, Fevereiro de 1934) marcado pelo seu chefe o sentido das suas intenções «para além da Democracia, do Fascismo e do Comunismo».

Numa entrevista para a «United Press» em

R O L Ã O P R Ê T O

1933, publicada no jornal espanhol *Esfera*, disse claramente: «O Facismo e o Hitlerismo são totolitários, divinizadores do Estado, cesaristas: nós outros pretendemos encontrar na tradição cristianíssima do Povo Português a fórmula que permita harmonizar a soberania indiscutível do Interêsse Nacional com a nossa dignidade moral de homens livres».

*

Ergue-se pois sôbre o mundo, cansado de uma guerra sem par em sacrifícios e destruições, nova perspectiva cheia de esperança. O capitalismo, lançado na guerra, acaba por ser vencido por ela. A traição burguesa, suscitadora de imperialismos, sofreu rude contrapartida dos acontecimentos.

Um maior e mais vivo sentimento da aspirações populares irrompe por tôda a parte nas atitudes individuais e colectivas, onde quer que as circunstâncias especiais da hora permitem manifestar-se. A Burguesia, de traição em traição, para se assegurar e manter no Poder, vê agora aproximar-se o seu declínio.

Avizinha-se a hora do «povo?» Tudo leva a crer que assim seja. A última ilusão da Burguesia estará na sua crença de uma nova guerra...

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Secretamente ela a implora aos Deuses.

Grande foi assim, o seu desapontamento com a queda de Churchill, onde a Burguesia já julgava ver o fundador e chefe de uma nova «cruzada».

Para a Burguesia uma política *anti*, política de «cruzada» é uma política útil, pelo que separa, divide, retalha as massas e as aspirações populares, que é a forma de ela manter o seu poderio.

Mas a ilusão Churchill caiu. Os Estados Unidos parecem ainda afastados da «cruzada» salvadora, preocupados com o seu futuro no Oriente e no vasto mundo dos seus interesses imediatos. A nova guerra parece pelo menos adiada.

¿ Que vem aí ?

Tudo leva a crer que seja o «Povo».

E o que é o «Povo?».

O «Povo» é um conjunto de aspirações, de anseios, de inquietações, de que resulta a marcha em frente do Homem. O Homem que caminha à procura de pão, de justiça e de ideal — o homem pobre verme da terra, ente fraco e imperfeito, capaz de tôdas as misérias de espírito, mas, também, capaz de tôdas as grandezas de coração...

O «Povo» é esse Homem e não a *classe*, a

R O L Ã O P R Ê T O

casta, o *partido*, instrumentos da sua deformação e de traição dos seus destinos.

O triunfo do «Povo» fecha o círculo dos triunfos da Burguesia, liquidando a sua política de sangrentas antinomias; abrindo para cada nação a era de uma convergência geral de valores, de vontades, de aspirações no impulso comum do seu desenvolvimento espiritual e material, e abrindo um dia, entre tôdas as nações, a era de uma convergência geral de possibilidades humanas, capazes porventura de resolver os grandes problemas do destino do Homem no mundo. Eis pois chegada verdadeiramente uma nova época da História.

Vencidos os duros diques que os privilégios de tôdas as classes ergueram ao longo dos tempos, o povo entra agora em massa, invadindo como irresistível caudal as posições e lugares que outrora lhe eram vedados. O mal será que a sua ascensão se faça às cegas, de roldão devastador. Opor-se ao «povo» que hoje por tôda a parte impõe já os imperativos da sua presença é imprudência louca. Importa, porém, que a grande fôrça seja orientada, esclarecida, inspirada no caminho mais útil à sua própria marcha.

Criar o instrumento e a mecânica capazes de ser aceites e úteis à economia das fôrças popu-

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

lares tal é a alta função daqueles que sentem e entendem a grande onda da vida humana que se aproxima.

Falharão todos os princípios e todos os homens da Revolução se a tempo não se tiverem produzido os novos moldes em que a grande massa ígnea poderá tomar novas formas mais perfeitas, mas completas, mais harmónicas.

Seja como fôr é preciso contar com o povo e não para lhe ter medo ou aversão, mas sim para dar verdadeira representação às forças populares, na política, na administração, na economia. Bastará, por certo, de embustes da Burguesia para *camouflar* a sua tirania de classe eleita, onde quer que ela se mostre por êsse mundo, como eterna depositária da representação popular. Bastará também de sacrifícios das propagandas, elegendo «homens providenciais» à admiração dos povos, homens cuja «sabedoria» e «grandeza» os impossibilita de ser sensíveis aos anseios e à dor alheia.

Que o povo, orgânicamente integrado no Estado, obtenha, enfim, a garantia da sua representação directa nos Sindicatos, nos Municípios, nas Assembléias nacionais. Quanto aos «homens», é suficiente que êles sejam de bom coração e de espírito claro, que por sensibilidade e inteligência respeitem os direitos dos outros

homens. Só êles compreenderão a *era do povo* que se aproxima, êsse povo de que todos nós fazemos parte desde que nos desembaracemos de privilégios, rótulos partidários, conceitos de classe ou de casta, para convergirmos, como homens livres, no plano nacional e social do *bem comum*.

Eis, pois, nesta sombria noite do mundo, a madrugada do seu resgate... A hora do povo que vai soar. E, para que ela surja em plena luz de uma apoteose de maravilha, salta do gênio humano o mais vivo relâmpago das suas possibilidades criadoras, traduzindo-se na assombrosa conquista da energia atômica. No caminho dos seus destinos, o homem parece obter, enfim, por merecimentos de duro labor do seu espírito, a graça divina que alivia as penas do «pecado inicial»... Agora, que a terra se mostra mais do que nunca promessa bendita aos «homens de boa vontade», grande bem foi que a Providência concedesse à inteligência humana a possibilidade mais alta que até hoje sonhou: a de a possuir, dentro do reino da justiça, uma força que, aproveitada para o seu bem, parece poder salvá-los de maiores pesadelos.

O homem vai ter porventura na sua mão a grande alavanca indispensável aos seus destinos. Da posse dêles, quantos obstáculos que,

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

até ontem, apenas a esperança revolucionária tentava remover, vão de hoje em diante ser varridos do duro caminho humano! Na era nova, que surge, tôdas as possibilidades que o homem buscava para quebrar a grilheta do seu cativeiro de trabalho, se multiplicam por incalculável factor. A fôrça primeira, aquela mesma com que Deus teceu os mundos, ei-la generosamente revelada ao homem, mísero ente a quem Deus por alto dom concedeu o espírito.

Assim Deus bate no espírito do Homem e relembra-lhe que êle possui lá dentro um coração sensível, um generoso coração.

APÊNDICE
AO CAPÍTULO I

A Traição burguesa
no caminho da história

IDADE MODERNA ⁽¹⁾

DOS meados de século XIII em diante acelerava-se a queda das instituições medievais mostrando-se claramente ultrapassadas pelos tempos de uma nova época da História. O aparecimento dos exércitos do Rei para o lugar dos mercenários dos castelos e dos municípios e o desenvolvimento de uma burocracia fundamentada na vontade real ao contrário daquela que até ali tinha surgido sob o signo e pelo processo nobiliárquico — tais eram as alavancas maiores que aceleravam a marcha da transformação profunda.

O mundo disperso fervendo na batalha de «senhores», a «anarquia aristocrática» no dizer

(1) Êste sub-capítulo por lapso de revisão não veio impresso no seu lugar, entre os sub-capítulos «Idade Média» e «Revolução Francesa» do 1.º Capítulo dêste livro.

de Goethe, que nascera sôbre as ruínas do império romano ia agora, por sua vez, dar lugar a outro de conformação bem diversa.

Pouco a pouco, face aos castelos e municípios, tomava relêvo a entidade Nação e não já como coisa do soberano mas sim como conjunto de poderes e comandos de que o Rei era o centro motor e architecto supremo de destinos: a Res-pública.

Despontavam os primeiros clarões da Renascença e com êles ressurgia o Direito Romano diante do qual os Reis assumiam um mandato que os assemelhavam aos Príncipes da tradição de Roma — os *primeiros* — no quadro dos valores da Hierarquia em que assentava a soberania da Nação.

Verdadeira revolução era aquela, pois, o ressurgimento do Direito Romano, numa época em que as nações tomavam corpo, definiam linguagem própria, e condensavam as características essenciais da sua personalidade, tomava as proporções decisivas de uma linha de ruptura total entre os costumes e ordenanças medievais e os conceitos renovados das instituições herdadas de Roma.

Agora, de uma sociedade comunitária e solidarista por necessidade de defesa e segurança comum, passava-se a um mundo atomístico e

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

individualista cujo símbolo máximo se encarnava na pessoa do Rei, braço e garantia de todos. E, do homem complexo considerado até ali em função da sua vocação, solidariedade e ofício, passava-se ao homem simples indivíduo, visto apenas como unidade do grande somatório nacional.

Marchava-se então naturalmente para a concentração dos poderes e o que na verdade aparecia como libertação, processo de maior plasticidade social, redundaria necessariamente num desarmamento de pessoa humana, que desta maneira era deixada, isolada e só, em face de arbítrio do Chefe da Nação.

Predominava porém o critério dos Legistas — a primeira traição burguesa nos tempos novos — e, êsses, inspirados nas normas do direito, que em Roma tendera a assegurar sempre a hegemonia da oligarquia dominante, compraziam-se agora em quebrar e fazer desaparecer, um a um, todos os círculos de prerrogativas e de direitos particulares dentro dos quais se movia o homem, no ofício, na corporação e no município — círculos que se é certo limitavam a acção individual, eram, por outro lado, as couraças fortes que protegiam os indivíduos dos abusos do Poder.

Por ineficaz foi então caindo em desuso e

eliminada tãda a jurisdição medieval, e o Rei pôde um dia absorver, uma a uma, tôdas as classes, acabando por dominar totalmente a Nação.

Reage o Clero. Reage por tãda a parte a Nobreza e dessa tremenda luta que incendeia a Europa fica entre nós um derradeiro eco na conspiração que ela move contra D. João II e lhe deixa nas mãos o Duque de Bragança morto no cadafalso e o Duque de Viseu caído a golpes de punhal do próprio Rei.

De todos, aquêles que mais ràpidamente se submeteu trocando as liberdades antigas pelas possibilidades do favor real foi a Burguesia. Os Legistas, lançando as bases a um Estado Moderno que desconhecia completamente as regalias alcançadas pela experiência medieva, preparavam assim as condições de uma engrenagem em que a Burguesia teria o melhor lugar. Por sua traição se perderam, porém, tôdas as fontes que poderiam fertilizar a nova ordem, assegurando-lhe a possibilidade de, junto com novas liberdades, ser a garantia das liberdades antigas.

Mas a Europa era agora forte manancial de vitalidades criadoras. E as nações, na medida que se ia concluindo o processo da sua formação, revelavam-se carregadas de um potencial poderoso que se mostrava todos os dias no campo de novas ambições e de novos anseios.

Foi assim que um grande acontecimento, daqueles que marcam na vida da Humanidade sobre a terra, se produziu. Os portugueses e os espanhóis, lançados no caminho das descobertas geográficas, devassavam os mares, dobravam o Cabo da Boa Esperança, descobriam as Américas, chegavam à Índia e davam a volta ao mundo... Graças ao seu esforço temerário revelava-se enfim a verdadeira fisionomia do Globo e alargavam-se as possibilidades e a cobiça da Europa para as infindáveis terras da África, da Ásia, da América e da Oceânia. As consequências de tão grande prodígio foram, em todos os campos da actividade e sabedoria humanas, de uma importância decisiva. O homem pôde enfim conhecer com rigor a forma e a estrutura do planeta que habitava, as raças que o povoavam, os minerais e vegetais que elle continha.

Abrem-se à ciência novas perspectivas na geografia, na cosmografia, na investigação de todas as leis naturais que regem o mundo.

Sobretudo manifesta-se por toda a parte ardente curiosidade, desejo intenso de *saber*, e não apenas no campo de especulação pura, mas sim agora no campo dos factos e das coisas, libertos de preconceitos, abertos a toda a verdade fôsse qual fôsse. O homem debruçava-se como nunca sobre a natureza, para a ouvir

e para entender o profundo mistério da sua existência.

Surge então Copérnico, surge Roger Bacon... O caminho estava aberto a um Galileu, a um Giordano Bruno, e razão havia para tôdas as intuições geniais de um Leonardo da Vinci...

O comércio e a indústria tomavam incremento novo, ao mesmo tempo que os grandes problemas do homem sôbre a terra se equacionavam com novos factores.

Conhecida a posição que pisava, o homem lançava-se agora com mais segurança na descoberta do universo que o rodeava.

Uma concepção do mundo era agora possível e entrava no debate dos espíritos criadores. A esses daria um dia o justo método o pensamento clarificador e coordenador de um Descartes.

Entretanto, os problemas religiosos assumiam uma dramática presença. Face à revelação magnífica das maravilhas reais do universo, aquêles que mais se deviam alegrar e louvar Deus pelo dom que concedera aos homens de as poder descobrir e entender, consideravam pelo contrário como seu dever mostrar-se reservados e hostis. Do lado de onde, até aí, tinha vindo maior clamor pelos direitos da razão e da liberdade humana, surgia agora um espírito conser-

vador limitado, uma imposição sistemática de velhos métodos, um receio e uma prudência rotineiros... Esquecendo-se de que só em matéria de fé as suas opiniões tinham valor definitivo, julgou-se útil e necessário manter inabalável confiança contra tôda a evidência dos tempos novos, numa velha interpretação da cosmogonia Bíblica.

Era o tempo em que o espírito de «traição burguesa» apodrecia e fazia cair em flores murchas a gloriosa floração da Renascença itálica. Renascimento de maravilha tinha sido êsse que uma Burguesia livre e forte, fizera explodir em milagres criadores nas cidades autónomas setentrionais da Península. Actividade industrial e comercial esplêndidas — sábia organização política, garantia das liberdades individuais — liberdade de pensar, de concorrência, de expressão artística; riqueza obtida por intenso trabalho; cultura e arte erguidas aos mais altos cimos das possibilidades humanas.

Floração admirável que fizera brilhar no céu da Europa como estrêlas de primeira grandeza as cidades de Florença, Siena, Verona, Veneza... Campo esplendoroso onde nasceram e puderam subir às paragens mais puras do ideal criador, homens cujo nome tem um sabor quási divino — Dante, Giotto, Donatello, Leo-

R O L Ã O P R Ê T O

nardo da Vinci, Petrarca, Ariosto, Corregio, Miguel Angelo, Fra Angélico, Rafael, Ticiano, Botticelli e Tasso...

Depressa porém a ganância, a corrupção, a luta sem glória nem escrúpulos, secou a seiva bendita, mutilou a árvore sagrada, arrastando à decadência fulminante a Itália renovada. A burguesia, apodrecida, desfazia sem piedade toda a sua obra e, como nas cidades medievais da Flandres, atraía tristemente a sua missão.

Sobre essa Itália, corrupta e miseranda, soaria para sempre a amarga condenação de Ariosto:

*O d'ogni vizio fetida sentina
Dormi, Italia imbriaca!*

Como não compreender então que esse clima de decadência e perdição tivesse contaminado aqueles que, embora portadores do facho eterno da Igreja, eram contudo apenas homens, que julgavam e perseguiram como homens e assim por certo não puderam fugir ao mal do mundo que os rodeava e sinistramente caía em ruínas?

Também, pois, a traição burguesa determinava atitudes nefastas mesmo no campo religioso, atitudes de incompreensão e rigidez dogmática em face de problemas que exigiam ser encarados com toda a plástica espiritual e

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

atitudes condenáveis de manobras políticas que bem poderiam ser evitadas.

Assim Campanela e Giordano Bruno sofrem as durezas da perseguição. Assim Clemente VII se apoia no turco contra Carlos V.

Assim também a Reforma encontrava o clima propício. A traição do orgulho burguês... Sem a sua acção talvez que a unidade religiosa se pudesse ter mantido, talvez que os motivos que impunham a Reforma tivessem sido traduzidos em fórmulas que dessem satisfação aos descontentamentos, apesar do naturalismo da época e da rigidez dogmática; apesar da doutrina da graça e do livre-exame, das teorias da Imanência, do valor absoluto da Consciência e da Predestinação...

Assim, porém, aos erros do orgulho, de um lado opuseram-se, sem remédio, os erros do orgulho do outro. A conciliação não foi possível. Nem mesmo a sabedoria de Layonez e de Salmeron conseguiram convencer a revolta.

A Reforma seguiu o seu caminho apesar dos conselhos de Erasmo, apesar dos jesuítas e da Contra-Reforma. É que o Burguês encontrava na Reforma o seu clima natural. A sua religião verdadeira está na «sua consciência», fórmula onde cabem tôdas as imposições da sua vontade. Enquanto o catolicismo impõe uma submis-

são e um confessor, um «Director Espiritual», ao protestante basta o comando do seu «fôro íntimo» que é a fórmula cara à Burguesia, a fórmula capaz de conciliar tôdas as atitudes no tempo e no espaço, pois que para cada uma delas a «consciência» pode encontrar uma justificação.

É apenas em referência ao seu «fôro íntimo» que o burguês avalia os motivos da *consideração* alheia. E, desde que êle se suponha *considerado* pelos outros, está de bem com a sua consciência e isso é o suficiente para a sua tranqüilidade religiosa.

O protestantismo é assim sobretudo uma religião de «moderados», de «gente sensata», de «gente bem», como hoje se diz, é uma moral social de consciências. Ora, para o «burguês» que se diz ou supõe católico, também a fórmula do que é «conveniente» ou «não é conveniente» impera. O árbitro dessa medida está um tanto dentro dêle próprio, mas também está fora, e concretiza-se na pessoa do Banqueiro com quem trata de negócios e conhece a sua «pontualidade» nos pagamentos; na pessoa do lojista que lhe fornece a mercearia e que atesta o «rigor» das suas contas em dia; e, principalmente, na pessoa de cada sócio do seu Club que por certo o não aceitaria como confrade tôdas as noites à mesa do *Bridge* se o não «considerasse» digno disso.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Quanto ao Padre, o burguês católico tolera-o com cordialidade e vai até ao ponto mesmo de lhe pagar a cômgrua generosamente. Não vê, porém, nêle, e, isso é evidente, nada que equipare a «sua consideração» àquela com que o honram os outros, as pessoas referência da sua consciência de homem de negócios e de mundano...

Vai à missa como tôda a gente «bem educada», contribui para as obras pias. Que não o importunem, porém, com outras explicações... O seu dever cumpre-o...

Nesta liberdade de movimentos interiores; nesta independência unicamente condicionada pelo seu próprio julgamento; neste conceito que êle tem da sua vida e da vida dos outros, estão pois todos os princípios essenciais da sua moral e da sua religião.

O burguês não é pois católico. Embora não tenha disso «a consciência», a sua religião é naturalmente a protestante. É assim na City, na Wall-Street, na rua do Comércio... Todo o sucesso das seitas protestantes está na natural inclinação burguesa para as suas condescendências. Triunfaram mais facilmente nos países nórdicos porque exactamente nestes países as fôrças da Burguesia eram mais poderosas. Na medida porém, em que a Burguesia triunfa nos outros países, o seu afastamento do catolicismo, ao

menos no campo da comunhão efectiva dos *consentios* católicos, é coisa evidente.

No nosso tempo o fenómeno é de todos os dias. A Burguesia e de um modo particular a Alta-Burguesia, torna-se protestante, senão nos ritos, nas atitudes mentais face à vida e às realidades espirituais que a condicionam.

*

É evidente que o que há de fundamental na Reforma é o seu sentido político. Separando-se de Roma, Lutero liquidava a intenção de quantos procuravam realizar e manter um império Teocrático vindo a reforçar com novos factores a concepção do mundo baseada nos nacionalismos.

O Norte europeu sacudia mais uma vez o jugo do «império romano», mesmo quando parecera apenas ressurgir no plano de uma intenção religiosa—o universalismo do «mundo católico». O problema de independência do temporal surgira assim equacionado com novos elementos, o mais importante dos quais clamava dos dois lados da barricada no espírito de cada combatente: a Razão.

Durante séculos vai agora o Homem fazer o seu desesperado apêlo à nova divindade, à qual

acaba por erguer altares e oferecer um culto pela mão de Robespierre e da Revolução Francesa.

A fôrça de se teimar em impor certos absurdos para assegurar certos privilégios, orgulho e posições de domínio—a traição dos exageros de uns trazia a traição dos exageros doutros. À «Razão» opunha-se agora o «racionalismo». Para além de S. Tomás viriam a despontar os Filósofos. A curva que vai de Descartes a Kant traduz a marcha do conceito de Razão em face do facto novo: a *Experiência*.

Entretanto a Europa moderna ia no caminho exuberante da sua evolução.

Lançada na inquietação da descoberta dos valores da Terra, a que a «ciência» ia descortinando novos coeficientes, o homem passava da Alquimia à Química com Boyle; do magnetismo à electricidade com Gilbert; descobria as leis da Física experimental com Newton; o cálculo infinitesimal com Newton e Leibnitz; a astronomia com Copérnico e Galileu; a anatomia com Bichat; a fisiologia vegetal com Stefen, Hales; a classificação botânica com Jon Ray...

E, armando-se incessantemente com novos conhecimentos e novos métodos de investigação, lançava-se agora com dobrado impulso na grande indústria.

R O L Ã O P R Ê T O

Já Gutemberg tinha descoberto a fundição de letras e a máquina de impressão, revolucionando tãda a arte e indústria do livro. Hargreaves lança um dia o seu famoso tear. Watt descobre por fim a máquina a vapor, que, desde o grande Leonardo à marmita de Papin, era uma grande esperança em marcha.

O homem descobrira que «tudo era movimento» e então desenvolve um prodigioso esforço para encontrar tôdas as fontes de energia —tôdas as fôrças motrizes que Deus prodigalizara sôbre a terra.

Atomística, a civilização moderna encontra o verdadeiro signo da sua inquietação fazendo-se mecanicista. Diferenciada até a pura vontade individual pelas solicitações do seu «racionalismo» e do seu «naturalismo» tão vivamente revelados e incessantemente aguilhoados, a sociedade moderna sentia nascer dentro de si os impulsos de uma agitação que ia revolucionar o mundo até às suas mais profundas raízes.

Entretanto o plano da evolução política do Estado não correra paralelo, antes bem pelo contrário, ao plano da evolução das sociedades.

O Estado que, primeiro fôra o Príncipe, e no Príncipe encontrara porventura ainda certas correcções a neutralizar a dureza do seu

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

comando, era agora ao lado do Príncipe engrenagem impiedosa que cada vez mais alargava o âmbito da sua acção trituradora.

Já Cromwel fôra um chefe implacável, bem mais tirânico e sombrio em certas horas que o malaventurado Carlos I, que a Revolução ceifara. Mazarino, Richelieu, e Colbert foram «senhores indiscutíveis», que à sombra do poder Real se tornaram mais déspotas que os seus amos. Em Portugal o Marquês implantava também os métodos do Colbertismo, a que deu uma feição drástica particular; Campomanes e Flórida Blanca foram na Espanha o seu eco amargo; na Rússia o grande favorito de Catarina II, Potemkine, escreveu as mais duras páginas da sua história.

O Estado, no seu conceito moderno de Estado, só em verdade então nascera. Logo porém nasce com êle um estadismo esmagador e sem limites. No conflito entre as aspirações de liberdade dos governados e da tirania dos governantes, ia surgir a grande crise. A Burguesia, senhora da maior parte das engrenagens preparava-se para se apoderar do resto. Só a ela aproveitaria, pois, a acção racionalista da Enciclopédia. Demolido o prestígio do Rei, à sombra do qual a nobreza mantinha privilégios e possibilidades de comando; demolida a

R O L Ã O P R Ê T O

nobreza que nos seus próprios salões *fazia o leito* da nova ordem que ameaçava devorá-la; e demolidos os alicerces do poder da Igreja, a Burguesia triunfava. Tinha por si os Filósofos que, de Voltaire a Diderot, proclamavam a ruína da velha ordem; tinha por si o «Contrato Social» de Jean Jaques Rousseau e já por seu aliado natural era o impulso que vinha da revolta protestante. O antigo regime estava condenado. Os sucessos da Revolução Francesa estão, porém, bem longe de provar a sinceridade da Burguesia quanto ao seu desejo de fazer triunfar as liberdades e prerrogativas populares. Do que ela sobretudo cuidou foi de assegurar o seu próprio poderio. E assim a Burguesia, que atraíçara os destinos do Homem deixando perder as suas prerrogativas medievais em benefício do Cesarismo da Renascença, atraíçava outra vez êsses destinos instaurando uma nova tirania, agora claramente em seu exclusivo proveito.

Mas a bandeira onde ela inscreveu as palavras-fôrça, as palavras dinâmicas de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, a bandeira que traduzia as mais vivas inquietações do povo que ansiava já ser massa, levava-a à batalha e à vitória.

A T R A I Ç Ã O B U R G U E S A

Vitória burguesa... Traição burguesa.

Derrubou-se uma aristocracia—a dos valores atávicos do sangue. Surgiu logo uma outra — a dos valores plutocráticos da Burguesia.

E o Povo?

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	7
Introdução	9
Cap. I — <i>A traição burguesa no caminho da história</i>	19
A IDADE MÉDIA	33
A IDADE MODERNA (Vidé Apêndice).	
A REVOLUÇÃO FRANCESA	41
Cap. II — <i>A traição burguesa e as linhas de força nacionais.</i>	45
A TERRA	47
Cap. III — <i>A traição burguesa e as linhas de força nacionais.</i>	79
A AVENTURA	81
Cap. IV — <i>A traição burguesa e as linhas de força nacionais.</i>	109
O ESPÍRITO	111
A TRAGÉDIA DA «UNIDADE»	121

	Pág.
Cap. V — <i>A traição burguesa e as suas alianças</i> .	139
Cap. VI — <i>A traição dos mitos</i>	167
Cap. VII — <i>Talassocracia</i>	189
Cap. VIII — <i>No alto da colina</i>	211
Cap. IX — <i>Caminhos de Esperança</i>	233
<i>Apêndice ao Cap. I</i>	
A IDADE MODERNA	255

CORRIGENDAS

- Página 12 — Última linha, onde se lê «critério de interesse» leia-se «critério de síntese»
- Página 13 — Linha 16, onde se lê «virtudes materiais» leia-se «virtudes naturais».
- Página 24 — As linhas 10.^a e 11.^a devem ler-se: «perante os povos que de fora cobiçam, quando os não tinha em suas mãos por lei da guerra».
- Página 25 — O primeiro período desta pág. deve ler-se: «gente ciosa das suas regalias de cidadãos mas incapazes de outorgar essas regalias seja a quem fôr, capaz de aplaudir Sófocles, mas, incapaz de entender Anaxágoras e não hesita em fazer beber cicuta a Sócrates...».
- Página 26 — Linha 14 leia-se: «um exército de cidadãos».
- Página 68 — Linhas 19 e 20, *entre aspas*, citação de Ramalho.
- Página 84 — O que o Gama, clama é apenas — O piloto é Deus.

Por insistência do tipógrafo ficaram no *mesmo tipo* as duas linhas seguintes que são:

—Aventura, aventura, e as famosas palavras do Épico.

Página 112 — Linha 23, deve ler — a maior parte conserva, até colaborando, a sua liberdade de acção —

Página 135 — Linha 12, leia-se «em puro desperdício»,

Página 152 — Linha 11, onde está «tortoce» deve ler-se «táctica».

Muitas e desapiedadas *gralhas* assaltam ainda por outras paragens. À paciência e clarividência do leitor confiamos o seu extermínio depurador, já que nos é de todo impossível fazê-lo.

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

Este livro teve uma edição original de sessenta e quatro exemplares:

Cinquenta exemplares, no formato 16 x 23, em papel vèrgé ED. destinados aos bibliófilos da *Pro Domo*, numerados B. P. D. I. a B. P. D. L.

Catorze exemplares, no mesmo formato e papel, fora do mercado, e numerados de A a O.

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E
IMPRESSO PARA A «PRO DOMO»
NA TIPOGRAFIA RENASCENÇA
R. DA LUTA, 1-C, — LISBOA

CULTURA POLÍTICA

NÚMERO

16

- 17 — O Racismo
de *F. E. de Tejada Spinola*
- 18 — Da Monarquia
de *Dante Alighieri*
- 19 — Os Povos e os Reis
de *Faustino José da Madre de Deus*

A SEGUIR:

- O conceito camoniano de império
de *Rui de Riba-Côa*
- Os caracteres e benfeitorias da República
de *Fernão da Ilha*
- O burguês terá lugar no mundo futuro?
de *Jean de Normandie*
- A Doutrina política da Igreja definida pelos Papas
coord. e notas
de *J. S. da Silva Dias*
- Exorcismo das palavras
de *Luís de Almeida Braga*
- Hierarquia Social
de *Caetano Beirão*
- Universalismo Português
de *João Ameal*
- O exemplo de Paiva Couceiro
de *Fernando de Aguiar*